

LILIANA BORGES

**NAS REDES DO ESPORTE ESCOLAR:
PARTICIPAÇÃO E SIGNIFICADOS**

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
2002

LILIANA BORGES

**NAS REDES DO ESPORTE ESCOLAR:
PARTICIPAÇÃO E SIGNIFICADOS**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Eustáquia Salvadora e Sousa

Co-orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Maria Rabelo Gomes

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
2002

Borges, Liliana

B732n Nas redes do esporte escolar: participação e significados /
Liliana Borges. - Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2002.
107p.

Dissertação (mestrado em educação) - Universidade Federal de
Minas Gerais
Faculdade de Educação.

1- Esportes Escolares - Brasil 2- Esportes - Teses - Brasil 3- Educação
física - Brasil - pesquisa. I- Título. II - Universidade Federal de Minas Gerais.
Faculdade de Educação.

CDD: 613.7

Dissertação defendida em 18 de outubro de 2002.

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Eustáquia Salvadora de Sousa (FAE-UFMG) – Orientadora

Prof^a. Dr^a. Anna Maria Salgueiro Caldeira (PUC - Minas)

Prof. Dr. Tarcísio Mauro Vago (EEFFTO-UFMG)

Prof^a. Dr^a. Lucíola Licínio de Castro Paixão Santos (FAE-UFMG)

“Analisar a escola como espaço sociocultural significa compreendê-la na ótica da cultura, sob um olhar mais denso, que leva em conta a dimensão do dinamismo, do fazer-se cotidiano, levado a efeito por homens e mulheres, trabalhadores e trabalhadoras, negros e brancos, adultos e adolescentes, enfim, alunos e professores, seres humanos concretos, sujeitos sociais e históricos, presentes na história, atores na história” (Juarez Dayrell, 2001).

DEDICATÓRIA

À minha mãe Jerônima Bessa, que, refletindo os sinais de seu passado cheio de dificuldades e desamores, transborda amor e ensinamentos de viver, encorajando-me a lutar em busca do conhecimento e da felicidade.

Ao meu filho, Marcus Vinícius, que não se cansa de mostrar o quanto vale a pena viver.

Ao Marcus Vinícius, meu marido, pelo carinho e tolerância nas minhas ausências.

AGRADECIMENTOS

A, Deus, por permitir-me concluir este trabalho.

À minha família, especialmente a meu pai e a meus irmãos Díbio e Lino, pelo carinho e incentivo.

Ao Marcus Vinícius, companheiro, amigo e sobrevivente deste processo.

À CAPES, pelo subsídio financeiro em parte do percurso.

À Prefeitura de Goiânia, pela licença para aprimoramento profissional.

Ao deputado Aluzair Rosa dos Santos, ex-deputado estadual de Goiás, pela interferência na dispensa das minhas atividades.

Aos professores, funcionários e coordenadores do Programa de pós-graduação da FAE/UFMG, pela colaboração.

Aos membros da Banca Examinadora, pela leitura atenta e pelas contribuições: Anna Salgueiro, pelo acompanhamento especial nas primeiras discussões deste trabalho; Tarcísio Mauro Vago, pelo olhar atento e pelas sugestões. Lucíola Santos, que participou do processo de seleção no Mestrado.

À Ana Gomes pela objetividade no trabalho de co-orientação.

À minha querida orientadora, Eustáquia Salvadora de Sousa, pelos ensinamentos, pela atenção e dedicação, pelo compromisso, pela seriedade e pelo carinho.

Ao grupo de professores da Universidade Federal de Goiás, *campus* de Jataí, pela convivência em Belo Horizonte.

Ao professor Nivaldo Antônio Nogueira David (UFGO), pela colaboração e incentivo no projeto de pesquisa.

Aos professores, alunos e funcionários da escola pesquisada, pela colaboração e receptividade.

Aos colegas de turma do Mestrado, pelas discussões, brincadeiras e festas.

À Cláudia Caldeira Soares e Eliene Lopes Faria pelo auxílio na coleta de dados.

À minha amiga Renata Machado de Assis, companheira em toda a minha trajetória acadêmica, em que risos e lágrimas foram socializados.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
Capítulo 1 – ABORDAGEM METODOLÓGICA	14
1.1 A chegada à escola	15
1.1.1 A escola e os sujeitos da pesquisa	17
1.1.2 O processo de coleta de dados	19
Capítulo 2 – A ESCOLA RESPIRA ESPORTE.....	24
2.1 A aula de Educação Física: lugar das práticas esportivas	28
2.2 Os treinamentos: preparação da “elite” esportiva da Escola	34
2.2.1 Handebol.....	35
2.2.2 Futebol de salão	37
2.2.3 Atletismo	40
2.3 As olimpíadas	44
2.4 Esporte só dos alunos	46
Capítulo 3 – PARTICIPAÇÃO: DA "ELITE" ESPORTIVA AOS "DE FORA"	49
3.1 A seleção dos melhores: a "elite" esportiva da Escola.....	50
3.2 As condições do/as alunos/as da Escola.....	58
Capítulo 4 – O ESPORTE E SEUS SIGNIFICADOS NA ESCOLA.....	66
4.1 Das possibilidades de ascensão social a aquisição de valores e atitudes...	66
4.2 Construindo redes: as relações sociais nas práticas esportivas.....	78
4.3 Esporte: possibilidade de vivências lúdicas	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	102

RESUMO

Buscando compreender as práticas esportivas desenvolvidas na escola, este estudo orientou-se pelas seguintes questões: Que práticas de esporte realizam professores/as e alunos/as na escola? Como participam dessas práticas? Quais os fatores limitadores e facilitadores dessa participação? Que significados são atribuídos a essas práticas? A análise dessa problemática teve como referência o universo do “esporte de alto rendimento” com seus valores e princípios e o “esporte da escola”, pretendido pelo discurso crítico da Educação Física. A abordagem metodológica caracterizou-se como um estudo de caso, orientado por uma perspectiva etnográfica, tendo como unidade de análise uma escola da Rede Municipal de Belo Horizonte. Os procedimentos utilizados para a coleta de dados foram observação direta, entrevista, discussão de grupo focal e análise documental. Destaca-se na análise o caráter complexo das práticas esportivas da escola, permeado por um processo contínuo de inclusão e exclusão, ora se orientando por princípios e valores do “esporte de alto rendimento”, ora criando diferentes práticas esportivas próprias da Escola. Dos diferentes significados atribuídos às práticas esportivas destacou-se o esporte como possibilidade de: ascensão social e aquisição de valores e atitudes, como construção de redes de relações sociais; e de vivências lúdicas em parceria com o outro.

Palavras-chave: Esporte; escola; participação; significados.

ABSTRACT

Aiming to understand the sporting practices developed at school, this study is oriented by the following issues: what do sporting practices fulfill the aims of teachers and students at school? How do they participate in those practices? What are the restraining and facilitating factors of that participation? What meanings do they attribute to those practices? The analysis of those problems had as reference the universe of "high performance sports" along with its values and principles, and the "school's sport", claimed by the critical discourse of the Physical Education. The methodological approach was characterized as a case study, it was orientated towards an ethnographical perspective, having as locus of analysis a public school of the city of Belo Horizonte. The procedures used for collecting the data were direct observation, interview, focal group's discussion, and documental analysis. It came out of the analysis the complex character of those schools sporting practices, which reveals being full of inclusions and exclusions as in a continual process, either orientated by principles and values of "high performance sports", or creating different sporting practices of the school itself. Of the different meanings attributed to the sporting practices it came out the following: the sport as a means of learning values, rules and attitudes; way of incorporating of habits needed at reaping good health and body aesthetics; possibility of establishing social relations; ludic living in partnership with others.

KEY-WORDS: school, sporting practices, participation, meanings.

INTRODUÇÃO

Ao longo de oito anos, durante minha atuação como professora de Educação Física em escolas públicas de Goiânia/Goiás, entre 1989 e 1997, observei que muitos alunos apresentavam interesse diversificado durante as aulas: alguns davam prioridade a determinado esporte e outros, desinteressados, participavam apenas para evitar a reprovação por frequência.

Entretanto, esse quadro era modificado durante os recreios, ao término das aulas de Educação Física, nos finais de semana e em épocas de eventos esportivos, tais como torneios, campeonatos e olimpíadas internas. Nos recreios, alguns alunos e alunas — mesmo sem a autorização da direção — levavam bolas para praticar diferentes esportes com os colegas. Ao término das aulas e/ou nos finais de semana, quando a escola estava aberta e a quadra disponível, um número significativo de alunos organizava e participava intensamente de jogos de futebol, construindo suas próprias regras. Nos torneios esportivos, mesmo aqueles que demonstravam desinteresse pelas aulas pareciam eufóricos e alegres, procurando participar, envolvendo-se como jogadores, árbitros, organizadores ou torcedores.

Os eventos esportivos, além de estimularem a participação nas aulas de Educação Física, constituíam um espaço de seleção das equipes que representavam a escola nas competições promovidas por órgãos públicos responsáveis pelo Esporte e pela Educação. Esses torneios eram incentivados pela direção da escola, que liberava o material esportivo necessário, encarregava-se das premiações — medalhas, troféus ou certificados — e disponibilizava os espaços a serem utilizados para as competições. Além dos professores de Educação Física, alguns de outras áreas também se envolviam, apadrinhando turmas ou atuando como técnicos. Assim, participavam alunos, professores, funcionários e também a direção da escola. Ao perceber essa capacidade de mobilização que os eventos esportivos provocavam, passei a utilizá-los para seduzir maior número de participantes nas aulas de Educação Física, inclusive os não adeptos aos esportes.

Nessa época, a Educação Física brasileira experimentava um movimento de problematização do esporte que era ensinado na escola. Conforme afirma o Coletivo de Autores (1992, p.54), esse movimento se fundamenta na concepção de esporte como prática social que "institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal", sendo, portanto, uma "produção histórico-cultural" subordinada aos códigos, sentidos e significados da sociedade capitalista que o "cria e o pratica". Esses autores ressaltam que o esporte na escola pode ser caracterizado como um prolongamento da instituição esportiva — esporte olímpico, sistema

desportivo nacional e internacional —, tamanha é a sua influência: "Temos, então, não o esporte da escola, mas sim o esporte na escola".

Um dos autores que, naquele momento, apresentou uma crítica à maneira de ensinar o esporte na escola (especialmente nas aulas de Educação Física) foi Valter Bracht. Para ele, a Educação Física e a escola estariam subordinadas ao esporte, uma vez que teriam a responsabilidade de constituir a "base da pirâmide esportiva". Nesse sentido, a escola seria o local a fornecer os talentos esportivos. Ele ressalta também que na escola o esporte propicia a socialização para o consumo dos produtos e subprodutos esportivos e, como atividade de lazer, recruta, cada vez menos, parte de seu contingente de praticantes (1997, p.14).

Elenor Kunz (1994, p.33) reforça a crítica de Bracht, ao discutir o esporte de alto rendimento¹ – visto sob a perspectiva de mercadoria valorizada —, alertando que, diante do *status* que ele adquire em nosso meio, faz-se necessário o envolvimento de todo o processo educacional a fim de libertar-se dessa falsa consciência. Tal como no desenvolvimento de uma sociedade capitalista (industrial), o rendimento no esporte é também o "princípio máximo de todas as ações". O homem é, então, "excluído" e oprimido para condutas "das reações padronizadas e estereotipadas" pela automatização e mecanização dos modernos aparelhos de produção. No caso do esporte, porém, o homem é a própria máquina de rendimentos, que possui o "Instrumento", o corpo, e a "Função", o movimento, que, ajustados, podem trazer bons rendimentos (p. 23-24).

No final da década de 90, outras análises sobre o esporte na escola começam a circular na Educação Física em virtude das interseções sociais, principalmente políticas, desse fenômeno. A pedagogia da Educação Física incorporou o esporte, dando-lhe novos sentidos/significados. Ele se tornou um conteúdo legitimado no âmbito escolar que vai além dos muros da escola e reina em nossa cultura de movimento a ser desenvolvida nas aulas de Educação Física (Bracht, 1999, p.75). Assim, o esporte provoca impacto sobre a Educação Física, determinando seu conteúdo de ensino, "estabelecendo também novas relações entre professor e aluno, que passam da relação professor-instrutor e aluno-recruta para a de professor-treinador e aluno-atleta" (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 54).

Com essa idéia, o esporte veiculado nas escolas adotou os princípios do esporte de rendimento, quais sejam: a competição; o caráter seletivo; os princípios de rendimento atlético/desportivo (que buscam ou exigem um máximo rendimento físico-técnico ou atlético); a norma de comparação do rendimento e recordes (que idealizam o princípio de

¹ Esporte de alto rendimento é aquele institucionalizado, que tem por princípios a seletividade, a rivalidade, exaltação do vencedor, a competição, a exclusão. Sobre o tema ver também Bracht (1992; 1997).

sobrepujar); a regulamentação rígida, aceita no nível da competição máxima — as Olimpíadas; a racionalização dos meios e técnicas de cientificação do treinamento e o sucesso no esporte como sinônimo de vitória (KUNZ,1994 e BRACHT, 1997).

Também o Coletivo de Autores (1992,p.71) ressalta que

os pressupostos para o aprendizado do esporte, tais como o domínio dos elementos técnico-táticos e as condições fisiológicas para a sua prática, demonstram claramente que a finalidade a ele atribuída é somente a vitória na competição, colocando-o como fim em si mesmo.

Esses princípios são questionados pelos autores supracitados, por identificarem que com eles o processo educativo reproduz das desigualdades sociais, funcionando como um tipo de controle social que adapta o praticante aos valores e normas dominantes defendidos para a funcionalidade e desenvolvimento da sociedade.

Para o Coletivo de Autores (1992, p.71), uma abordagem pedagógica de esporte da escola deve considerar vários de seus aspectos, compreendendo os valores educativos atribuídos para justificá-lo no currículo escolar e questionando suas normas e condições de adaptação à realidade sociocultural da comunidade:

Na escola, é preciso resgatar os valores que privilegiam o coletivo sobre o individual. [...] o compromisso da solidariedade e respeito humano, a compreensão de que jogo se faz 'a dois', e de que é diferente jogar 'com' o companheiro e jogar 'contra' o adversário.

Segundo Kunz (1994), para a formação de “sujeitos livres e emancipados” é necessário a escola ir além da forma tradicional de ensinar esporte na busca do desenvolvimento da autonomia e da interação social. Assim, o ensino das práticas esportivas na escola não deve se concentrar apenas no treinamento de habilidades necessárias à prática do esporte, mas, principalmente, na interação social e na linguagem da estrutura comunicativa da educação. A interação social deve ser tematizada como objetivo educacional, valorizando o trabalho coletivo de forma responsável, cooperativa e participativa. A linguagem é entendida como uma categoria de ensino na Educação Física que possibilita, além da expressão verbal, a compreensão do "ser corporal" do sujeito, a linguagem do "movimentar-se", ou seja, a linguagem dos gestos e da imitação. No esporte, a interação aluno-aluno e professor-aluno deve capacitar aos alunos "um agir solidário, nos princípios da co e autodeterminação", conforme ressalta Kunz (1994, p.35-36):

É pela interação e linguagem que o conhecimento técnico, cultural e social do esporte é compreendido sem ser 'imposto' de fora, e na sua 'transformação didática' devem ser respeitados os conteúdos do 'mundo vivido' dos participantes para que as condições de um entendimento racional, que se dá ao nível comunicativo da intersubjetividade possa ser alcançado.

A "competência comunicativa" por meio da linguagem deverá permitir ao aluno,

entender criticamente o fenômeno esportivo, como o próprio mundo, com a consciência da codificação cultural e da produção ideológica envolvida nas várias dimensões da vida social (GIROUX; MC LAREN apud KUNZ, 1994, p. 41).

Para Tarcísio Mauro Vago (1996, p.10), é importante que a Educação Física avance no sentido de construir uma relação de tensão permanente entre “uma prática de esporte produzida e acumulada historicamente e uma prática escolar de esporte (a cultura escolar de esporte).

O autor também ressalta que, uma vez que a escola é uma instituição social inserida numa sociedade que produz e pratica o esporte moderno, é fundamental para toda a sociedade que ela favoreça o debate e a crítica

dos códigos e valores agregados ao esporte pela forma capitalista de organização social para construirmos outros valores a partir da escola (a solidariedade esportiva, a participação, o respeito à diferença, o lúdico, por exemplo) (VAGO, 1996, p. 13).

Para a compreensão do esporte na escola, outras questões formadas além do âmbito acadêmico, do campo das idéias e das teorias, advindas da própria prática, devem ser levantadas, fazendo-se necessário dar voz aos próprios sujeitos envolvidos direta ou indiretamente nesse movimento, no caso, professores e professoras, alunos e alunas.

Estudos recentes, como os de Eliene Faria (2001), Sávio Assis (2001) e Admir Almeida Júnior (2002), têm apontado para a existência de outras possibilidades de práticas esportivas na escola que não a reprodução, o rendimento e a busca de alunos talentosos.

No trabalho de Faria (2001, p.156), desenvolvido no contexto de escolas públicas de Belo Horizonte, são discutidos usos e significados do esporte na cultura escolar considerados ambíguos, especialmente nas aulas de Educação Física, uma vez que são "estruturados em uma tessitura de dominação, alienação, prazer, ludicidade, emancipação". A autora apresenta alguns elementos que influenciam a constituição do esporte na escola, tais

como o esporte produzido fora dela, as práticas docentes e o estabelecimento escolar (espaço, tempo, regras, normas e outros). Algumas tensões vividas no processo de apropriação, apresentando a dinâmica e a heterogeneidade do esporte na cultura escolar, nos são mostrados, destacando-se a produção de valores e normas associados à exclusão, à competição, à rivalidade e à seleção. Segundo a autora, as relações escolares não são homogêneas, porque são confrontadas permanentemente com práticas de inclusão, de cooperação e de ludicidade. Nesse sentido, além da relação entre o esporte produzido fora da escola com o esporte na cultura escolar, os seus usos e significados obedecem a especificidades relativas às instituições de ensino.

O trabalho de Almeida Júnior (2002), também desenvolvido em Belo Horizonte, descreve e analisa o processo de construção dos saberes docentes apropriados e produzidos na prática cotidiana de uma professora de Educação Física de uma escola municipal. No que se refere ao tema esporte, destacam-se dois saberes relativos a um processo dinâmico de "re-invenção" das práticas esportivas buscando produzir novos sentidos e significados para o esporte nas aulas de Educação Física.

Na pesquisa participante de Assis (2001, p.199), desenvolvida em Recife, são apresentadas as possibilidades de mudanças no esporte da escola, alterando a sua atual dinâmica de "essencialmente competitiva e aparentemente lúdica", para outra, "qualitativamente distinta, essencialmente lúdica e aparentemente competitiva".

O autor lembra:

Para que se efetivem mudanças no esporte que tem lugar na escola, é preciso, também, aprender a fazer esporte com as experiências práticas das comunidades. É preciso reconhecer que o esporte de fora da escola tem algo mais, além do que a indústria cultural oferece. É preciso aprender, por exemplo, com as pessoas comuns que se reúnem para jogar, para bater bola, para organizar festas esportivas, independentemente dos resultados, de dinheiro e de reconhecimento público. É preciso aprender com o futebol de rua que ensina de forma indiscutível que o melhor jogo é aquele auto-organizado (p. 198-199).

Esses três últimos estudos referidos nos mostram que o esporte é realizado na escola de modo dinâmico e heterogêneo, sendo, portanto, importante investigar e discutir suas especificidades nessa instituição.

Essas discussões e estudos, além de minha própria experiência como professora, aguçaram meu interesse em investigar o esporte realizado na escola, desencadeando nas seguintes questões: *Que práticas de esporte realizam professores e alunos na escola? Como*

participam dessas práticas? Quais os elementos que possibilitam e/ou limitam essa participação? Que significados atribuem a essas práticas esportivas?

Norteadas por essas perguntas, o meu objetivo, nesta pesquisa, foi apreender e compreender o esporte em uma escola pública, com sua cultura e suas práticas. Isso exigiu debater o esporte a partir de dois universos de referência que se interpenetram: o universo do esporte de alto rendimento, com seus valores e princípios, e o do esporte da escola, presente ou pretendido pelo discurso pedagógico da Educação Física.

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresento a Escola, seus sujeitos, os instrumentos, o processo de coleta de dados e a metodologia utilizada. No capítulo 2, discuto os tempos e espaços das práticas esportivas na Escola, bem como suas diferentes formas de organização. No capítulo 3, abordo as formas de participação nas práticas esportivas inseridas num processo de inclusão e de exclusão, bem como os elementos limitadores e facilitadores presentes nesse processo. No capítulo 4, analiso os diferentes significados atribuídos ao esporte pelos alunos e professores. Nas Considerações Finais, destaco os principais aspectos discutidos ao longo do trabalho e as questões suscitadas pelo estudo.

Capítulo 1

ABORDAGEM METODOLÓGICA

Que ele [o pesquisador] coloque nessa construção toda sua inteligência, habilidade técnica e uma dose de paixão para temperar (e manter a têmpera!). Mas que cerque o seu trabalho com o maior cuidado e exigência, para merecer a confiança dos que necessitam dos seus resultados. (MENGA Lüdke, 1986).

Neste estudo, adotei uma abordagem qualitativa, que, como nos alerta Cláudia Fonseca (1999), exige o enquadramento social (político, histórico) do comportamento humano, no intuito de descobrir a relação sistêmica entre os diferentes elementos da vida social. É no ir e vir de semelhanças e divergências, na percepção e no confronto das particularidades dos casos diferentes e no uso dessas particularidades para aprofundar a análise que se retomam as sutilezas da análise social. A abordagem qualitativa dá especial relevo ao contato pessoal do pesquisador com seu “objeto” e propicia o estudo da dimensão simbólica, ou seja, do "mundo dos significados". Para a autora,

ao cruzar dados, comparar diferentes tipos de discurso, confrontar falas de diferentes sujeitos sobre a mesma realidade, constrói-se a tessitura da vida social em que todo valor, emoção ou atitude está inscrita (p. 64).

Além disso, segundo Sari Biklen e Robert Bogdan (1994, p.49), a investigação qualitativa

exige que o mundo seja examinado com a idéia de que nada é trivial, que tudo tem potencial para construir uma pista que nos permita estabelecer uma compreensão mais esclarecedora do nosso objecto de estudo.

O estudo de caso, orientado por uma perspectiva etnográfica, pareceu-me a abordagem metodológica mais apropriada a ser adotada nesta pesquisa, considerando, como Marli André (1995), que se trata de uma metodologia que possibilita uma visão profunda e, ao mesmo tempo, integradora de uma unidade composta de múltiplas variáveis. Além disso, ela permite retratar situações do dia-a-dia e o uso de múltiplas fontes de dados, possibilitando a percepção da realidade de modo contextualizado.

Sobre a investigação na perspectiva etnográfica, lembra Elsie Rockwell (1989), não é necessário definir previamente o marco teórico, porque a teoria vai sendo construída num movimento dialético entre a conceituação da realidade estudada e o referencial teórico. Assim, as categorias de análise são construídas na busca contínua do sentido observado. O quadro definidor da metodologia do estudo de caso é constituído, conforme ressalta Mauro Roese (1998, p.193), pela

pluralidade de técnicas auxiliares (quantitativas e qualitativas) para a composição de um quadro detalhado do caso, a contemporaneidade (que o diferencia de um estudo histórico) e análise intensiva.

Para o autor, o estudo de caso é uma experiência prática. Para entender o caso, buscamos onde ele está ou onde achamos que ele tenha a possibilidade de ocorrer, tentando entender o seu processo de difusão.

Foi com esse olhar que selecionei a escola na qual realizei a pesquisa de campo, durante oito meses, de março a novembro de 1999, com a regularidade de três vezes por semana, perfazendo um total de aproximadamente 288 horas no campo.

1.1 A CHEGADA À ESCOLA²

Para a escolha da escola, procedi a um levantamento de informações junto a professores da Rede Municipal de Ensino de Belo Horizonte, que atuavam no Centro de Aperfeiçoamento de Professores (CAP). Eu buscava uma escola que tivesse disponibilidade de espaços, materiais e equipamentos para as práticas esportivas, oferecesse uma variedade de modalidades esportivas regularmente, promovesse eventos esportivos e participasse de campeonatos externos.

No processo de busca, durante vários dias observei três escolas indicadas e selecionei aquela que apresentava os requisitos acima descritos, além de evidências que, embora tivessem suas especificidades, permitissem discutir aspectos da prática do esporte comuns a diferentes contextos escolares.

Depois de já ter passado pelo mesmo processo duas outras vezes, até encontrar essa escola, eu carregava certa intranqüilidade na busca do meu precioso local de pesquisa. Foi de estranhamento o meu primeiro sentimento ao subir as escadarias do prédio. Era uma

² Escola com “E” maiúsculo será o nome dado à escola pesquisada, buscando manter o anonimato desta instituição e, ao mesmo tempo, entendendo que, apesar de suas especificidades, ela tem muito em comum com muitas escolas brasileiras.

arquitetura bela e imponente, incomum nas escolas públicas atuais. Sentia-me pequena diante daquele ambiente com o qual eu pretendia lidar e receosa de enfrentar esse desafio, pois tudo era novo para mim.

Apesar da incerteza que me assombrava, os troféus expostos já na portaria principal me diziam que finalmente poderia encontrar o local da minha investigação.

Na busca de aproximação com os professores de Educação Física, coloquei-me como uma colega de profissão, que atuava no Estado de Goiás e, temporariamente, encontrava-se em Belo Horizonte para desenvolver pesquisa sobre o esporte na escola. Além disso, aquela escola me havia sido indicada como uma das de maior tradição esportiva da cidade.

Ao contrário do que eu receava, os professores e professoras de Educação Física, incluindo a que exercia a direção da Escola, foram quase sempre receptivos. Apenas em alguns momentos tive a impressão de estar incomodando, porque não dispunham de tempo para serem entrevistados por mim. Entretanto, após as entrevistas me pareceram mais descontraídos com a minha presença, alguns deles sempre se oferecendo para os esclarecimentos que se fizessem necessários.

Na sala dos professores, onde se reuniam docentes de todas as áreas e, raramente, os de Educação Física, olhavam-me rapidamente e, muitas vezes, os meus cumprimentos não eram correspondidos. Alguns me olhavam com ar de curiosidade e nunca me convidaram para participar do café que era servido durante o horário de recreio. Ali, era um lugar no qual eu nunca me sentia à vontade, pelo contrário, sentia-me reprimida e vigiada.

No início do trabalho de campo, quando me sentava perto dos alunos, logo se afastavam, passando-me a sensação de que eu os incomodava. O mesmo não acontecia com as alunas. Numa das aulas, aceitei o convite de uma delas para dançar forró, com a intenção de deixar que se estabelecesse ali algum tipo de relação mais próxima. Com o passar do tempo, fui me sentindo aceita e à vontade para conhecer melhor a Escola.

Mas que escola era essa?

1.1.1 A Escola e os sujeitos da pesquisa

A Escola escolhida foi criada em 1936. Até 1972, funcionou como instituição particular de ensino, ano em que passou a pertencer à Rede Municipal de Belo Horizonte (RMEBH).³

O prédio principal da Escola foi construído em 1939 e o seu projeto arquitetônico previa a construção de espaços para práticas esportivas, incluindo *ginásio* e *pista de atletismo*, uma inovação para a cidade Belo Horizonte da época⁴. Em razão da importância desses espaços para esta pesquisa, eles serão discutidos mais detalhadamente no próximo capítulo.

Na época da pesquisa de campo, o quadro administrativo da Escola era composto por 45 funcionários e o corpo docente por 113 professores. Nela estavam matriculados 2.844 alunos, sendo 995 no período da manhã, 866 à tarde e 983 no período noturno. Eram organizados em 50 turmas do Ensino Médio — turnos matutino e noturno — e 25 do Terceiro Ciclo do Ensino Fundamental — turno vespertino.

A Escola passou a se organizar por ciclos de formação a partir da implantação da Escola Plural no Sistema Municipal de Ensino de Belo Horizonte⁵, em 1995.

Dados obtidos por meio de depoimentos mostram que, quanto às condições econômicas, o corpo discente é composto majoritariamente por alunos de “classe média” e “classe média baixa”, considerando o local de moradia (diferentes bairros de classe média, nas periferias de Belo Horizonte ou nas cidades vizinhas); a utilização de transporte coletivo para se locomover até a Escola; as profissões dos pais; a estrutura familiar; o acesso a bens de consumo; dentre outros.

Dentre os sujeitos, foram selecionados como informantes da pesquisa os **quatro professores** e as **quatro professoras** de Educação Física que atuavam na Escola, com idade entre 40 e 50 anos, todos licenciados em Educação Física pela Universidade Federal de Minas

³ Essa Rede foi criada em 1948 para atender a "famílias modestas sem recursos para a educação de seus filhos", porque nesse período não havia curso "ginásial" gratuito na Capital (SILVEIRA NETO, 1973, p. 5).

⁴ Segundo Silveira Neto (1973) "era um dos mais destacados do ensino médio na Capital" (p. 30). Suas instalações tinham tanto destaque, que nos anos 50, ela abrigou uma Escola Superior de Educação Física. Sobre a planta original, ver BERTI (2000).

⁵ A introdução dos "ciclos de formação" em substituição às séries, adotados pela proposta da Escola Plural, busca romper com a estrutura escolar pela apropriação de novos saberes sobre o aprender e o ensinar, exigindo uma postura mais reflexiva e crítica dos/as professores/as diante do trabalho. Segundo Soares (2000), "a Escola Plural propõe uma nova lógica, centrada na construção de identidades, de auto imagens, que permite o convívio entre sujeitos da mesma idade, do mesmo ciclo de formação" (p. 14). A autora ressalta que "o ciclo é um tempo contínuo, compreendido como um todo, como um tempo de formação que não pode ser fragmentado ou subdividido em anos ou fases. Identifica-se com um tempo de formação próprio do desenvolvimento humano: infância, pré-adolescência e adolescência. O ciclo de formação humana tem como fundamento a idéia de processo", de construção e aquisição do conhecimento, não acontecendo "de forma linear, mas num movimento de idas e vindas, cíclico", inter-relacionados ao desenvolvimento integral da pessoa (p. 14).

Gerais (UFMG) nos anos 70 e 80. O tempo de atuação desses docentes na Escola, a trajetória esportiva e a atual função de cada um são descritas no Quadro 1, a seguir:

Quadro 1
Trajетória esportiva e funções dos docentes⁶ de Educação Física da Escola

NOME	Tempo na Escola	CURRÍCULO [ESPORTIVO]	FUNÇÕES NA ESCOLA	ATUAÇÃO FORA DA ESCOLA
VÂNIA	9 anos	<ul style="list-style-type: none"> – Atleta 15 vezes campeã mineira de handebol – Participou de Jogos Estudantis Brasileiros e dos Jogos Estudantis Universitários – Ex-técnica da seleção mineira de handebol – Técnica em jogos estaduais 	<ul style="list-style-type: none"> – Coordenadora do turno vespertino – Ministra aulas de Educação Física – Técnica de equipes de handebol 	<ul style="list-style-type: none"> – Técnica de equipes de handebol de clube esportivo – Árbitra da Federação Mineira de Handebol
ALADI	13 anos		<ul style="list-style-type: none"> – Ex- vice-diretor da Escola – Coordenador do projeto <i>Sábado Esportivo</i> – Coordenador do departamento de Educação Física – Ministra aulas de Educação Física 	<ul style="list-style-type: none"> – Coordenador de esporte do Clube dos Oficiais da Polícia Militar de Minas Gerais – Como empresário, presta serviços de esportes e lazer a dois clubes e em uma escola particular; – Possui uma Escolinha de futebol
PAULO	12 anos	<ul style="list-style-type: none"> – Ex-atleta de futsal – Técnico de equipes de futsal em clubes – Técnico da seleção brasileira de futsal. 	<ul style="list-style-type: none"> – Técnico de futsal – Ministra aulas de Educação Física 	<ul style="list-style-type: none"> – Professor de Educação Física em uma escola particular – Técnico da seleção brasileira de futsal
DARLENE	11 anos	<ul style="list-style-type: none"> – Trabalhou na Secretaria Municipal de Esportes, dirigindo um departamento de atividades esportivas – Ex-técnica de natação – Ex-técnica de voleibol – Ex-técnica de basquete 	<ul style="list-style-type: none"> – Coordenadora pedagógica – Ministra aulas de Educação Física – Coordenadora do projeto Recreação 	<ul style="list-style-type: none"> – Promotora de eventos esportivos em empresas
EDUARDO	15 anos	<ul style="list-style-type: none"> – Técnico de clubes – Técnico da seleção mineira de atletismo. 	<ul style="list-style-type: none"> – Técnico de atletismo – Ministra aulas de Educação Física 	<ul style="list-style-type: none"> – Professor de Educação Física em duas escolas: uma estadual e uma particular; – Técnico de atletismo de um clube – Diretor de uma entidade esportiva
RINAQUE	15 anos	<ul style="list-style-type: none"> – Técnico de futsal – Técnico de handebol – Ex-atleta da seleção brasileira de futsal – Ex-técnico da seleção mineira de futsal. 	<ul style="list-style-type: none"> – Ministra aulas de Educação Física 	<ul style="list-style-type: none"> – Trabalha com treinamento de futebol em um clube – Professor de Educação Física em uma escola particular
ANA MARIA	15 anos		<ul style="list-style-type: none"> – Ministra aulas de Educação Física – Técnica de natação 	
JANDIRA		Ex-atleta de handebol, com participação em campeonatos mineiros e brasileiros estaduais e clubísticos.	<ul style="list-style-type: none"> – Diretora da Escola 	

Além desses, foi também informante o vice-diretor, professor de História, por sempre contribuir com os eventos esportivos.

⁶ O nome dos docentes apresentados no Quadro 1 são fictícios. Foram escolhidos na intenção de homenagear meus ex-professores de Educação Física.

O conjunto de informantes foi, ainda, composto por **26 alunos e 18 alunas**, na faixa etária entre 11 e 15 anos, que estudavam no turno da tarde. Na seleção desses depoentes considerei, como sugere Paul Thompson (1992), a potencialidade de contribuição para os propósitos da pesquisa, neste caso, a participação nas práticas esportivas, em diferentes espaços e tempos da Escola.

1.1.2 O processo de coleta de dados

Neste estudo adotei a observação direta, como técnica de coleta de dados, pelo fato de ela ser, independentemente do nível de verbalização e de conhecimento dos sujeitos pesquisados, uma forma de identificar comportamentos não intencionais ou inconscientes, permitindo também o registro em seu contexto temporal e espacial (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998).

Dando centralidade ao ponto de vista dos sujeitos, observei-os no contexto escolar, considerando a história da instituição e suas particularidades. Seguindo as recomendações de Clifford Geertz (1998, p.105), procurei

saltar continuamente de uma visão da totalidade através das várias partes que a compõem, para uma visão das partes através da totalidade que é a causa de sua existência, e vice-versa, com uma forma de moção intelectual perpétua, buscando fazer com que uma seja explicação para a outra.

Ao descrever detalhes, sem perder de vista a totalidade, orientei-me pelas questões levantadas por Geertz (1998, p.105-106) na observação de um jogo de beisebol: o que é um bastão, uma bastonada, um turno, um jogador de esquerda, um lance de pressão, uma trajetória curva pendente, um centro de campo fechado e também como funciona o jogo que contém todos estes elementos?

No período inicial da coleta de dados, selecionei documentos escritos, os quais contribuíram para a preparação das observações, do apontamento de novos aspectos da realidade pesquisada e também para a construção do roteiro das entrevistas. Entre esses documentos, destaco: o Regimento da Escola; a grade horária da Educação Física nos diferentes turnos; os critérios adotados na definição da carga horária de cada turno; os projetos de treinamentos; a programação de eventos e festividades; e fotografias dos participantes das Olimpíadas internas.

A análise desses documentos indicou que a maioria das práticas esportivas institucionalizadas acontecia no período da tarde, com a participação majoritária dos (411) alunos e (455) alunas, do 3º Ciclo do Ensino Fundamental. Por esse motivo, centrei minhas observações no turno vespertino e no tempo de treinamento das equipes esportivas, ou seja, o período de 14 às 21 horas.

No terceiro Ciclo de Ensino Fundamental estão matriculados alunos que se encontram no período característico da adolescência, na faixa etária entre 12 a 15 anos.

O *pátio* foi o espaço privilegiado de investigação, pois me permitiu observar o movimento da cantina e dos transeuntes, bem como os vários ambientes ao mesmo tempo, como quadras de esporte, pista de atletismo, a piscina, os vestiários, o estacionamento, a entrada da Escola, a sala do grêmio estudantil. Ali me senti no palco das práticas esportivas programadas e não programadas pela Escola. Outro espaço privilegiado de observação foi o *ginásio* de esportes, cenário de inúmeras práticas esportivas e diferentes eventos da Escola.

Observei também o que ocorria nas salas do Departamento de Educação Física e da Coordenação do turno vespertino, por verificar que aqueles também eram locais onde eu poderia obter informações sobre o meu objeto de estudo, já que havia um grande envolvimento da coordenadora de turno, também professora de Educação Física, com os eventos esportivos.

Observações, descrições, dúvidas e reflexões foram anotadas num caderno de campo, o que fiz quase sempre na Biblioteca da Escola, preservando uma privacidade para os registros. Algumas vezes, a fim de não me afastar de uma situação que me parecia relevante, registrei palavras-chave que pudessem indicar-me o fato, para posteriormente relatá-lo.

No início, as anotações eram demasiadamente extensas. Entretanto, com o tempo fui familiarizando-me com as situações, com os sujeitos, com os tempos e espaços, e também com o ato de registrar, tornando-o mais sucinto.

Após, aproximadamente, 40 dias de observação, a fim de facilitar a sistematização das informações, passei a utilizar fichas de registro dos dados referentes a cada um dos docentes de Educação Física e de cada projeto de prática esportiva. Essas fichas me permitiram um rápido acesso às informações, facilitando-me fazer acréscimos, (re) considerações e comentários.

Buscando melhor compreensão das práticas esportivas da Escola, além da observação, ouvi diferentes sujeitos, por meio de *entrevistas semi-estruturadas*, *entrevistas como conversas* e *discussões em grupos focais*.

As *entrevistas semi-estruturadas* foram realizadas, inicialmente, com um aluno e uma aluna que participavam do treinamento de atletismo e handebol, respectivamente. Na época, por causa de uma paralisação das escolas municipais de Belo Horizonte, o local das entrevistas foi a residência de dois deles. Esses foram os primeiros contatos formais que tive com alunos da Escola. Apesar de recear que isso fosse um pouco constrangedor, elas transcorreram com tranquilidade, sem nenhum tipo de comprometimento das informações. Além disso, essas primeiras entrevistas serviram para testar o roteiro planejado e a minha habilidade nesse procedimento. A partir delas pude adequar a linguagem por mim adotada e reformular as perguntas planejadas.

Além desses, foram entrevistados, nas dependências da Escola, dois alunos, sendo um o responsável pelo torneio de basquete na Escola e o outro, que, além de dirigir os treinamentos de basquete, ajudava os professores/as de Educação Física a organizar as competições de natação durante as Olimpíadas.

As *entrevistas semi-estruturadas* foram também realizadas com os quatro professores e as quatro professoras de Educação Física, buscando conhecer a trajetória profissional deles, os esportes que ensinavam e seus significados, os sujeitos que participavam dos treinamentos, o compromisso e o envolvimento da Escola com o esporte, os limites e as possibilidades de sua prática.

Também foram entrevistados a diretora e o vice-diretor, que me deram informações sobre a organização da Escola e os significados das práticas esportivas ali desenvolvidas.

Essas *entrevistas semi-estruturadas* tiveram a duração aproximada de 40 minutos e foram realizadas em diferentes locais da Escola, por indicação do/a professor/a. Em todas, procurei ficar em um espaço a sós com o/a entrevistado/a, quando pude inicialmente esclarecer o meu trabalho e pedir permissão para a gravação.

Nas *entrevistas como conversas*, em determinadas situações e circunstâncias particulares, que considerei pertinentes, conversei com várias pessoas, observando seus gestos e palavras, descrevendo e registrando as informações importantes para a minha análise, conforme sugere Burgess (1984).

Dessas *entrevistas como conversas* participaram: um aluno que fazia "mágica" com as cartas durante as Olimpíadas; cinco alunos integrantes de uma banda que se apresentou na abertura das Olimpíadas; quatro alunos que formavam um grupo de batucada que animava o pátio durante as Olimpíadas; dois alunos que não competiam, mas assistiam aos jogos na Escola; uma aluna representante do Grêmio Estudantil; duas alunas que

auxiliavam os professores nas Olimpíadas; duas alunas que não competiam nas Olimpíadas, mas acompanhavam a equipe de sua turma em cada jogo, exercendo a função de técnicas.

Utilizei ainda *Discussão de Grupo Focal* (DGF), que segundo David Morgan (1988) é uma técnica que oferece a possibilidade de examinar determinada área temática com profundidade, trabalhar com pequenas amostras reunindo, em um mesmo espaço, um grupo significativo de informantes, e, além disso, coletar e examinar dados com certa rapidez.

Mary Debus e Porter Novelli (1988) consideram essa técnica qualitativa adequada a pesquisas pela interação do grupo que fomenta respostas ricas e originais, promove reflexões dos participantes e elucida opiniões contrárias. Além disso, o pesquisador pode observar e obter um conhecimento direto dos comportamentos, das atitudes, das linguagens, das percepções do grupo, das opiniões e experiências.

Essa técnica foi escolhida porque permitia colher informações sobre o grupo de alunos que possuíam características similares, nesse caso, alunos/as que participavam como atletas dos treinamentos e das competições. Busquei extrair dos seus discursos as formas de participação e os significados atribuídos às diferentes práticas esportivas na Escola.

Para definir esses informantes, conforme orientação de Debus e Novelli (1988), constituí grupos de 6 a 8 alunos e alunas que pertenciam às equipes e se dispuseram a participar da discussão. Os quatro grupos foram organizados por modalidades esportivas, sendo que o de futsal contou com oito alunos, os dois de handebol com cinco e sete participantes, e o de atletismo com três alunos, uma vez que os outros praticantes dessa modalidade estiveram ausentes dos treinos naquele período.

Para a realização da DGF, realizei um pré-teste, a fim de avaliar a potencialidade do roteiro preparado e da minha atuação como moderadora. Ao transcrever a fita, constatei que havia feito um excesso de intervenções. Além disso, em determinados momentos, a gravação ficou incompreensível, por causa do barulho que vinha da rua e da fala concomitante de diversos participantes.

Então, ao realizar as outras DGFs, procurei diminuir minhas intervenções, colocando apenas algumas questões instigadoras e permitindo que fossem discutidas por todos os membros do grupo. Ao invés de deixar o gravador sobre a mesa, mantive-o à mão e o direcionei para o aluno que desejasse falar, captando-lhe a voz com maior clareza. Dessa forma, pude assegurar as falas com detalhes.

Participou também desse processo uma professora pesquisadora, mestranda em Educação, que durante toda a discussão registrou suas observações, o que garantiu detalhes importantes na análise dos dados.

As DGFs pretenderam explorar os marcos de referência e linguagem que os informantes utilizavam para tratar as práticas esportivas, ou seja, as palavras e as frases escolhidas para descrever a realidade percebida e os sinais não-verbais associados. Assim, durante a dinâmica, observei a interação social entre os participantes, as atitudes individuais, suas percepções e reações. No início, os alunos ficavam tímidos para falar, principalmente por causa do gravador, mas no transcorrer da discussão foram se mostrando descontraídos e participaram com entusiasmo.

Capítulo 2

A ESCOLA RESPIRA ESPORTE

As práticas esportivas são cartões de visitas da Escola. Em vários de seus espaços, desde a entrada principal, passando pelas salas da diretora, da vice-diretora e da coordenação de Educação Física, estão expostos cerca de 200 troféus esportivos — que vêm sendo conquistados desde 1936 —, acompanhados por fotos da construção do ginásio, da piscina e da pista de atletismo. Em especial, um desses troféus me chamou atenção — *Taça Governador Juscelino 1^{os} Jogos Olímpicos Secundários LBESC Ao vencedor 1953* — porque mostra o envolvimento da Escola em competições esportivas numa época em que o esporte, como lembra Eustáquia Sousa (1994), ainda não mostrava sua força no interior dos educandários mineiros.

As marcas do esporte estão também presentes na outra entrada da Escola, local onde se encontra um complexo esportivo com pista de atletismo, campo de futebol, ginásio, quadras poliesportivas, piscina retangular, barras para ginástica e quadra de peteca, construídas segundo especificações do esporte de alto rendimento. Esse complexo, apesar de construído ao longo da existência da Escola, constava da planta original do prédio.

Isso é um indicador de que, desde a sua criação, a Escola, até mesmo por meio de sua arquitetura, tem buscado educar os corpos orientando-se pelos princípios do esporte.

Sobre os espaços esportivos como forma de educação dos corpos, Carmem Lúcia Soares (2002, p.15-16) nos lembra que,

se partilharmos da idéia de que a educação é um processo cultural no qual estamos inseridos cotidianamente, temos a certeza, então, de que somos educados por tudo que nos rodeia, da palavra à arquitetura de nossas casas, escolas, prédios onde trabalhamos, ruas e espaços destinados às práticas corporais, elas mesmas, formas específicas de educação. [...] nas escolas, mesmo aquelas que possuem precárias estruturas arquitetônicas, quando algum espaço é destinado às práticas corporais vamos encontrar as quadras poliesportivas. Do mesmo modo, naquelas que apresentam uma arquitetura e equipamentos considerados ideais, as quadras estão lá, e quando piscinas são construídas, seguem as especificações do esporte de alto rendimento e adquirem o formato retangular da piscina semi-olímpica.

Assim, continua a autora, os espaços destinados às práticas esportivas na escola são evidências de que

a cultura de movimento, conceituação de caráter mais global que concretiza práticas culturais nas quais o movimento humano é o elemento principal de intermediação simbólica e de significações produzidas e mantidas, tradicionalmente, por comunidades ou sociedades, vai sendo substituída por práticas corporais padronizadas e difundidas como corretas, modernas e estabelecidas como adequadas ao bom desenvolvimento do corpo e à manutenção da saúde (SOARES, 2002, p.16).

Além da arquitetura, o material didático utilizado nas aulas contemplava os critérios estabelecidos pelos padrões do esporte de rendimento. Assim, todas as bolas têm o tamanho e o peso oficializados pelo Sistema Esportivo Nacional e as tabelas de basquete e a rede de voleibol estavam afixadas conforme as regras oficiais dessas modalidades esportivas.

Os professores de Educação Física da Escola também têm suas trajetórias marcadas pelo esporte. Falam com orgulho de pertencerem a um grupo seletivo, que se destaca no cenário esportivo. Diz o professor Rinaque:

Nenhuma outra escola em Belo Horizonte tem os profissionais que tem aqui dentro, com o currículo esportivo que nós temos. Juntos, todos dentro de uma escola, é difícil. Aliás, não só de Belo Horizonte não, dentro do Brasil, né. Com passagens pela seleção.

Seu colega Aladi complementa:

Somos um grupo altamente profissional, inclusive especializado..... A escola possui um corpo de professores de Educação Física muito competente, com passado esportivo que hoje são técnicos de clubes de seleções, atuam na parte administrativa do esporte.

Essa trajetória esportiva dos professores é também motivo de popularidade, orgulho e respeito dos alunos. Ao se referir ao professor que treina a equipe de futsal da Escola, que também exerce a função de técnico da seleção brasileira dessa modalidade, um aluno diz:

Também tem a importância dele, né, que mexe com a seleção brasileira e a gente confia nele, né. Na hora do jogo a gente fica até mais seguro.

Um de seus colegas acrescenta:

Sinto-me orgulhoso... chique e tal. Porque é difícil ver um técnico assim que faz parte da seleção. Um dia eu ainda vou ganhar uma camisa do Manuel Tobias [artilheiro da Seleção Brasileira de Futsal].

Esse professor confirma que sua atuação no esporte de alto rendimento favorece a confiança dos alunos em seu trabalho:

Aquilo que eu falo tem um significado maior até porque a gente está mais visto aí com esse trabalho de seleção brasileira, essa coisa, você é recebido muito mais facilmente, sem desconfiança.

A trajetória esportiva é também utilizada como critério para a seleção de estudantes para ingresso na Escola, conforme atesta uma aluna, transferida de outra escola pública:

Minhas irmãs treinavam aqui, nos anos anteriores. Eu estudava em outra escola. Aí a Vânia me passou para cá, justamente para jogar handebol para ela, para jogar handebol aqui.

Apesar dos indícios de que o esporte é valorizado nessa Escola, os professores lamentam as atuais restrições à sua prática, impostas pela política da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte, que reduziu a carga horária remunerada dos professores, destinada ao desenvolvimento das atividades esportivas extraclasse.

O professor Aladi fala com saudade do passado:

Era muito bom! Numa determinada época o Colégio chegou a ter quase cem horas para treinamento e competições. Com isso aí a gente atendia um número muito grande de alunos; chegando aí, uma faixa de 400 a 600 alunos, do atendimento em treinamentos e competições, em Belo Horizonte. Havia os projetos dentro do Colégio, muitos projetos, inclusive muitos integrados, das diversas disciplinas, e havia isolados também. Mas hoje nós temos só 30 horas semanais de projetos, incluindo o trabalho do Sábado Esportivo.

A professora Ana Maria também lamenta as condições impostas pela política esportiva do município e acrescenta:

Não só na Secretaria de Educação mas também dentro da própria Secretaria Municipal de Esportes, você percebe a falta de recursos. É a filosofia da Prefeitura. A gente acredita que eles não estão dando importância a isso. Eles não estão valorizando essa parte esportiva.

O professor Paulo busca explicações sobre os motivos das mudanças ocorridas:

Hoje em dia a coisa já está mudando. A gente vê até dentro da nossa própria escola. Antigamente, você tinha muito mais aulas de matemática, de português do que todas as outras matérias. Hoje, já tá, com essa nova lei, já tá buscando dar um equilíbrio maior em todas as matérias.

A professora Darlene também comenta:

E, com todas essas mudanças no ensino, hoje coloca tudo dentro de uma carga horária só para atender todos os projetos do Colégio. Então, tem o mesmo valor Educação Física, Educação Artística, Moral e Cívica. Todas, a Matemática, a História, tem o mesmo valor na distribuição de carga horária. Então, o quê acontece? Este ano foi resolvido tudo dentro de reunião. Cada segmento defendendo a sua, o seu lado. Cada departamento está preocupado é com o seu departamento e o resto é que se dane, né? Com isso a Educação Física, a muito custo, ficou com 24 aulas para projetos. Depois conseguimos mais algumas e completamos 30, só por causa do curso noturno.

Esses professores mostram que a Escola, sob a orientação da Lei de Diretrizes Bases da Educação (LDB), de 1996, tem buscado dar à Educação Física o tratamento dispensado aos demais componentes curriculares. Isso implicou o equilíbrio da carga horária das disciplinas e a distribuição dos projetos entre as diferentes áreas, o que ocorre num processo conflituoso de correlação de forças entre os profissionais que ministram as diferentes disciplinas.

Apesar da redução do número de projetos, em consequência da política do Sistema Municipal de Ensino de Belo Horizonte, a Escola oferece, gratuitamente, atividades culturais e artísticas; dentre as quais coral de vozes e de flauta, aulas de violão, teatro, festivais de música e práticas esportivas.

Mas, que práticas esportivas são realizadas na Escola? Quando e onde ocorrem? Quem participa dessas práticas?

Buscando respostas a essas perguntas norteadoras deste estudo, pude verificar que um dos lugares e tempos dessas práticas é a aula de Educação Física, prevista na grade curricular.

2.1 A AULA DE EDUCAÇÃO FÍSICA: LUGAR DAS PRÁTICAS ESPORTIVAS

Durante todos os dias da semana, em diferentes espaços da Escola, turmas organizadas por sexo praticam alguma modalidade esportiva, sob a orientação de um professor ou de uma professora, já que o esporte é o conteúdo exclusivo do ensino da Educação Física, como mostra o quadro a seguir:

Quadro 2

Organização cronológica dos conteúdos de ensino da Educação Física

Período	Masculino	Local	Feminino	Local
Março	Condicionamento ⁷	Pista	Condicionamento	Pista
	Atletismo	Pista	Atletismo	Pista
	Futsal	Ginásio	Natação	Piscina
Abril	Handebol	Ginásio	Basquete	Quadra
Maio	Basquete	Quadra	Futsal	Ginásio
Junho	Futsal	Quadra	Handebol	Ginásio

Como podemos observar, cada modalidade esportiva é ensinada durante um mês, o que corresponde, aproximadamente, a oito aulas, ministradas duas vezes por semana para cada uma das turmas.

Sobre a seleção do esporte como conteúdo ensinado na escola, José Ângelo Garíglío (2002, p.50), defende a idéia de que

é importante ratificar que o esporte é um elemento significativo da cultura corporal de movimento na sociedade ocidental, e sua seleção, por meio da disciplina Educação Física, parece inevitável, em face da sua permanência e legitimidade conquistadas em nossa cultura. Segundo, porque o esporte, ao ser selecionado e tematizado pela escola, passa, inevitavelmente, por um processo de didatização, nos diversos tipos de escola [...] terceiro, esse processo de didatização não é uníssono e lógico. O esporte, ao transferir-se para as escolas, acaba sendo marcado pela sua estrutura, organização e pautas de pensamento e comportamentos específicos.

Perguntamos, então: Quais as marcas do esporte ensinado nas aulas de Educação Física da Escola?

Um aluno responde:

⁷ "Temporadas" de condicionamento físico são aulas com atividades que buscam desenvolver as capacidades físicas, dentre as quais, velocidade, resistência, flexibilidade, força muscular, essenciais para o desempenho no esporte.

Na aula joga ..., tem mais é gozação, é, muita bagunça.

Outro acrescenta:

É, não há aquela seriedade, aqui, do treino. É assim, de ter que fazer aquilo, aquilo, aquilo, a gente fica brincando. Parece mais divertimento do que aula, entendeu? Por isso que muita gente gosta da aula de Educação Física. Eu acho que é por causa disso, não é aquele negócio, dentro da sala, que você está lá assim, ó, parado assim, olhando para o professor, o professor te falando as coisas, você fica calado. É outra coisa. Gosto da aula de Educação Física porque é mais descontraída; é só isso.

Uma aluna compara as aulas com os treinos:

Educação Física é assim, mais como uma aula, né? Se você não fizer é a mesma coisa de você estar matando aula. Ai a gente faz mais por obrigação. A gente brinca. Mas o treino a gente aprende pra valer. Se não treina você não joga, fica pra trás.

Esses depoimentos sintetizam parte do que também pude observar numa das aulas ministradas pelo professor Aladi, no ginásio da Escola:

A aula começa com um breve aquecimento, primeiro sem bola, momento em que executam corridas. Depois, com bola, as alunas separam-se em duplas rebatendo uma com a outra. Em seguida, o professor separa duas equipes de seis alunas para jogar voleibol e sobe as escadas da cadeira de árbitro, posicionando-se para apitar o jogo, adotando as regras oficiais. Cada uma joga à sua maneira, e o professor não faz exigências técnicas. Riem e conversam muito. Um grupo de três alunas e outro de quatro rebatem a bola de voleibol entre si, ocupando um espaço próximo à quadra. Algumas alunas estão assentadas na arquibancada, com papéis apoiados no colo. Quando lhes perguntei por que motivo não participavam da aula, uma delas respondeu que estava fazendo tarefa de outra matéria. Ao terminar a partida, as alunas que perderam o jogo foram substituídas pelas sete que estavam rebatendo bola do lado de fora, e a equipe vencedora, composta de seis alunas, permaneceu na quadra. Assim, um novo jogo se iniciou, tendo o professor como árbitro, até que a sirene comunicasse o término da aula. (Anotações do caderno de campo.)

É importante destacar que, apesar de o professor adotar as regras oficiais para arbitrar o jogo, ele desconsiderou o número de jogadoras estabelecido (seis), buscando não excluir uma aluna. Além disso, não cobrou o desempenho técnico e permitiu que a aula transcorresse num clima de descontração e entusiasmo.

Nesse mesmo dia, pude verificar que as aulas de voleibol ministradas pelo professor Rinaque também ocorriam num ambiente de alegria e que, diferentemente de seu colega, esse professor se preocupava em ensinar os fundamentos técnicos dessa modalidade esportiva:

Havia muitas meninas junto ao professor na quadra, onde a rede de voleibol estava armada. Elas o ouviam atentamente e observavam sua demonstração de gestos técnicos do voleibol. Em seguida, duas das alunas se posicionaram para receber o saque arremessado pelas colegas. O professor, ao notar que muitas não conseguiriam dominar a bola, sugeriu que deixassem tocar uma vez o solo antes de recebê-la. Com isso, as alunas se sentiram encorajadas a correr em busca da bola. (Anotações do caderno de campo.)

Além de ensinar a prática dos fundamentos, o professor Rinaque considera importante ensinar conceitos que contribuam para a autonomia do aluno, no que se refere às práticas esportivas. Sobre isso, ele afirma:

Se o adolescente, hoje, estiver dentro da escola fazendo educação física, mas se a coisa for colocada como obrigatória, que ele não sabe por que está fazendo aquilo... Quando eu peço a um menino para correr, por exemplo, ele tem que saber quais são os benefícios de uma corrida. Com certeza ele tem que saber. Se ele não souber não justifica, o cara está achando que ele está fazendo papel de otário.

A partir das características do esporte apontadas por Bracht (1997), considero que tanto os depoimentos dos alunos quanto os registros de campo mostram que as práticas esportivas desenvolvidas nas aulas de Educação Física, apesar de apresentarem características do esporte de alto rendimento — tais como separação por sexo e utilização de regras oficiais —, distanciam-se desse tipo de esporte à medida que também utilizam regras criadas pelos alunos, não se preocupando com a cientifização do treinamento, com a busca do recorde, nem com a seleção dos melhores, apesar de constituir uma das vitrines, na qual serão selecionados os futuros atletas da Escola, como veremos ainda neste capítulo.

Foi interessante observar que a professora Ana Maria, atendendo à solicitação de suas alunas, alterou a programação e substituiu os esportes por danças — do ventre, forró e de salão. Para as aulas, as alunas se encarregam de levar os materiais necessários, ensinar os passos de dança e compor as coreografias. Numa tarde pude presenciar a seguinte cena:

Ao som de forró algumas alunas dançam e a professora aguarda o restante da turma para dar início à aula. As alunas vão chegando e a professora comunica que, atendendo ao pedido delas, a aula daquele

dia será de forró. A aula inicia-se com uma aluna à frente do grupo executando diferentes passos e solicitando às colegas que a imitem. De diferentes maneiras, a maioria das alunas participa da aula, buscando repetir os passos ensinados: algumas se assentam do lado e ficam observando, outras ajudam as colegas mais tímidas a se iniciarem na dança. A professora se transforma em aluna e participa ativamente da aula, executando todos os passos ensinados pela aluna-professora. (Anotações do diário de campo.)

A inclusão da dança como conteúdo de ensino mostra, por um lado, o interesse das alunas de vivenciarem outros elementos da cultura corporal além do esporte e, por outro, o reconhecimento da necessidade dessa inclusão por parte da professora que, mesmo não dominando esse conteúdo, se esforça para ensiná-lo a uma turma de alunas.

Assim sendo, as demais turmas têm, exclusivamente, as práticas esportivas como conteúdos das aulas de Educação Física.

Mas que turmas têm acesso às aulas de Educação Física na Escola?

As aulas dessa disciplina são obrigatórias aos alunos e alunas matriculados nos turnos matutino e vespertino. E, segundo depoimento de uma das professoras, até 1996, essas aulas eram também obrigatórias ao curso noturno, mas

a Secretaria Municipal de Ensino de Belo Horizonte, por meio de uma resolução, determinou que não tinha mais Educação Física do noturno.

Vale lembrar que essa decisão está amparada pela LDB, Lei n. 9.394, que em seu art. 26, § 3º, estabelece:

“A Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, *sendo facultativa* nos cursos noturnos.”

Em 12 de dezembro de 2001, esse parágrafo foi alterado com a introdução do vocabulário “obrigatório” após a expressão “curricular” (Brasil, Lei n. 10.328). Entretanto, ela continuou facultativa aos alunos do curso noturno.

Ao facultar à escola e ao aluno esse componente curricular, a LDB manteve os princípios norteadores da legislação em vigor no período 1971-1996, tendo como referência a aptidão física, que dispensou os alunos trabalhadores, os maiores de 30 anos, os portadores de anomalias ou enfermidades, as mulheres com prole, os atletas que compunham as equipes

esportivas oficiais, valorizando, portanto, os que apresentavam potencial para se tornarem atletas (Brasil, Decreto n. 69.450, de 1º/11/1971).

Sousa e Vago (1997), ao analisarem as implicações da atual LDB no ensino noturno, ressaltam que a não-facultatividade e a oferta da Educação Física aos alunos trabalhadores é uma forma de discriminação e sugerem que os cursos noturnos incluam esse componente curricular em seu projeto pedagógico.

E foi o que fizeram os professores dessa Escola:

Já que a secretaria impediu a oferta, nós demos um jeito de criar projetos que não tivessem nome de Educação Física, mas que dessem oportunidades ao noturno, porque eles gostam e precisam muito da educação física.

É interessante observar que, apesar das limitações legais, a Escola encontrou formas de resistência e continuou a oferecer possibilidades aos alunos do curso noturno de participar de práticas esportivas, sob a forma de projetos, com diferentes nomes, mas com objetivos e conteúdos semelhantes aos das aulas de Educação Física ministradas aos demais alunos. Esses projetos receberam os nomes de *Sábado Esportivo* e *Recreação*.

O Sábado Esportivo é desenvolvido nas manhãs de sábado. No livro de registros de entrada na Escola, pude verificar que, em média, a participação é de aproximadamente 120 alunos e alunas, matriculados nos três turnos, além de seus convidados — familiares e amigos.

Num desses sábados, presenciei a seguinte movimentação:

São 9 horas. O professor abre o portão da Escola. Um grupo de alunos e seus convidados, vestindo trajes esportivos e carregados de sacolas e mochilas, entram rapidamente. Pouco a pouco, vão ocupando todas as dependências do complexo esportivo. Muitos deles ficam em volta da piscina, em traje de banho, tomando sol, lendo, conversando, criando brincadeiras de saltar na água e de testar quem chega primeiro do outro lado da piscina. Ao mesmo tempo, outros jogam nas quadras de peteca, de forma descontraída, falando palavrões, despertando risos entre os colegas. Alguns correm, arremessam e/ou saltam na pista de atletismo; outros, na quadra próxima ao ginásio, passam a bola de voleibol para os colegas, procurando não deixá-la cair. Um deles, de repente, arremessa-a ao gol. Alguns outros criam formas de jogar basquetebol em um espaço restrito que fica fora da quadra, junto ao portão do ginásio, local onde há uma tabela afixada. No ginásio, outros alunos participam de um torneio de futsal organizado pelo professor de Educação Física. Na arquibancada, alguns alunos e/ou

seus convidados observam o jogo, outros lêem, outros conversam animadamente. (Anotações do caderno de campo.)

Dessa forma, o *Sábado Esportivo* constitui um espaço/tempo de práticas esportivas com possibilidades de vivências lúdicas, onde as pessoas se encontram para conversar, brincar, compartilhar esse ambiente com seus colegas e convidados.

Para o professor Aladi, responsável por esse projeto,

essa é a única possibilidade de lazer que os alunos e suas famílias têm. E à medida que ele tiver ocupado com atividades saudáveis, à medida que ele tiver objetivo, ele não vai estar desviando a conduta dele para outros caminhos desnecessários: os vícios todos, incluindo a droga né?... A marginalidade nas capitais inchadas, pobres, cada dia recebe mais gente para virar marginal, porque não tem mais o que fazer. Ele não tem onde trabalhar, não tem nada. Então, se você começar a orientar o aluno para o esporte, é um dos caminhos.

No *Sábado Esportivo*, cabe ao professor abrir e fechar os portões, liberar e recolher o material esportivo, fazer cumprir as normas disciplinares estabelecidas, zelar pela segurança e organizar torneios. Sobre sua atuação, ele diz:

No Sábado Esportivo os alunos fazem o que têm vontade. Entretanto, na piscina é necessário vigiá-los, pois podem precisar de mim, em caso de afogamento. Inclusive, por causa disso, eu pago um aluno para ficar junto à piscina como salva-vidas quando eu vou para o ginásio organizar os torneios. São torneios relâmpagos, com 3 rodadas. Primeiro, será realizado com o 2º Grau. A maioria dos alunos decidiu por equipes livres, limitando um mínimo de 8 e o máximo de 15 participantes em cada uma. Apareceram 9 inscritos. Então, eu fiz 3 chaves de 3 equipes, todos jogando entre si na chave, classificando 2 em cada chave, ficando 6 equipes para a fase final no sistema de eliminatória simples.

A *Recreação* é o outro projeto que busca suprir a ausência da Educação Física no curso noturno. É desenvolvido duas vezes por semana, das 18 às 19 horas, ou seja, uma hora antes do início do terceiro turno da Escola. Duas turmas praticam atividades simultaneamente, uma na piscina e outra na quadra poliesportiva, próxima ao ginásio. Segundo a professora responsável por esse projeto, a assiduidade nas aulas e o elevado número de participantes, aproximadamente 120 alunos, provam que eles são carentes dessas atividades. Sobre isso, a professora comenta:

Na sua maioria eles têm a Escola como a única possibilidade de praticar esporte. Tem uma menina que nunca entrou numa piscina, a primeira vez

que entrou foi aqui, tanto que ela não falta... Outro dia, estava um frio danado, estava chovendo, e ela estava lá. Eu dei aula para ela, debaixo de chuva.

Não só essa menina, mas os demais componentes do grupo que se interessaram pelas atividades na piscina não sabiam nadar. Esse foi o motivo que levou a professora a alterar o programação inicial, substituindo a hidroginástica pela natação. As estratégias adotadas pela professora para ensinar tanta gente a nadar foi organizá-los em dois grupos, conforme os níveis de aprendizagem, e buscar ajuda de quatro alunos do próprio grupo que já sabiam nadar.

Enquanto isso ocorria na piscina, na quadra poliesportiva, o esporte praticado – apenas pelo sexo masculino — era o futebol de salão. Nessa prática, os próprios alunos organizavam os times, estipulavam as regras, dentre as quais: 10 minutos de jogo para cada equipe ou revezando quando uma delas marcasse três gols, saindo sempre a equipe perdedora. Durante o jogo, mantinham silêncio e atenção os que aguardavam em volta da quadra, buscando garantir a sua entrada na partida seguinte.

Embora a natação e o futsal fossem praticados simultaneamente, a professora permanecia a maior parte do tempo na piscina, orientando os alunos individualmente ou em grupo. Durante o inverno, com a redução da frequência, ela suspendeu as aulas de natação e dedicou-se à organização do torneio de futebol de salão para os alunos, o qual contou com a participação de 34 equipes. Segundo a professora, *nem acabou o torneio e os alunos já estão perguntando quando haveria outro*. Nesse período, as mulheres, como não jogavam futebol, ficaram excluídas das práticas esportivas.

Para além das aulas de Educação Física, os *treinamentos* também constituíam tempos/espacos de prática esportiva na Escola. E é deles que trataremos a seguir.

2.2 OS TREINAMENTOS – PREPARAÇÃO DA “ELITE” ESPORTIVA DA ESCOLA

Na Escola são desenvolvidos projetos destinados ao treinamento das equipes esportivas de *handebol, futsal, atletismo*⁸, tendo como objetivo comum preparar as equipes esportivas para representar a Escola em diversas competições dentro e fora do ambiente

⁸ Além desses, era desenvolvido o projeto *Natação*, que não foi contemplado neste estudo por ser desenvolvido no período da manhã. Segundo a professora Ana Maria, responsável por esse projeto, ele acontece duas vezes por semana e se destina a alunos e alunas matriculados/as nos três turnos, apesar de a maioria estar matriculada nos turnos matutino e vespertino.

escolar. No entanto, cada uma delas apresenta também características específicas, apresentadas a seguir.

2.2.1 Handebol

O Projeto *Handebol* prepara equipes dessa modalidade esportiva para duas instituições: a Escola e um clube recreativo, situado próximo a Belo Horizonte. *A gente trabalha em função mais da competição e mesmo do crescimento do esporte, né? Em prol do aluno desenvolver* — diz a professora Vânia, responsável pelo treinamento das diversas equipes desse esporte.

Normalmente, os treinos são realizados três vezes por semana, entre 17h30 e 21h30. Mas, na fase preparatória para os campeonatos, esse número é ampliado para até cinco vezes semanalmente.

Em média, sob a responsabilidade da professora Vânia, auxiliada por um voluntário — que é seu filho e acadêmico de Educação Física —, participavam dos treinos 80 alunas, 30 alunos e 15 atletas mulheres, vinculadas ao clube, algumas das quais, também, ex-alunas da Escola.

Esses dados mostram que o número de atletas mulheres é mais que o triplo do masculino. Esse é um fato incomum nas escolas mineiras, de acordo com estudos sobre gênero nas aulas de Educação Física, uma vez que o handebol é um esporte considerado na nossa cultura como masculinizador (SOUSA; ALTMAN, 1999)

A professora Vânia parecia tão envolvida com esse trabalho que, ao se referir à participação das equipes na Copa Escolar, diz : *Eu tenho: Mirim feminino, Infantil feminino, Infantil masculino, Cadete feminino, Cadete masculino, Juvenil masculino* — como se fossem de sua propriedade e não representativas da instituição.

Ela comentou que a sua dedicação ao handebol tem limitado a sua atividade social e o seu convívio familiar. Entretanto, isso não é motivo de reclamação; pelo contrário, com entusiasmo ela afirma:

Eu vivo pelo handebol. Eu vivo por eles, né? É o dia inteiro mexendo com treinamento. Não, não dá tempo de pensar, é só trabalhar mesmo, e muito trabalho. Deve ter pelo menos uns 30 finais de semana que eu não sei o que é sábado e domingo, porque a gente entrou em várias competições esse ano.

As equipes são organizadas por idade e sexo, de acordo com as categorias normatizadas pelo Sistema Esportivo Nacional. Mas, nos treinamentos, não há rigidez nessa organização, pois é permitido ao atleta participar dos treinos de outras categorias além da sua. Essa organização pode ser visualizada no quadro a seguir:

Quadro 3
Idade, sexo, horários e atividades dos/as atletas de handebol por categoria

Categorias /Nível	Idade	Sexo	Horário de treinamento	Atividades
Mirim (iniciantes)	12 anos	Feminino	17h30-18h30	Iniciação esportiva
Infantil (iniciados)	13 e 14 anos	Feminino	17h30-18h30	Iniciação esportiva
Cadete (iniciados)	15 e 16 anos	Masc./Fem.	17h30-19h30	Preparação física e técnico-tática
Juvenil (iniciados)	17 e 18 anos	Masc./Fem.	17h30-19h30	
Adulto (iniciadas)	Variada	Feminino	19h30-21h30	Completo

O quadro mostra que as categorias Cadete, Juvenil e Adulto treinam mais tempo que as demais. Nesses treinos, em um primeiro momento, sempre na quadra ou na pista, são desenvolvidas atividades de preparação física: alongamento, aquecimento, corrida, abdominais, saltos, enfim, uma rotina de exercícios e repetições que buscam o desenvolvimento da condição física. Em um segundo momento, os/as alunos/as vão para o ginásio, onde o trabalho desenvolvido visa às técnicas e táticas do jogo.

Já nos treinos das categorias Mirim e Infantil, que acontecem no ginásio, são realizadas, basicamente, atividades que buscam desenvolver as habilidades gerais, como correr, saltar e arremessar a bola, sem preocupação específica com a técnica de execução. Dessa forma, verifica-se que os treinos possuem uma característica de progressão entre uma categoria e outra, partindo de movimentos mais gerais para os específicos, o que exige, gradativamente, a aprendizagem dos gestos técnicos de acordo com a idade e as condições de cada aluno. Observei que as intervenções da professora com os alunos durante os treinos são no sentido de mediar, respeitando as capacidades individuais, sempre num clima de diálogo e de brincadeira, aspectos sobre os quais voltarei a discutir no próximo capítulo.

As equipes de handebol participam de jogos amistosos e campeonatos dentro e fora da Escola, especialmente durante os finais de semana. Como equipes representativas da Escola, estão credenciadas a participar de competições estudantis promovidas por órgãos

oficiais ligados ao Esporte e à Educação, e, como clube, das competições programadas pelas federações esportivas vinculadas ao Sistema Esportivo Nacional.⁹

Além das freqüentes vitórias conquistadas nessas competições, as equipes de handebol contavam com um *marketing* especial na Escola. A professora fazia questão de divulgar os resultados das equipes nos campeonatos, afixando notícias de jornal, faixas e exibindo troféus nos locais de passagem. Isso contribuía para que o handebol fosse considerado por professores, alunos e pais como o esporte de maior popularidade e *status* na Escola. Sobre isso a presidente da Associação de Pais, numa conversa informal, ressalta:

As equipes aqui da escola são muito boas. Têm o handebol que sempre está vencendo os campeonatos.

Alguns alunos afirmam que o handebol

Tem muito apoio, eles têm mais estrutura, né? Têm muitos que vão ali porque acham que, pô, se eu for para o handebol eu posso ir para o Campeonato Mineiro, para o Campeonato Brasileiro.

Para alguns alunos, a popularidade do handebol existe apenas dentro da Escola, sendo um esporte pouco conhecido na sociedade. Sobre isso, uma aluna e um aluno, durante a DGF, comentaram:

*Esse ano que eu fui saber... que tinha handebol. Ano passado eu comecei a estudar aqui eu nem sabia o que era handebol.
Só quando começou as Olimpíadas que eu comecei a saber, aí que, hoje, esse ano, eu empolguei para entrar.*

2.2.2 Futebol de salão

O treinamento de *futsal* é desenvolvido duas vezes por semana, durante duas horas, ao final da tarde, no ginásio da Escola, local considerado nobre para a prática esportiva. Dele participam exclusivamente atletas do sexo masculino — aproximadamente 20 em 411 matriculados no turno vespertino.

⁹ O Sistema Nacional Esportivo é composto por instituições de direito privado, responsáveis pelo esporte de alto rendimento no País e constituído, dentre outras, pelas confederações esportivas – de âmbito nacional – e pelas federações – de âmbito estadual.

Segundo o professor de futsal, o objetivo desse treinamento é preparar a equipe para disputar, preferencialmente, os campeonatos escolares. Na Discussão do Grupo Focal, os alunos dão maiores detalhes sobre esse treinamento:

A gente tem que descer. Até a gente descer e tirar a roupa, o Paulo já está lá com a bola.

Depois a gente alonga. Alonga... mas só um pouquinho, porque alongar é sempre bom, né? Vai jogar com as pernas duras lá?

Depois a gente treina as jogadas quase o treino inteiro.

Quando lhes perguntei se gostam de *futsal* e por que optaram por treinar esse esporte, responderam com euforia:

Não, obrigação não tem. Mais é diversão ali de jogar futebol e tal, a gente gosta...

Ah, por exemplo, quando a gente monta o time, eu, o Guilherme e o Mateus Felipe a gente fica brincando de 'futebol arte' lá, fica só fazendo jogada bonita, assim essas coisas.

Na hora que você joga você esquece de tudo, você só sabe jogar, você não lembra mais de nada.

Descansa a mente (risos e palmas).

Até que enfim ele falou uma coisa que... Fala que é bom.

Tem umas jogadas... A debaixo das pernas, é engraçada.... Todo mundo começa a rir...

Durante os treinos, o professor mantém as portas do ginásio fechadas, segundo os alunos, para não prejudicar a concentração na aprendizagem das jogadas. Eles comentam que em treinos realizados com as portas abertas — geralmente em dias de reunião pedagógica, motivo de o professor deixá-los treinando sozinhos — entravam alguns alunos que ficavam gritando, fazendo barulho, atrapalhando a concentração deles. Além disso, entravam também algumas alunas que provocavam o exibicionismo de alguns deles, que não passavam mais a bola aos colegas, deixando de cooperar com os trabalhos propostos.

Aprovando a atitude do professor, eles comentam que nos treinos em que o professor não está presente revezam as funções que geralmente assumem na equipe: os goleiros passam a jogar na linha e alguns jogadores de linha passam a jogar como goleiros.

Alguns deles se manifestaram contra essa troca de posições, porque atrapalhava o aprendizado:

É, ele não gosta que ninguém entra lá, fica só jogando. Jogadas, tem muita jogada.

É, muitas pessoas entram lá para começarem a gritar. Estão querendo jogar também.

É, avacalha.

Pensando que é pelada. Muitas vezes a aula acaba mais cedo porque tem reunião. Aí o Paulo vai para a reunião e deixa a bola com a gente lá no ginásio. Aí muita gente entra. Vai entrando fica ali... Deixam a porta aberta, ou senão ficam gritando lá.

Não, é, tipo assim, a gente fica concentrado, aí tira a concentração, a gente vê, por exemplo, que nem o Magal, a hora que ele vê uma menina (risos) aí ele sai driblando todo mundo e tal. Um dia, todo mundo entrou, né, ficou a maior avacalhação o treino... Entrou menina, o Magal saiu lá driblando, dando debaixo das pernas... Aí avacalhou tudo. Aí nós fomos beber água, aí resolveram parar e pronto, acabou o treino.

Diferentemente do handebol, a equipe de *futsal* não detém *status* na Escola, talvez pela pouca expressão dessa equipe nos raros campeonatos de que participa. Sobre isso, o professor Paulo comenta que ser destaque do Futsal em nível nacional e até estadual é muito mais difícil que no handebol:

O handebol é uma coisa aí diferente, porque é praticamente um time da escola que está com um outro nome lá fora. Então, na realidade e, no caso do futebol de salão tem um detalhe aí, que eu acho superimportante ser levado em consideração. Num esporte em que você tem um número de praticante muito maior, sem sombra de dúvida, o nível de exigência da qualidade técnica do atleta vai ser muito maior do que o dos outros. Então, num esporte você tem um milhão de praticantes, o outro você tem cinco milhões, para você sobressair no meio de cinco milhões você tem que ter um nível de qualidade muito melhor do que os outros. O futebol de salão é o esporte que tem o maior número de praticantes no Brasil, hoje. Isto é, com números vindo, através de Confederação Brasileira.

Mas, se a equipe não é popular, o mesmo não acontece com o professor, como já dito no capítulo anterior. Ele é admirado por seus alunos não apenas por ser técnico da seleção brasileira, mas pela relação que estabelece com eles e entre eles. Sobre isso, alguns alunos comentam no Grupo Focal:

Ah, o [Paulo] é super-humorista e tal. Ele é gente boa.

A gente está lá... brincando, aí ele entra no meio da brincadeira começa a falar com a gente.

Ele não gosta que usa brinco na... hora do treino né... Aí na hora que ele vê, sai dando tapa na orelha (risos).

Dá uns cocão na gente (risos). Só de brincadeira assim... É, não é assim com agressividade, é mais assim brincadeira.

Dessa forma, percebe-se que a relação entre o professor e os alunos não é autoritária, mas de diálogo, descontração e sem formalidades, e que o treino se revela como espaço não apenas de aprendizagem de técnicas esportivas e de regras, mas também de sociabilidade.

2.2.3 Atletismo

Assim como o handebol, a equipe de atletismo representa, ao mesmo tempo, a Escola e um clube, disputando competições em níveis municipal, estadual e federal, tanto em escolas quanto fora delas.

O professor esclarece que esse clube é uma instituição esportiva sem fins lucrativos, organizada e criada por ele e alguns atletas, tendo como sócios pessoas envolvidas com o atletismo em Belo Horizonte. Segundo ele, um dos objetivos desse Clube é ampliar as possibilidades dos alunos que gostam de atletismo, mas não têm oportunidade de se desenvolverem nessa modalidade, pois treinam apenas para representar a Escola e participam somente de competições escolares que ocorrem, geralmente, uma ou duas vezes ao ano. Já no clube, a perspectiva de futuro para esses alunos é bem maior, pois possibilita a continuidade e a participação em várias competições. Quando necessário, alguns deles recebem ajuda financeira por meio de doações dos sócios do clube, admiradores e pais de alunos adeptos do atletismo. O professor Eduardo fala com entusiasmo desse clube e suas atividades:

A sede funciona na casa que eu tenho no interior. A sede jurídica é aqui em Belo Horizonte. Então, a gente se reúne. De dois em dois meses nós vamos para lá. A gente passa o dia lá e aí, lá, a gente tira as decisões. Reúne com o pessoal novo, antigo e traça o que a gente vai fazer. Então, é sempre assim. A gente comemora os aniversariantes [...]. Vários pais participam, ajudam, vão às reuniões. Acho que todo mundo é um grupo só. Assim, a mentalidade do pessoal todo já é tradição. A gente tem os livros nossos, a gente escreve os livros. No dia 25 é aniversário do Clube, nós vamos ter competição, da Copa SESC Juvenil. Então, nós vamos levar todo mundo. A

noite, vai ter a missa. Nessa missa encontra-se gente de todas as idades. Então, esse encontro faz parte. No domingo vai ter a reunião, então, vai ter oportunidade do pessoal se ver, é, se conhecer, pessoal antigo, pessoal novo. Essa convivência que tem, que transmite para o pessoal novo.

Mas, para que as equipes possam competir, é necessário treinar. E é isso o que fazem aproximadamente 30 atletas, alunos e alunas matriculados na Escola e em outras instituições de ensino onde o professor trabalha. Ele esclarece que o treinamento é aberto para quem quiser participar. Alguns alunos falam da origem dos participantes:

Tem o pessoal que vem de Nova Lima, né, do Sistema Arquidiocesano. Tem gente do CEFET, do Colégio Militar. São as pessoas que mais coordenam, acho que em Minas Gerais, os Colégios daqui de Belo Horizonte. São as que têm maior influência no atletismo.

Segundo os alunos e o professor, o atletismo é um esporte "difícil", às vezes solitário, que necessita de muita força de vontade do praticante para ter "bons resultados".

Além disso, muitas pessoas da Escola discriminam o atletismo:

Ah!, tem muita gente, muito amigo, que fala: – Ah, você fica correndo à toa! Para que você está correndo? – Isso não dá futuro para ninguém! Não dá retorno!

Ah, eu estou acostumado com o pessoal falando: – Ah, vai correr sô, vai correr. É tipo assim: 'Não, você é bom só na corrida'.

Torna-se ainda mais difícil essa modalidade de esporte por não ter apoio da Escola, que, além de não oferecer as condições necessárias, não divulga as constantes vitórias obtidas pela equipe nos campeonatos. Sobre isso reclamam:

Eh, nada assim, por exemplo, se a gente ganha um campeonato, não falam nada, não sabem que você ganhou... Nem para dedicar uma faixa, igual do handebol ali, entendeu?

Muitas vezes você vê a precariedade ...dos instrumentos que o Eduardo usa, né!

E, ao mesmo tempo, um aluno testemunha a dedicação e o esforço do professor para suprir as dificuldades apresentadas:

Ele deixa tudo, de fazer tudo para abraçar o atletismo...Ele chega, às vezes, até te levar no próprio carro dele, te levar para a competição. Eu acho que é mais incentivo do [professor] que do Colégio.

Seu colega complementa:

Ele, eu acho que ele é tudo, ele faz tudo pelo esporte...Especialmente aqui pelo [Colégio] assim. Especial pelos campeonatos. Então, ele, sempre arranja um jeito assim...sempre apóia.

Entretanto, apesar de reconhecerem ser o atletismo uma prática esportiva discriminada pelos colegas e pouco prestigiada na Escola, durante todo o ano, alguns deles, três vezes por semana, e outros, todos os dias — inclusive nos períodos de férias —, dedicam-se aos treinos.

O Diego faz todo dia. Ele não mata um treino. Domingo ele faz o treino dele.

Às vezes, sábado a gente treina e domingo a gente fica, a gente só trota.

Domingo, cada um por sua conta... Cada um por si... Ele só fala, né?

Aos sábados e domingos, eles se deslocam para outras instituições cujos equipamentos possuem medidas oficiais, em especial os destinados aos arremessos de peso e lançamento de dardo. Isso é possível pela parceria que existe entre os clubes esportivos, favorecida pelas relações de amizade do professor.

Apesar de muitos dos treinos serem coletivos, cada atleta possui um planejamento específico, construído coletivamente com alunos e professor, de acordo com as provas que cada um irá competir. Um aluno que disputa provas de corrida exemplifica os tipos de atividade que desenvolve durante os treinamentos.

Um dia só trote; no outro, tiro de 200, 300 e até 600m; outro dia, 300m com barreira.

O professor dá mais detalhes desse treinamento:

O aluno tem seqüência do treinamento para os campeonatos. Tudo já preestabelecido no final do ano anterior para o ano seguinte, então, os calendários já vêm. O menino tem mais motivação para treinar também, porque o atletismo é muito difícil; é além dele ser individual é difícil demais aqui, não tem apoio, não tem material, local adequado para treinamento.

Esse planejamento é organizado por períodos ou ciclos, com a intenção de melhorar cada vez mais as marcas dos alunos nas competições, conforme afirma o professor:

No princípio do ano a gente reúne, estabelece o treinamento a fazer e prevê o tempo que ele pode conseguir, de acordo com o que ele for treinar.

Os alunos, ao comentarem sobre os treinos, revelam que têm o auxílio de colegas experientes, os quais colaboram corrigindo a técnica do movimento do salto, incentivando o aumento do ritmo nas corridas. Dessa forma, os programas individuais são cumpridos, garantindo "bons resultados" nas competições. O professor ressalta que aqueles que seguem à risca o treinamento conseguem atingir as metas previstas. Nesse treinamento, percebe-se mais rigor com a técnica.

O professor também esclarece que, na programação, um dos períodos é de atividades recreativas, nos quais os alunos praticam outros esportes:

Sem esquecer a parte recreativa, é lógico que aí não tem cobrança de resultado, é diferente. O objetivo é de que seja o melhor possível. Então, a gente faz muito também como recreação. Né, não só o atletismo, a gente faz outras modalidades, com outros esportes, torneios, participa fora. Por exemplo, domingo a gente vai jogar futebol de campo, masculino e feminino, né. O pessoal gosta. É a paixão do brasileiro. Então, eles têm que ter essa parte também, né? E participam, então, isso aí. Tem equipe de basquete, tem de vôlei, a gente brinca muito aí. E agora vai o futebol, né? Cada período é uma coisa, no treinamento. Então, tem um período que é mais recreação: no final do ano.

Mas as intervenções do professor não se limitam aos aspectos técnicos e táticos. Ele também exerce funções de conselheiro dos alunos:

Eu tenho que orientar em tudo. Tem vez que um menino piora na escola. Tira nota ruim. Tenho de conversar, tenho de ajudar o menino, assim. Então, essa parte a gente sempre tem que estar atento, né?

Os alunos dizem considerá-lo um amigo que, algumas vezes, age como pai, pois conversa com eles a respeito do comportamento. Seu prestígio na Escola provém da seriedade em desenvolver o trabalho, da amizade com os alunos e da sua dedicação ao atletismo.

Em síntese, podemos afirmar que os projetos de treinamentos são tempos e espaços privilegiados de práticas esportivas na Escola. No próximo capítulo, aprofundaremos

as discussões, buscando compreender as diferentes formas de participação dos alunos e alunas em cada um deles.

Mas as vivências das práticas esportivas na Escola não se limitam às aulas de Educação Física nem aos treinos e competições extra-escolares. Elas também são possíveis durante as *Olimpíadas*.

2.3 AS OLIMPÍADAS

Geralmente realizado de dois em dois anos, nos anos pares, esse evento é tradicional e de grande destaque na Escola. Mas, excepcionalmente, foi promovido num ano ímpar, como forma de complementação do calendário escolar, compensando os onze dias letivos nos quais os professores paralisaram suas atividades em adesão à greve geral da categoria docente, vinculada ao Sistema Municipal de Ensino.

Os professores lembraram que, nos anos anteriores, esse evento ocupou todo o tempo escolar dos alunos, durante uma semana, exigindo a suspensão total das aulas. Entretanto, neste ano, diz o professor,

nós estamos fazendo exatamente sem interferência na vida da escola, normal. O aluno vem, vai fazer o jogo, vai retornar, no horário de aula dele. Ele estará fazendo aula normal. Certamente, muitos professores queriam que fosse dentro do turno, mas não há condição. Está uma defasagem muito grande de carga horária de dias letivos. A Olimpíada é realizada de dois em dois anos, nós estamos fazendo mesmo uma exceção este ano, por isso que a gente não está preocupado também com um envolvimento tão grande, mas preocupado em atender aqueles interessados.

O professor falou também das características e dificuldades enfrentadas na organização dessa Olimpíada que,

na verdade, é uma miniolimpíada. Ela tem alguma forma de competição diferente das outras. Os alunos competindo em turnos diferentes. O Colégio não pode parar só para a Olimpíada. Com isso, há a dificuldade de muitos alunos, de distância, de trabalho e de dinheiro, uma série de dificuldades, mas como a gente está fazendo dessa forma, eh, e transformou em uma mini-olimpíada, onde a gente vai realizar aproximadamente 220 jogos ao todo. Não é muito, é um número até baixo. Nós estamos já na fase final de organização. As equipes já se inscreveram, já divulgamos as tabelas de jogos, e agora a gente está preparando as tabelas, em cada esporte, com o calendário completo desde o primeiro jogo até o jogo final.

Alguns professores recordam-se com saudosismo da época em que esse evento constituiu-se num projeto integrado envolvendo diferentes disciplinas curriculares da Escola. A professora Vânia me apresentou um álbum com dezenas de fotos desse evento, registrando murais de "recadinhos", exposições de ciências, apresentações de dança das alunas, os alunos e alunas desfilando com trajes típicos de vários países-sede das Olimpíadas Modernas, desde a Grécia, em 1896.

Mas neste ano foi diferente: as olimpíadas foram organizadas pelo conjunto de professores de Educação Física da Escola, com a colaboração de algumas alunas. De acordo com o professor,

é uma forma de ocupar as alunas e despertar interesse pela atividade e usar o potencial delas, já que elas são boas de serviço, dando condição para elas, elas, muitas vezes, muitas coisas fazem até melhor do que a gente. Elas preenchem a tabela, passam a limpo, essas coisas assim. Elas são boas disso, então a gente usa muito isso aí.

Conforme depoimento do professor Aladi, a programação previa o ritual olímpico:

Amanhã (sábado) nós teremos a cerimônia de abertura da Olimpíada, às 8 horas, com a participação de todas as equipes. Nós definimos um grupo mínimo de 10 pessoas, de cada turma – obrigatório – com uniforme de competição ou o uniforme do Colégio. As 9 horas nós teremos o atletismo e a natação, sendo que a gente vai alternar natação 1º grau, atletismo 2º grau, e às 9h30 o inverso. Nesse tempo de uma hora e meia não dá para fechar toda a competição, mas já dá para realizar um bom número de provas, ter andamento, ficar definido, já dá para as pessoas se localizarem dentro do tempo, então, aí já facilita tudo. ...No Congresso Técnico nós orientamos sobre a forma, a inscrição, correções, forma de disputa, ... Nós temos desde três até doze participantes em série ou de turno, de 2º grau. Mas, quando nós temos três em uma modalidade, nós temos que 'todos jogam entre si'; quando nós temos quatro, também todos jogando entre si; cinco, idem, todos jogando entre si, em forma de campeonato; com seis, disputam duas chaves de três, classificam dois de cada chave, cruzamento simples; é, de sete, uma chave de três e uma chave de quatro, com dois classificando em cada chave; de oito também duas chaves de quatro; de nove, três chaves de três, porque nesses estados todos nós temos a semifinal né; eh, e de dez não tem; de onze não tem; e tem de doze, foram três, quatro chaves de três, quatro chaves de três, para classificar o primeiro de cada chave.

Os grifos mostram que foram contemplados os ritos de uma competição olímpica.

Pode-se observar que esse evento, sobre o qual voltarei a discutir no próximo capítulo, tem como princípios norteadores a seleção dos melhores, a exclusão dos mais fracos,

o jogar contra o outro e não com o outro, todos eles incorporados do esporte de alto rendimento. Além disso, as atividades previstas — cerimônia de abertura, congresso técnico, cerimônia de premiação — são fragmentos do ritual olímpico moderno. Entretanto, nem tudo ocorre como idealizado pelos padrões olímpicos, e uma das evidências disso são os esportes pensados e praticados só pelos alunos.

2.4 ESPORTE SÓ DOS ALUNOS

Além das aulas, dos treinamentos e dos eventos realizados pelos professores de Educação Física, o esporte também é promovido pelos/as alunos/as, que criam possibilidades de vivências de outras práticas esportivas na Escola. É o caso de um grupo composto por praticantes de basquete cujos treinos foram assumidos por um aluno membro do grupo, em substituição a uma professora que era remunerada para desenvolver essa atividade. Assim ele justificou sua decisão:

Bom! Começou no ano passado, que todo mundo treinava junto e tinha técnico. Ai esse ano não teve. Ai, para não ficar parado e porque o pessoal estava querendo, eu resolvi arrumar um tempo para dar treino para eles.

Passou a ser respeitado e reconhecido pelo grupo. Inclusive, durante os treinos, por diversas vezes pude ouvir os alunos o chamarem de professor, reconhecendo, portanto, sua autoridade.

Os treinos são realizados duas vezes por semana, iniciando-se sempre logo após o final das aulas da tarde, tendo a duração prevista para uma hora e meia, mas que é sempre prolongada por cerca de 14 alunos e alunas, matriculados no turno da tarde, com exceção do aluno/professor, que é estudante do turno da manhã. Neste caso, o esporte tem se mostrado um meio de aproximação dos estudantes dos diferentes turnos da Escola. É interessante dizer que essa aproximação se dá, inicialmente, por meio de uma rede informal de comunicação.

Um fala para outro, ai vai falando, ai vai, fica todo mundo sabendo. Ai, também vê na quadra, vai lá e pergunta se pode entrar. Se tem lugar entra, e vai entrando.

Segundo o aluno responsável por essa atividade, apesar de o grupo manifestar interesse em participar de campeonatos oficiais, isso foi inviabilizado por não terem um professor responsável pela equipe. Entretanto, isso não impede que esse e outros grupos

promovam diferentes eventos esportivos na Escola. Eles participavam de alguns amistosos, marcados com o professor de atletismo com equipes de escolas situadas no município de Nova Lima, próximo ao clube de atletismo.

A diretoria do grêmio estudantil, conforme depoimento de um de seus membros, também organizou um *campeonato de futebol masculino*, com a intenção de envolver todos os alunos da Escola, especialmente os do noturno, que não tiveram a oportunidade de participar das competições organizadas pelos professores.

O Grêmio idealizou também suas Olimpíadas, buscando permitir a participação de todos os alunos, porque, de acordo com a avaliação deles, a promovida pelos professores de Educação Física excluía muitos alunos, como veremos mais adiante.

Além dessa Olimpíada, a diretoria do grêmio também discutia uma proposta de organização de jogos entre escolas, com o objetivo de *fazer com que os alunos participem mais das atividades esportivas*. Defendiam a idéia de que para incentivar a maior participação dos alunos seria necessário articular com os professores a possibilidade de pontuar a participação de todos na atividade, distribuindo pontos nas disciplinas que o aluno mais necessitasse. Naquele momento, iniciava-se esse tipo de discussão na Escola.

Outro evento realizado por alunos foi um campeonato de basquetebol chamado *I Torneio de Basquete Gladiadores*. Segundo o aluno organizador, o nome do evento foi escolhido porque

eu achei um nome muito, um nome bem forte, porque foi uma coisa que a gente organizou com tanta, tanta luta, então, eu achei bom colocar um nome mais forte assim, gladiadores, que significa disputa né, sei lá.

Outra atividade esportiva organizada pelos alunos é o chamado Futebol Arte, que acontece esporadicamente ou em substituição ao treino de *futsal*. Nessa atividade, os alunos desenvolvem brincadeiras na quadra com a bola de *futsal*, buscando fazer jogadas bonitas, passar por baixo das pernas do outro e levantar risos das pessoas que assistem a eles, sempre com muita descontração e prazer.

Outros alunos criam diferentes possibilidades de participação nas práticas esportivas, seja na hora do recreio, ou quando "matam" aula, ou ainda no final do turno de aula, quando jogam "peladas" de futebol, de basquete, de peteca, dentre outras. Enquanto isso, outros ficam no pátio em torno dos esportistas, torcendo para seu time, jogando baralho, dançando forró, fazendo batucada, conversando, flertando ou "zoando". Alguns grupos criam também oportunidades de se encontrar também fora da Escola para praticar esporte.

Vimos neste capítulo que o esporte ocupa diferentes tempos e espaços da Escola, tanto nas atividades regulares — em forma de aulas, iniciação esportiva, treinos ou nas práticas livres — como nas atividades esporádicas.

Assim, encontramos uma escola respirando esporte. Seja nos tempos oficiais ou não, o esporte é vivido por seus sujeitos, cultivando relações, reproduzindo e reinventando, acatando e desacatando suas normas e padrões.

As diferentes formas e possibilidade de esses sujeitos viverem o esporte serão apresentadas no capítulo 3, a seguir.

Capítulo 3

PARTICIPAÇÃO: DA “ELITE” ESPORTIVA AOS "DE FORA"

Neste capítulo procuro responder às seguintes questões norteadoras deste trabalho: *Como professores/as e alunos/as participam das práticas esportivas? Quais os elementos que possibilitam e/ou limitam essa participação?*

Pude verificar que há diferentes formas de participação nessas práticas. Nas aulas de Educação Física, cuja presença é obrigatória, quase sempre a maioria participa executando as atividades, alguns observam a aula ou um jogo que ocorre em outro espaço da Escola e ainda outros se dizem participantes, embora, após responderem à chamada, se desloquem para a cantina, onde pude presenciar a seguinte conversa entre dois deles, que, assentados, bebiam um refrigerante:

- *E aí, o que você está fazendo aqui fora?*
- *Eu estou na aula de Educação Física.*

As formas de participação nas práticas esportivas se ampliam durante as Olimpíadas. É o que mostra uma das cenas registradas no meu caderno de campo:

São 10h da manhã. O dia está chuvoso. Neste momento, no ginásio da Escola, acontece um jogo de handebol feminino entre duas equipes de sete jogadoras, ambas da 8ª série. Os técnicos são os colegas de sala e a mesária, uma aluna indicada pela coordenação do evento. Cerca de 130 alunos e alunas estão no recinto. Da arquibancada, alguns deles torcem para as equipes, outros observam o jogo, uns brincam na quadra do ginásio com uma garrafa de plástico, ainda outros conversam, riem, empurram os companheiros, gesticulam, tocam pandeiro, jogam baralho, enfim, se divertem. (Anotações do diário de campo.)

Cenas como essa se repetiram durante todo o tempo da Olimpíada. Elas nos mostram que o “jogo oficial” possibilitou a participação de um reduzido número de atletas e organizadores, no entanto permitiu que alunos e alunas criassem muitas outras formas de jogar com o outro, de viver momentos lúdicos compartilhados com os companheiros.

Segundo Garíglío (1999, p.153),

dentre outras especificidades, a aula de Educação Física apresenta uma disposição de espaço que a diferencia de outras disciplinas da escola, ou seja, sua ação pedagógica acontece em lugares amplos e abertos (quadras, campos, espaços verdes), desenvolvendo diferentes e amplas possibilidades de relação, de comunicação, de encontro e contato entre os alunos/as. É simples identificarmos essa especificidade quando assistimos a uma aula de Educação Física, onde se destacam a riqueza e a diversidade comunicativa e relacional vivenciadas. Torna-se de fácil percepção gritos, risos, conversas, sinais, gestos, contatos.

Essas possibilidades também são garantidas durante o Sábado Esportivo, como já dissemos no capítulo anterior. Entretanto, nos treinamentos, participar requer a efetiva execução das atividades esportivas e o aprimoramento técnico das equipes que compõem a "elite" esportiva da Escola, exigindo critérios especiais na seleção dos atletas.

3.1 A SELEÇÃO DOS MELHORES — A "ELITE" ESPORTIVA DA ESCOLA

Para compreendermos o que ocorre nos treinamentos, faz-se necessário conhecer o processo de seleção dos “melhores” alunos para a composição das equipes das diferentes modalidades esportivas, assim justificada pelo professor Paulo, responsável pelo treino de Futsal:

Há uma grande demanda destes alunos por este esporte e uma reduzida possibilidade de oferta de horário de treinamento pelo professor.

A seleção se dá, especialmente, por meio de testes e da observação dos professores durante suas aulas de Educação Física, ou nos treinos, por indicação dos colegas que já pertencem à equipe. Assim, dificulta-se o acesso àqueles que não têm aula de Educação Física com professores que treinam as equipes ou que não têm algum amigo que já pertença a uma delas.

Segundo o professor de atletismo, ele convida para treinar os alunos que obtêm os melhores índices nos testes aplicados durante a primeira "temporada", ou seja, a primeira unidade didática da Educação Física chamada de condicionamento físico, já apresentada no capítulo 2. Os resultados são divulgados no mural da Escola.

Quando indaguei a dois alunos sobre como se dava o ingresso na equipe, responderam:

O Eduardo chegou e falou assim – 'Eu estou achando que vocês têm um pouquinho de potencial, podem treinar um pouquinho para ver se podem ir nas competições. Aí, convidou para treinar.

Foi mais assim na aula de Educação Física, o Eduardo olhava assim, aí depois ele chamava para fazer um teste. Depois ele falava se a gente tinha capacidade. Se ia continuar ou se ia sair.

O potencial esportivo ao qual se refere o aluno é o conjunto de características que indicam possibilidade que têm de atingir bons índices de rendimento no esporte, dentre as quais as *capacidades e habilidades*.

Sobre as capacidades, Richard Schmidt e Craig Wrisberg (2001, p.42-43) afirmam que

os cientistas que estudam as diferenças individuais na performance humana via de regra usam a noção de *capacidades*, definida como traços inatos, relativamente permanente e estável do indivíduo que embasam ou dão suporte a vários tipos de atividades ou habilidades. As capacidades, na sua maior parte, são consideradas geneticamente determinadas e essencialmente não-modificadas pela prática ou pela experiência. [...] Se a pessoa possui altos níveis das capacidades importantes para a performance de uma tarefa específica, aquele indivíduo deverá ser capaz de executar a tarefa em um nível mais alto do que uma pessoa que possui baixos níveis dessas importantes capacidades...

Essas capacidades compõem os critérios adotados pela atual política do Ministério do Esporte e Turismo, implantada por meio dos Centros de Excelência Esportiva (Cenesp), cujo principal objetivo é de selecionar atletas que deverão compor as equipes esportivas brasileiras. Segundo documento divulgado pelo Cenesp/UFRGS (2000, p.3), o conceito de capacidade engloba as qualidades morfológicas, e de composição corporal, as capacidades funcionais e os intervenientes culturais:

As qualidades morfológicas e de composição corporal se referem às medidas do corpo. São informações referentes às dimensões corporais tais como massa (peso corporal), estatura, envergadura, somatotipo, índice de massa corporal, etc. As capacidades funcionais, por sua vez podem ser subdivididas em duas subcategorias: orgânicas e motoras. As orgânicas estão estritamente vinculadas com as características físicas dos indivíduos. Referem-se aos processos de produção de energia, seja relacionada à saúde ou a práticas esportivas mais exigentes. As motoras se referem ao desempenho das qualidades de aptidão física tais como força, velocidade, agilidade, flexibilidade, etc.

Pude constatar que, além das *capacidades e habilidades*, o *sexo e a idade* são características observadas pelos professores para detectar esse potencial esportivo, todas elas entrecruzadas de diferentes maneiras.

Assim, a estatura elevada somada à pouca idade favoreceu o acesso de uma aluna ao treinamento de handebol. Ela afirmou que a professora a convidou *para completar a equipe mirim, mesmo sabendo que eu não tinha muito jeito. Então eu não gostava muito de handebol, mas vim para ajudar a professora.*

O potencial esportivo não se refere apenas ao desempenho atual, mas tem uma perspectiva futura, uma vez que são dadas oportunidades aos alunos de desenvolver suas habilidades na própria prática, conforme afirmam duas atletas de handebol, durante uma Discussão de Grupo Focal:

Antigamente, quando eu entrei, eu não pegava bola nenhuma; eu não sabia jogar. Aí, eu comecei a aprender.

Ano passado eu também treinava. Aí muitas pessoas eram melhores do que eu. Aí comecei a treinar, ter mais boa vontade, agora eu acho que eu não vou sair mais não.

Em algumas práticas esportivas também, organizadas pelos alunos, as habilidades foram desconsideradas, uma vez que todos que quisessem poderiam participar. Isso ocorreu no treino de basquetebol e nas "peladas" de várias modalidades que aconteciam durante o recreio e nos intervalos das aulas, cujo interesse dos alunos era garantir-se no jogo, deixando a perspectiva da vitória em segundo plano.

Mas, quando se tratava do acesso das mulheres ao esporte coordenado pelos seus colegas, a habilidade tornava-se o critério utilizado. Isso ocorreu no campeonato de basquetebol, conforme relato do aluno responsável pela organização desse evento:

Jogaram todos os meninos que quiseram jogar e mais três meninas boas de bola. Elas são boas mesmo. Eu também joguei. Mas não sou praticante, sou admirador.

Dessa maneira, mulher tem de possuir habilidade; quanto aos homens, basta ser homem. O estudo de Helena Altmann (1998, p.51) sobre gênero nas aulas de Educação Física também identifica que a exclusão das mulheres nos esportes aparece atrelada, especialmente, à habilidade e não ao sexo. Sobre isso a autora ressalta:

Assim, apesar de verificar que durante todos os jogos observados a média de toques executados pelos meninos tenha sido muito maior que a das meninas, não se pode generalizar a afirmação de que meninas são excluídas do jogo por serem mulheres. Gênero é uma categoria relacional, relacionando-se também à habilidade motora.

O que não significa que o sexo tenha deixado de ser um dos indicadores de potencial esportivo, o qual, atrelado às normas do esporte de alto rendimento, foi adotado como um dos critérios de seleção das equipes esportivas da Escola.

Como vimos no capítulo 2, o treino de futebol de salão era uma prática restrita aos meninos. Entretanto, as meninas, ao terem a oportunidade de escolher as modalidades para participar nas Olimpíadas, selecionaram o *futsal*, dentre as três apresentadas. Isso é indício de que só não participam dos treinamentos por falta de oportunidade.

Em pesquisa sobre gênero, realizada em uma escola municipal de Belo Horizonte, Altmann (1998, p.39) também verificou que o futebol era considerado esporte masculinizado e masculinizador, independentemente de ser praticado por meninas ou meninos:

As quadras de futebol eram um espaço masculino, e as meninas, quando muito, circulavam pelas arquibancadas. Entretanto, as meninas resistiam a esse domínio masculino do espaço na escola, se organizavam também para jogar, apesar de serem chamadas por eles de ‘Marias-homem’.

Dessa forma, percebemos que o futebol nessa Escola também é uma prática legítima masculina, apesar de as alunas lutarem para também usufruir a prática desse esporte.

A equipe de atletismo também era, predominantemente, masculina, pois se compunha de 27 homens e apenas 3 mulheres.

Mas, se elas eram minoria do atletismo e no futebol, dominavam no handebol, uma vez que somavam 80 e os homens somente 26. Além desses números, presenciei cenas que me mostraram esse domínio das mulheres:

Enquanto aguardam a professora para iniciar o treino de handebol, um breve jogo acontece. Alunos e alunas vão se organizando em duas equipes, à medida que os colegas vão chegando à quadra para o treino. As alunas dominam os espaços, as posições no jogo, e alguns de seus colegas, timidamente, entram na brincadeira, assumindo posições de goleiro ou sempre passando a bola para que uma menina faça o gol. (Anotações do caderno de campo.)

Essa liderança feminina no handebol também ficou evidente durante as Olimpíadas, com uma aluna exercendo a função de técnica de uma equipe masculina, a convite dos colegas que a compunham.

O professor de *futsal* comenta que o esporte que estiver mais veiculado na mídia interfere também na escolha da modalidade pelo aluno. Entretanto, o handebol não é valorizado no País, mas nessa Escola, sim:

O mais marcante aqui no Colégio é o handebol. Tem muito apoio. Quando o handebol ganha, bota uma faixa de todo tamanho, entendeu?

A participação das meninas no handebol não parece ter a conivência das mães; conforme se comprova nesta fala de duas atletas dessa modalidade:

Minha mãe não deixa eu ser goleira.

A minha mãe ficou assustada quando eu disse que estava fazendo handebol. Perguntou se eu não tinha medo de me machucar.

Como já dito anteriormente, além do sexo, a *idade* é um critério adotado pelos professores e professoras na seleção da “elite” esportiva da Escola, com preferência por alunos mais jovens, entre 12 a 14 anos de idade. Isso porque, segundo um dos professores, *quanto mais novos, mais tempo para treinar e participar de maior número de campeonatos.*

Além disso, conforme a legislação esportiva, aos atletas mais jovens é permitido disputar jogos de várias categorias, ao contrário dos mais velhos, que só podem disputar pela categoria correspondente à sua idade. Além disso, alguns professores ressaltam que à medida que os alunos adquirem mais idade perdem o interesse pelas práticas esportivas, porque necessitam ingressar no mundo do trabalho ou dedicar mais tempo aos estudos, em especial ao preparo para o vestibular.

Apesar da preferência por alunas mais novas, uma delas, de 14 anos, conta que a professora de handebol a convidou para participar de sua equipe sem perguntar sua idade, porque apresentava um bom desempenho no jogo realizado durante as Olimpíadas:

Ela falou que eu jogava bem, e ela falou pra eu entrar no handebol. Ela não perguntou minha idade, aí ela falou pra minha mãe que eu jogava bem, que eu podia treinar.

O professor de *futsal* justifica a sua escolha por alunos entre 13 e 14 anos pelo fato de ele ministrar aulas de Educação Física para essa faixa etária, o que facilita a seleção dos atletas. Entretanto, esse professor já planejava disputar, no ano seguinte, jogos de outra categoria, para não ser obrigado a substituir seus alunos, que ultrapassariam a faixa etária. Sobre isso ele esclarece:

Eu já tenho alguns meninos de 85, mas tenho alguns meninos de 86 agora também. Então, o ano que vem já tem uma turma que já está mais ou menos por dentro do que a gente está querendo, do objetivo da escola e do modo que a gente vai trabalhar. No próximo ano ou nos próximos anos, [...] a gente já teria uma base anterior formada e teria esses meninos... Para o ano que vem, em uma categoria mais acima.

Os alunos — identificando-se pelo ano de nascimento — compreendem a estratégia do professor, entretanto temem ser dispensados ao ultrapassarem o limite de idade da categoria. É o que comentaram na DGF:

No ano passado até que tinha mais. Saíram por causa da idade...porque a maioria é de outras idades. Subiu de categoria já.

Ele [o Paulo] podia até continuar com oito/quatro (84) só que ele preferiu subir de categoria. Agora, ano que vem ele pode subir mais, por isso tem gente que vai sair. Mas ele está pensando em voltar com oito/quatro (84) e continuar com o mesmo time. Senão vai ter que voltar tudo, ensinar tudo de novo para os meninos novos, que vão entrar. Ai ele prefere talvez voltar para 84, para gente continuar jogando.

Nesse caso, o professor conta com a possibilidade de participar de outra categoria, fato que permite o desenvolvimento gradativo das habilidades necessárias ao bom desempenho no esporte. Essa é uma evidência de que o treinamento visa à busca de resultados no mundo esportivo para além da Escola.

Contraditoriamente, a um aluno habilidoso, porém com idade além do limite estabelecido pela categoria, é negada a possibilidade de ingresso na equipe. Isso ocorreu com um aluno recém-transferido para a Escola, o que pude constatar durante as Olimpíadas, quando, assistindo a um jogo de futsal masculino, o professor me chamou a atenção sobre suas habilidades e desempenho no jogo. Ressaltou que ele já havia pertencido a equipes do Clube Ginástico e do América Futebol Clube, e lamentou o fato de ele ter 15 anos, motivo pelo qual não poderia fazer parte da equipe da Escola.

Quanto ao handebol, apesar de as equipes serem constituídas por alunos e alunas com idade entre 11 e 18 anos, os convites da professora para o ingresso nos treinos eram destinados aos de até 12 anos, em alguns casos, independentemente da habilidade nesse esporte. Durante a DGF, três alunas com idades entre 12 e 14 anos disseram sobre essa questão:

Ela [a professora] põe todo mundo pra treinar... Porque o Mirim está começando.

Ela perguntou nossa idade, e aí ela perguntou se a gente havia participado de Mirim. Aí a gente aceitou e até hoje está fazendo.

É porque faltava gente pra jogar o Centenário [campeonato], gente de 87. Aí ela pediu algumas meninas que ela achava que queria entrar. Entrou gente de 87 e 88.

Assim, as mais velhas, com idade acima de 12 anos, que não se incluíram na categoria Mirim, mesmo que desejassem não eram aceitas. Pude constatar que essa era a norma estabelecida também no diálogo entre a professora de handebol e uma de suas atletas, ocorrido na sala de Coordenação de Turno:

Era hora do recreio. Entraram duas alunas. Reconheci uma delas como pertencente à equipe de handebol da categoria Mirim. Ela se dirigiu à professora dizendo que a sua colega estava interessada em se inscrever na equipe. A professora lhe perguntou o ano de nascimento da sua amiga. 'Ela é de 85', respondeu a aluna. A professora disse: 'Eu só preciso de meninas nascidas até 87'. A aluna recusada permaneceu calada e cabisbaixa. Ambas saíram da sala e a professora continuou sua tarefa. (Anotações do caderno de campo.)

Dessa forma, vemos que a "elite" esportiva da Escola é, a princípio, constituída de forma a atender às normas das instituições esportivas oficiais, por isso quem tem mais de 12 anos é excluído dos treinos.

Almeida Júnior (2002, p.112) comenta que, apesar de a sua escola pesquisada construir normas próprias, muitas outras assumiam,

na sua configuração, códigos de conduta e regras que se aproximam do universo dos eventos esportivos organizados por empresas e federações esportivas, que não compartilham com a instituição escolar os mesmos princípios e objetivos.

Essas normas e códigos limitam a participação de todos. Isso significa também que estar selecionado para os treinos não garante a participação nos jogos realizados dentro e fora da Escola.

Assim, nos jogos que acontecem durante os treinamentos, formam um time titular, um reserva e os “de fora”. Os titulares, durante todo o tempo, são colocados em quadra para participar do coletivo, treinando táticas e técnicas de jogo e buscando alcançar maior entrosamento entre os componentes. Os reservas são aqueles que momentaneamente podem substituir um titular ou formam a equipe "adversária" dos titulares, a fim de treiná-los em situação de jogo. E os “de fora” ficam aguardando uma oportunidade de pelo menos substituir os reservas.

Dessa maneira, mais uma vez há uma hierarquização que garante mais oportunidades aos “melhores” e limites aos “piores”.

Nessa situação, o bom ou o mau desempenho de um jogador viabiliza a troca de posições de "de fora" para reserva, de reserva para titular ou de titular para reserva e de reserva para "de fora". Essa forma de organização das equipes durante os treinos mostra a intenção de busca do preparo das equipes para a vitória nas competições, o que garante a inclusão de alguns e a exclusão de outros.

Mas parece que os alunos têm outras intenções, pois, quando o professor se ausentava do treino, os alunos desobedeciam a essas normas mudando de posição. Sobre isso, no Grupo Focal alguns alunos comentaram:

Quando o Eduardo está em reunião, aí a gente coloca o time titular e o time reserva. Mas depois bagunça tudo. Quando precisa, a gente, bota gente de fora, só para completar. Reserva vai pro gol...

Nos campeonatos fora da Escola, parte da “elite” esportiva é excluída. No caso do handebol, uma equipe é formada por sete jogadores (as) na quadra e outros (as) sete no banco de reservas. Assim, das 106 alunas nas diferentes categorias do treinamento, apenas 64 foram inscritas na Copa Escolar. Sobre isso, as alunas disseram:

Todas as meninas fazem, só que, assim, a professora escolhe as melhores para jogar...

Ano passado tinha mais, só que quando tinha jogo ela escalava acho que só 12, né?

No infantil deram 20 pessoas lá, 20 meninas, e ainda tem gente que ainda não está inscrito, que não foi inscrito para esses jogos que está tendo agora.

E ela [professora], ela fala assim... Ela pega as melhores e mais três que ela sorteia.

Porque um jogo de camisa tem 14, não tem camisa para todos. Só pode dar 14 meninas, e tem 20 meninas. Aí ela faz sorteio de três meninas.

Mas, apesar disso,

diz a Vânia que no handebol não existe esse negócio de titular, reserva, que todo mundo joga, todo mundo é titular, todo mundo é reserva.

Quando a gente jogou, a gente estava perdendo. Aí, toda hora ela tirava uma, entendeu? Ela revezava uma com a outra, por exemplo, ela tirou a Renata, aí me colocou, aí depois me tirou e colocou a Renata, sabe?

Essa atitude da professora mostra que o objetivo das trocas parece ser a busca da vitória. Entretanto, acaba por viabilizar a participação de maior número de atletas no jogo. E estar na equipe reserva é um dos principais fatores de ausências nos jogos. Sobre isso, os alunos do *futsal* disseram:

Aí chega no jogo ninguém vai [risos]...É, ninguém vai pra ficar no banco.. No jogo vão seis, sete, assim. Só titular. Um ou dois reserva, só.

Dessa forma, vemos que, embora estejam inseridos nas turmas de treinamento, as possibilidades de participação nos jogos não são iguais para todos; nem todos apresentam o desempenho desejado. Em síntese, há uma hierarquização da elite esportiva da Escola, quando se busca a vitória nas competições.

3.2 AS CONDIÇÕES DOS/AS ALUNOS/AS E DA ESCOLA

Além dos critérios adotados na seleção das equipes esportivas, as *condições socioeconômicas dos/as alunos/as*, os *recursos financeiros*, a *organização da Escola e a remuneração dos docentes* também interferem na participação dos alunos e alunas nas práticas esportivas. Essas condições aparecem entrecruzadas, sendo difícil definir precisamente as implicações de cada uma nesse processo, o que interfere nas práticas esportivas desenvolvidas além do horário regular das aulas, principalmente nos treinamentos e nas competições realizadas dentro e fora da Escola.

Quanto aos limites que as condições socioeconômicas impõem à prática do esporte na Escola, o professor Paulo lembra que esse é um problema de todo o País, uma vez

que faltam políticas públicas de apoio ao esporte estudantil, o que resulta na total ausência de recursos.

Esse é um dos motivos considerados na decisão de estabelecer o horário dos treinamentos para o final da tarde, facilitando a seleção dos mais jovens, os quais, por estudarem neste turno, não têm despesas adicionais com o transporte, uma vez que a maioria das suas famílias não dispõe de recursos financeiros para arcar com mais esse custo.

Por outro lado, também a Escola não conta com recursos para financiar os custos com treinos e participações em jogos realizados fora de seu espaço. Segundo a professora de handebol, não seria possível custear todas as equipes, pois

a Escola precisaria de muito dinheiro. Os custos seriam altos, uma vez que apenas o handebol possui seis categorias e participa de aproximadamente 480 jogos ao ano. Esse ano, por exemplo, nós participamos, nada mais, nada menos, que de uns dez campeonatos. Esses dez campeonatos, nisso aí você vai ver o quê? No mínimo, um campeonato a gente sempre está entre os quatro finalistas. Raro um campeonato – acho que esse ano só uma categoria – em que eu não fiquei entre os quatro finalistas. Então, quer dizer, a gente joga sete, oito jogos em cada competição. Então, se eu entrei em dez competições; só aí são 80 jogos com uma categoria. Tem campeonato que eu entro com cinco, seis categorias. Então, o Colégio não tem condições de bancar esse transporte para os alunos. Os alunos mesmos é que bancam seu vale transporte ou mesmo se a gente for alugar um ônibus, uma coisa, eles que têm que pagar.

Segundo essa professora, se existisse patrocínio, muitos dos atletas de handebol da Escola já estariam participando de equipes em níveis estadual e federal.

A dificuldade é financeira, porque nem sempre elas têm o dinheiro para pagar a passagem, a Escola não consegue, não tem como mandar transporte para todos os jogos de que a gente participa... Eu tenho uma atleta no Rio que já está na seleção brasileira de handebol no juvenil. Foi atleta nossa aqui. Tem atletas que já foram campeãs brasileira. Se tivesse dinheiro eu teria muito mais.

Em uma de nossas conversas, essa professora recorda que, em 1998, suas equipes femininas venceram quase todas as competições das quais participaram — especialmente as organizadas pela Federação Mineira de Handebol. Por causa disso, várias alunas foram indicadas para participar de campeonatos nacionais, e só não foram por falta de verba para pagar suas despesas de transporte e alimentação. Caso semelhante ocorreu ao final da Copa Escolar de Handebol, quando cinco alunas foram indicadas para compor a Seleção Mineira, que disputou os Jogos da Juventude, realizados em Uberlândia-MG.

O professor de atletismo também fala das dificuldades financeiras e das alternativas encontradas para minimizá-las:

*Apoio nós não temos nenhum. A gente tem, como eu falei, a ajuda de professor de Educação Física de outras unidades que têm local para treinar. E, então, a gente treina junto. Para as viagens, por exemplo, cada um dá uma mensalidade, às vezes de dez reais. Tem alguns ex-diretores que ajudam com mensalidade também. Então, são **patrocinadores**. Já dá uma ajuda para a viagem, mínima, mas dá. Nós não temos nenhum patrocínio. Tem um convênio com a UFMG somente para a gente poder usar a pista lá, três vezes por semana. A gente só usa aos sábados, porque é difícil, até inviável, a gente deslocar pra lá.*

Além disso, diz ele:

Às vezes, a gente faz rifa. Este ano nós ainda não fizemos, não chegou a precisar. Então, a gente se vira para arrumar de qualquer jeito. Tem o pessoal que trabalha na arbitragem, diretor ou ex-atletas, que trabalham gratuitamente e dão a verba. O dinheiro deles, eles passam para o Clube. Então, é dessa forma que a gente vai levando.

Ou, então, mesmo com os baixos salários, os professores de Educação Física ajudam:

Muitas vezes a gente tem de tirar do bolso, porque precisa de determinado aluno no jogo.

Ou, ainda, a questão é resolvida de outra maneira: os professores utilizam seus próprios carros para transporte das equipes.

No ginásio acontece um jogo das Olimpíadas, assistido por um grupo de alunos que trajam o uniforme de *futsal* da Escola. O professor Rinaque e o Vice-diretor entram rapidamente no ginásio e chamam esses alunos. Um deles diz bem alto: ‘vem, vem! Eles vão levar a gente nos carros deles’. (Anotações do caderno de campo.)

A essas questões financeiras e dificuldades de transporte atrela-se a *violência*, mais um limite às práticas esportivas desenvolvidas na Escola. Os estudantes não se sentem seguros ao voltarem para casa à noite, após o treinamento. Frequentemente, são surpreendidos por menores infratores que circulam nas proximidades da Escola.

Em reunião geral da Escola, presenciei a discussão desse problema pelos professores e o comentário do coordenador do turno da manhã sobre o medo de uma aluna

que diariamente tinha de pagar "pedágio" a um menor que a ameaçava. Diante de tal situação, foi sugerida a contratação de segurança particular para a Escola.

O problema da violência é motivo para muitos pais não permitirem a participação de seus filhos, e especialmente de suas filhas, nas práticas esportivas que acontecem fora do horário de aula ou fora da Escola. Na DGF, uma aluna, atleta de handebol, falou de algumas dificuldades enfrentadas e das iniciativas que permitem sua participação nos treinamentos:

A gente mora longe. Você não tem recurso para você poder ir de carro. Seu pai não pode te levar de carro, porque está trabalhando, porque não tem carro. Aí, você não pode ir de ônibus porque tem ladrão. Esse negócio, é perigoso. Pai não deixa. A gente ainda está pequena. Então, eu vou com a Isabela, que é uma colega minha, o pai dela vem trazer ela de carro, vem buscar ela de carro, aí eu vou com ela. Ele me deixa na porta da minha casa. Aí, quanto a isso de ir embora, não tem muita preocupação não.

Solução semelhante é encontrada por sua colega:

Pra mim também fica difícil. Isso que eu queria falar que o meu pai não tem carro. Ele é advogado, tem que ficar muito tempo trabalhando numa coisa só. Minha mãe dá aula particular. Então, é difícil encontrar ela, só de vez em quando. E esse horário de seis e meia também, é difícil. Até as sete horas assim, a minha mãe dá aula à tarde, dá aula à noite, dá aula particular de português. Então, muitas das vezes, eu vou com ela [apontou para a colega], porque o pai dela mora lá perto de mim.

A violência é motivo de preocupação também quando os alunos se deslocam para as competições que ocorrem fora da Escola:

Minha mãe, às vezes, fica preocupada assim na hora de ir para o jogo. Ah, você vai sozinho! (Atleta de futsal.)

A minha mãe também pergunta: Você vai com quem? Pai de quem? Mora aonde? Que classe? [risos] (Atleta de futsal.)

Minha mãe também fica assim, quando eu vou jogar ela pergunta isso também. (Atleta de futsal.)

Chega tarde em casa e tem dia que minha mãe até reclama e tudo. Fala: – Ah, você está chegando tarde, fala lá com o Eduardo, uma hora para você sair mais cedo, não sei quê. Mas aí eu nem ligo, de vez em quando falo: – Tá, mãe, eu chego mais cedo, pode deixar. (Atleta de atletismo.)

Quando eu vou para o Barroca [depois do treino da escola], assim, no treino, minha mãe fica preocupada. O treino acaba nove horas, nove e meia, por aí, até eu pegar ônibus e tal. Muitas vezes eu ligo para o meu pai,

ele me busca. Eu vou descendo a pé, ele me pega no meio do caminho. Ele fica preocupado, mas apoiar, ele apóia. (Atleta de futsal.)

Quando eu fazia vôlei, antes de mudar para o handebol, o professor, se ele não tivesse algum compromisso, ele ia lá, me levava em casa, depois do jogo. (Atleta de handebol.)

Buscando maior segurança, eles procuram se organizar para irem juntos para o local do jogo:

A gente vai. A gente não tem um ônibus próprio, assim, não. A gente de vez em quando vai com o pai do nosso colega. A gente vai combinando, aí vai de ônibus com os colegas assim. É legal ter jogo assim, com a turma assim!”

É legal, todo mundo junto.

É diferente, né? vai só a gente. Lá a gente encontra com o professor.

A gente faz zorra assim, no caminho.

Daqui até lá a gente fica lá brincando com o outro.

Assim, ao se prevenir contra a violência, acabam por criar momentos de alegria e de convivência com os colegas.

Mas nem tudo acontece como planejado. Muitas vezes alguns se atrasam ou o responsável pelo transporte não comparece. Diante dos imprevistos, os alunos buscavam novas soluções:

*A gente foi de táxi e voltou de metrô.
Uns foram de ônibus.*

As questões financeiras não interferem apenas na participação em competições esportivas fora da Escola; elas se manifestam também nos eventos internos. Isso ficou evidente durante as Olimpíadas, cuja inscrição foi condicionada ao pagamento de taxa no valor de R\$ 25,00 por equipe, com exceção das competições dos esportes individuais, cujas inscrições foram gratuitas, uma vez que os professores temiam que se inviabilizassem, por falta de interesse dos estudantes.

O professor Aladi, um dos organizadores desse evento, justifica a necessidade da cobrança da taxa como forma de cobrir as despesas com arbitragem, coletes de identificação, compra de materiais e premiação.

Nem o dinheiro das taxas vai ser suficiente. A escola ainda vai contribuir com R\$900,00. Eu estou com uma projeção, que estou fechando agora a tarde. Com o dinheiro das inscrições devo pagar 50% das despesas, aproximadamente 50%. Eu estou comprando uma medalha no preço final por aproximadamente R\$ 2,10 cada medalha. Vou contratar uma arbitragem. Vou pagar a arbitragem uma média de R\$ 4,00 por jogo, porque nesses casos a gente contrata tarefa. É muito comum eu fazer contrato por hora trabalhada. Vou ter uma despesa de R\$ 800,00, R\$ 900,00 reais de arbitragem e mais 50% da receita para medalhas. Eu ainda não sei exatamente quanto isso vai dar não, porque à tarde que vou fazer isso.

Mas essa taxa que viabilizou a realização das olimpíadas pelos professores tornou-se um limite para a participação dos estudantes.

Eu não tenho dinheiro, não posso participar. Essa inscrição está muito cara — disseram-me dois alunos, quando lhes perguntei se inscreveram-se em alguma equipe.

Durante o período de inscrições, presenciei cenas que mostram as dificuldades dos alunos para quitarem sua “dívida” com a coordenação do evento:

Numa tarde, dois professores e duas alunas estavam na sala de Educação Física organizando a tabela de jogos. Em determinado momento, entraram dois alunos, e um deles entregou algumas moedas ao professor Aladi, que em seguida as contou. Eles, então, perguntaram: 'Quanto falta para completar?' Não pude ouvir a resposta do professor. Após uns vinte minutos, entrou outro aluno, da mesma turma, entregou mais algumas moedas e perguntou: Quanto falta agora professor? (Anotações do caderno de campo.)

A cobrança dessa taxa foi alvo de críticas de alunos/as da Escola, que se sentem excluídos do evento. Uma aluna, que é membro do Grêmio Estudantil da Escola e também uma das jogadoras do Campeonato de Basquete, argumenta que a Escola é pública, havendo muitos alunos, em especial nos turnos da manhã e da noite, que não têm como pagar esses valores:

É porque o departamento já mexe com isso já há algum tempo, tem uma estrutura maior para poder estar realizando isso. A gente pensa em fazer mesmo, é o chamado 'a pelada' né, a famosa 'pelada' né. Fazer com que os alunos participem do esporte. Mesmo, às vezes, ele não tendo a quantidade, o dinheiro, né, a condição financeira. Porque o departamento de Educação Física pede, exige uma taxa para o aluno pagar. Quer dizer, ele tem que estar uniformizado, ele tem que pagar, R\$ 25,00 por turma, eu acho que feminino e masculino, se não me engano. Quer dizer, ele está exigindo aí é o aluno ter um tipo de renda que, às vezes, exclui muitos alunos que não têm

esse tipo de condição financeira de participar. E a gente sabe que aqui é uma escola pública, é difícil os alunos terem esse dinheiro, né? E eles já são muito desanimados com relação ao esporte, principalmente, o turno da manhã e o turno da noite, que é o pessoal do 2º grau.[...]Até mesmo o pessoal do próprio Grêmio, que, às vezes, já deixou de participar de Olimpíadas porque tinha que pagar, ano passado, R\$ 10,00 reais a camisa – era o preço da camisa. E, se você não comprasse a camisa, você não participava das Olimpíadas. Acho que é R\$ 10,00 ou R\$ 8,00 reais, uma coisa assim. Só que o preço da camisa não era aquele mesmo, né, e você pagava, e o dinheiro que sobrasse era para comprar as medalhas, para as outras atividades. Quer dizer, ano passado era até melhor do que este ano. Este ano é R\$ 25,00 por turma, quer dizer, muitas turmas não vão participar, né? Ano passado muitas turmas não participaram. O noturno, por exemplo, muitos alunos não fazem Educação Física, o que quer dizer, da Olimpíada, então, não vão participar de jeito nenhum, principalmente porque são alunos que trabalham e tal. Então, quer dizer, precisa de alguma coisa para motivar mais os próprios alunos.

Com esses argumentos eles idealizaram um evento que possibilitaria a inclusão de maior número de pessoas, como explica uma aluna, membro da diretoria do Grêmio Estudantil da Escola:

Então, a gente pensa em estimular mais, a gente pensa em não cobrar. Mas tem que cobrar, porque a gente não tem essa condição financeira de estar bancando, o evento. A gente pensa, por exemplo, em cobrar R\$ 1,00 real e tal, mais para pagar as medalhas. Mas a gente não faz muita exigência de uniforme, tem que estar de bermuda, mas qualquer bermuda, não precisa ser azul, vermelha. Então, isso quer dizer que a gente não faz essa exigência que o departamento de Educação Física faz. Então, é mais para todos os alunos poderem participar, não excluir ninguém.

Tal proposta se inspirou em outro evento organizado por um aluno:

Então, essa idéia nasceu, foi mais ou menos assim, a gente sabe. Estava acontecendo um campeonato de basquete, por um aluno do Colégio. E ele realizou esse campeonato assim, também de R\$ 1,00 real. Ele não era nem do Grêmio e nem era do departamento de Educação Física. Ele simplesmente, sentiu vontade de fazer um evento no Colégio, que não tinha acontecido antes. Igual eu falei, a famosa ‘pelada’ né, e, está realizando, e está surgindo assim, muito sucesso. Tem as regras, ele próprio criou, junto com os alunos, quer dizer, o pessoal mesmo da ‘pelada’, quer dizer, podem ter duas pessoas de fora; o time tem que ter no mínimo uma mulher, porque são três mulheres só que jogam basquete no Colégio. Então, quer dizer, essas regras criaram condições de estar mais gente participando. A qualidade do campeonato ficou ótima, porque tendo gente de fora, né a gente pode estar disputando com outras pessoas de outras escolas e tal. Então, quer dizer, o pessoal vai estar jogando, treinando mais e rendendo mais no campeonato. Então, às vezes, não precisa ser do departamento de Educação Física ou do Grêmio para estar realizando. Os próprios alunos mesmo motivam para estar realizando o evento. Quer dizer, eles só não

gostam dessa coisa de ter que pagar muito porque não têm o dinheiro. Mas igual ele fez, pagou R\$ 1,00 real. Quem apita são os alunos mesmos, decidem na hora assim: Ah, você apita aí e tal. Então, quer dizer, aí não tem muita confusão.

O aluno do curso noturno, responsável pela organização desse campeonato, fala de outros detalhes:

Não exigimos a compra de uniformes, só se usou camiseta cavada, para ficar uma coisa bem de basquete mesmo. As camisetas, os shorts e bolas, tudo foi emprestado. Quem apitou foi um jogador do Minas [Tênis Clube], amigo dos meninos aqui da Escola. Quando ele não veio, os meninos que sabiam apitaram. Só dá confusão quando um time acha que o juiz gosta mais do outro, no calor do jogo, assim. Sempre arruma uma desculpa quando o time tá perdendo. O dinheiro que cobramos, R\$ 1,00 de cada um, comprei as medalhas. A gente queria fazer dois tempos de 15, o mínimo, que o basquete deve ser ocupado, porque o futebol é muito rápido, mas o basquete, na verdade, são quatro tempos. Então, a gente colocou dois, um tempo só de 25, porque a diretora falou que teria que ter 5 minutos para os alunos entrarem em quadra. A diretora aumentou um pouco do recreio para a gente, 10 minutos, para a gente fazer esse campeonato, só que não foi o que a gente queria ainda, porque são 5 minutos de tolerância, que a gente programou. Aí o pessoal tinha 5 minutos para chegar, para jogar, acabava que demorava 15, porque, às vezes, tinha alguém jogando futebol, ou, às vezes, as luzes estavam apagadas, aí a gente tinha de esperar para jogar o Campeonato. Hoje, até foi meio corrido, também, o Campeonato, mas foi mais ou menos isso a organização.

Para garantir a realização desse campeonato, os alunos tomaram iniciativas sem a ajuda dos professores, dentre as quais: improvisar uma manivela para abaixar a tabela de basquete, utilizar bola e relógio-cronômetro emprestados e substituir o ginásio, cedido para entidades esportivas, pelo espaço da quadra.

Assim, fica evidente que os/as professor/as, ao realizarem as Olimpíadas da Escola utilizando o esporte de alto rendimento como referência, limitam a participação dos estudantes como jogadores e estabelecem hierarquizações, apesar de possibilitarem outras formas de participação construídas pelos estudantes.

Por outro lado, os eventos esportivos idealizados e organizados pelos estudantes buscam romper com os limites impostos advindos dessa padronização esportiva, construindo regras mais democráticas e possibilidades de jogar pelo prazer de jogar.

Capítulo 4

O ESPORTE E SEUS SIGNIFICADOS NA ESCOLA

– *Que significados professores e alunos atribuem ao esporte?* É essa a pergunta que procuro responder neste capítulo.

Nas informações coletadas, pude verificar que são atribuídos pelos alunos diferentes significados às práticas esportivas da Escola, destacando as possibilidades de: *ascensão social* e aquisição de *valores e atitudes*; construção de redes de *relações sociais* e *vivências lúdicas*.

4.1 DAS POSSIBILIDADES DE ASCENSÃO SOCIAL A AQUISIÇÃO DE VALORES E ATITUDES

Alguns alunos/as ressaltam a possibilidade de *ascensão social* em seus depoimentos, quando revelam acreditar na realização do sonho de se tornarem atletas reconhecidos e admirados, tanto quanto seus ídolos, por eles qualificados de "craque", "cara legal", "carismático" e que "faz jogadas bonitas". Sobre isso um dos alunos/atletas de atletismo diz:

É um sonho também, né? Chegar (risos) na Olimpíada, no Mundial, sonho mesmo. Eu sou da filosofia que se a gente quiser a gente pode tudo, né? Então, não sei, vai depender de muito treino, de muito suor, de muita garra, não sei. Mas, eu imagino, é lógico, pelo menos é, chegar a ser (risos) grande corredor, depois ir para o Panamericano. Sei lá, Olimpíadas. É a maior sorte conseguir chegar lá. Mesmo que não seja no atletismo, em outra área, sei lá. Já está bom demais só de você estar lá.

No caso de um atleta de futsal, seu depoimento mostra que o futuro promissor como atleta profissional parece ser também a aspiração da própria família:

Minha mãe costuma dizer: 'Meu filho, minha esperança está em você! Está em suas mãos' Aí eu falo: 'Calma, mãe!'. Ela sempre fala isso. (risos)

A possibilidade de *ascensão social* por intermédio do esporte é um mito da sociedade atual, que o transforma numa mercadoria altamente rentável. Ser um atleta de destaque significa poder adquirir fama e dinheiro. E é essa a expectativa desses alunos quando dizem sonhar com um futuro esportivo promissor. Cria-se a ilusão de que a *ascensão social* por meio do esporte é uma possibilidade de todos, bastando ter esforço próprio.

Como nos lembra Luiz Alberto Gonçalves (1999, p.95), algumas modalidades esportivas se profissionalizaram a ponto de se tornarem grandes organizações empresariais, o que acaba constituindo-se em estratégias de *ascensão social*, por causa dos salários milionários que são pagos em "tão pouco tempo de trabalho".

Nas últimas décadas houve uma "ascensão da cultura corporal esportiva" denominada de "cultura corporal de movimento" nos meios de comunicação de massa e na economia. Assim, o esporte, as ginásticas, as artes marciais e as práticas de aptidão física tornam-se produtos de consumo amplamente divulgados ao grande público (BETTI, 1997).

Mauro Betti (1997, p.12) ressalta que a Educação Física

... deve assumir a responsabilidade de formar o cidadão capaz de posicionar-se criticamente diante de novas formas da cultura corporal - o esporte espetáculo dos meios de comunicação, as atividades de academia, as práticas alternativas, etc.

Mas, nem todos os alunos acalentam esse sonho de *ascensão social* por meio do esporte:

Eu, por enquanto, eu não espero nada assim. Eu treino, acho que porque gosto. No momento que eu perceber que vai dar algum retorno, acho que eu tenho mais é que ir em frente mesmo, né? Porque, se eu ver que vai dar, vou conseguir, sei lá. Eu penso dessa maneira. Por enquanto, eu não vejo muito retorno assim não, nessa área, por enquanto assim, não.

Ah, muitos colegas acham legal, outros: 'Nó, que besteira! que isso não tem dinheiro. Não dá retorno. Ah, não. preguiça total' (riu). É, ah, não isso é, esse trem não dá retorno... . Vou parar com isso. Ai, parei, né? Penso em voltar, depois penso em não voltar mais.

Além desses alunos, os professores responsáveis pelos treinamentos consideram remota essa possibilidade de seus alunos se profissionalizarem com o esporte. A professora de handebol, como já dito no capítulo anterior, afirma que apesar das vivências esportivas proporcionadas pela Escola possibilitarem a preparação de atletas de destaque, muitas delas não avançam na carreira como profissionais por falta de condições financeiras. O professor de

futsal ressalta que o principal motivo é a ausência de políticas públicas do País, impedindo que os alunos "carentes" se destaquem no cenário esportivo. Além disso, ele também aponta o fato de o futsal ser praticado por muitas pessoas, e como consequência haver maior exigência na qualidade técnica que os outros esportes, o que dificulta ainda mais o destaque de seus alunos/atletas.

Isso mostra que a *ascensão social* por meio do esporte é, na maioria das vezes, ilusória uma vez que para conquistá-la necessita-se de condições materiais, recursos financeiros, políticas públicas que beneficiem alunos carentes, além da qualidade técnica.

Por outro lado, apesar de os professores e professoras não considerarem a possibilidade de uma valiosa carreira esportiva para seus alunos/as e, conseqüentemente, uma *ascensão social*, eles/as foram unânimes em afirmar a influência do esporte na *aquisição de valores e atitudes* que contribuem no processo de escolarização e de formação cidadã.

Todos/as os/as professores/as de Educação Física da Escola associam os valores e as atitudes adquiridos pelos alunos por meio do esporte com a possibilidade de sucesso no processo de escolarização. Afirmam que o esporte que ensinam tem interferido na *formação* dos alunos, na *aquisição de hábitos e valores* necessários ao “futuro digno”, contribuindo para o ingresso na universidade.

Sobre isso, o professor Eduardo diz:

É, eu tenho uma grande satisfação, por exemplo, dos atletas aqui, que treinaram atletismo com seriedade, me parece que somente três que não entraram na universidade, né? Então, todo mundo está, assim, na universidade.

A idéia de que o esporte possibilita o ingresso na universidade está atrelada à de que por meio dele esses alunos desenvolveram *valores e atitudes* que permitiram alcançar seus objetivos também fora da Escola, ao longo da vida.

Além disso, segundo eles, parece que o esporte, em alguns casos, influencia na escolha profissional. Os professores e as professoras afirmam que muitos de seus ex-atletas ingressam em cursos superiores de Educação Física.

O professor Paulo reafirma esse ponto de vista:

Aqui na escola tem uma coisa que chama a atenção: são vários os alunos que fizeram Educação Física. Então, eu acho que muito em função dos professores da própria escola, porque isso estimula muito o aluno a seguir uma carreira também, que não seria uma coisa tão natural, eles buscarem tanto a profissão

de Educação Física. Mas aqui nós já tivemos vários. Vários de meus atletas são hoje meus colegas de profissão.

Alguns alunos/as afirmam que depois de iniciarem os treinamentos na Escola ficaram mais "ligados", "querendo fazer melhor", "melhorando suas notas".

Esta relação do esporte com a aprendizagem escolar mencionada por alguns alunos do futsal e alunas do handebol revela que estudar e obter boas notas é uma forma de garantir a permanência nos treinos, pois, segundo eles/as, estão sempre ameaçados de serem impedidos de participar das equipes esportivas da Escola, ora pelos professores responsáveis pelos treinamentos, ora por seus pais e mães, caso não obtenham o rendimento desejável nas diferentes disciplinas escolares. Isso mostra que a prática de esportes, por ser algo prazeroso, constitui uma *moeda de troca*, que no dizer de Bracht (1991) tem valor heterônomo, ou seja, fora de si mesmo.

Algumas alunas/atletas de handebol dão o testemunho:

De vez em quando eu faço alguma arte, aí eu fico de castigo, aí minha mãe não deixa eu ir fazer handebol. O que eu mais gosto de fazer é o esporte. Aí, assim, isso é uma coisa que ela não me deixa eu fazer quando eu faço muita arte, né?

Ah, se você não tirar nota boa, você pára de treinar e tal... eu não tiro muito nota ruim assim não.

Algumas assim, porque de vez em quando eu fico de castigo, aí minha mãe não deixa eu ir fazer.

Dessa forma, o esporte como *moeda de troca*, que é valorizada pelos alunos, é utilizado por professores e pais na busca da concretização de suas intenções pedagógicas.

Tarcísio Vago (1997, p.80) também, ao estudar a Educação Física numa escola de ensino fundamental da rede pública de Belo Horizonte, observou que naquela escola a Educação Física

... obtém e controla o comportamento desejado das crianças no processo de aprendizagem, por meio de um mecanismo de negociação, em que ela adquire um valor de troca, muito superior ao seu valor de uso. (grifo meu)

Alunos e alunas revelaram que depois de se tornarem participantes dos treinamentos desenvolveram *hábitos* necessários para o cumprimento das tarefas diárias. Nas

discussões do grupo focal, alunas de handebol ressaltaram que a prática do esporte exigiu uma sistematização diária para o desenvolvimento das atividades cotidianas:

Mudou também na nossa vida, porque seu horário também ficou mais rigoroso. Você tem que conciliar uma coisa com a outra. Depois da aula você tem o handebol. Depois, você vai chegar cansada em casa. Você não vai chegar, ver televisão, ficar acordada até uma hora da manhã não. Você vai ter que conciliar isso, conciliar horários da aula e os outros.

Minha mãe fica cobrando muito do meu irmão, que nem treina, nem nada. Meu irmão fica enrolando para estudar. Aí, eu estudo toda manhã, nem que seja só olhar que, se tem algum dever assim, mas, pelo menos eu olho né? Aí, meu pai fica assim: 'Eh, hoje você não estudou nada né? Fica entretida com o handebol, com tocar flauta e isso e aquilo e não está estudando nada. Eu quero só ver suas notas'. Mas acontece que não é, entendeu? E, agora, pra falar a verdade, porque eu chego do handebol, eu estou cansada, eu vou tomar banho, comer alguma coisa e depois vou dormir. Aí, no outro dia acordo e vou estudar, entendeu?

Para essas alunas as práticas esportivas contribuem para a *aquisição de valores* e para a capacidade delas de se adequarem às normas estabelecidas, a fim de se manterem na atividade e no grupo.

Sobre isso, Antoni Zabala (1998, p.47) comenta que

...os processos vinculados à compreensão e elaboração dos conceitos associados ao valor, somados à reflexão e tomada de posição que comporta, envolvem um processo marcado pela necessidade de elaborações complexas de caráter pessoal.

No caso da Escola, segundo depoimento de alguns/as professores/as as práticas esportivas também têm como objetivo *preencher o tempo* do aluno, podendo até *afastá-lo das drogas* e da *marginalidade*. Sobre isso, o coordenador do departamento de Educação Física ressalta a importância da Olimpíada da Escola:

A Olimpíada é um trabalho de envolvimento social do aluno, um trabalho de extensão do Colégio. Então, é um trabalho de integração social, é a motivação dos alunos para cada vez mais participar de esportes, na medida que ele tiver em atividade, que ele estiver com atividades saudáveis, que o aluno, o menino estiver ocupado, na medida que ele tiver objetivo, ele não vai estar desviando a conduta dele para outros caminhos desnecessários. Então, a razão da Olimpíada é participação do aluno, é a integração do aluno, é a motivação do aluno, é o crescimento esportivo. É tudo isso aí. Não procura índices técnicos elevados, não se procura selecionar ninguém para levar para lugar nenhum.

Um dos alunos/atleta de atletismo reforça essa idéia ao relatar que depois de se tornar atleta mudou seu comportamento e adquiriu novos hábitos:

Eu era muito moleque, né? Eu já agitava pra caramba, na 5ª série, quando eu não fazia o atletismo. Eu era um dos maiores baguncentos da sala. Eu e minha turma lá [na sala] não estávamos nem aí... Aí, quando eu comecei a fazer o atletismo, eu e o Diego, nossa! Nós melhoramos cem por cento na sala de aula. Os professores até estranharam. Eu comecei a ver as coisas diferentes. Eu acho que você amadurece mais psicologicamente, né? Não tinha mais vontade de chegar e fazer bagunça. Eu via as pessoas fazendo bagunça eu falava para elas, tentar parar de fazer aquelas coisas. O Eduardo cobrava, explicava: 'A melhor coisa que você tem que ser é humilde'. Aí, com isso, eu fui aprendendo. Antes pensava que essa coisa de estudar não tinha importância. Aí com o Eduardo dando conselhos, incentivando... Às vezes ele dá bronca, né? O esporte é muito bom pra isso.

Sobre a aquisição de valores Zabala (1998, p.47) considera que um valor é adquirido quando ele for

interiorizado e forem elaborados critérios para tomar posição frente àquilo que deve se considerar positivo ou negativo, critérios morais que regem a atuação e a avaliação de si mesmo e dos outros. Valor que terá um maior ou menor suporte reflexivo, mas cuja peça-chave é o componente cognitivo.

A *disciplina* é um dos valores destacados pelo professor de atletismo e visto positivamente por três de seus alunos. Um deles comenta:

Tudo que tem que fazer tem de haver disciplina. Eu acho que o Eduardo tenta passar isso para a gente. O esporte também. Eu acho que tem que ter disciplina.

As atletas de handebol também reconhecem que a *disciplina* é necessária para o desenvolvimento de atitudes de *responsabilidade*, de *compromisso com as colegas* e com a professora. Elas comentam que não faltam aos treinamentos e que chegam nos horários marcados, a fim de não prejudicarem o grupo ou mesmo para sempre estarem incluídas nas atividades.

Nesse caso, nota-se a manifestação de *valores e atitudes* interiorizados como importantes em prol do grupo.

Segundo Zabala (1998, p.47),

a vinculação afetiva necessária para que o que se compreendeu seja interiorizado e apropriado implica a necessidade de estabelecer relações afetivas, que estão condicionadas pelas necessidades pessoais, o ambiente, o contexto e a ascendência das pessoas ou coletividades que promovem a reflexão ou a identificação com os valores que se promovem.

A educação para a disciplina tem sido historicamente um dos propósitos da Educação Física na escola. Carmen Soares (1994, p.62), buscando compreender as raízes da Educação Física no Brasil e os aspectos que a envolvem, afirma:

Do liberalismo, forjou suas 'regras' para os esportes modernos (que, não por acaso, surgiram na Inglaterra), dando-lhes a aparência de serem 'universais' e, deste modo, permitindo a todos ganhar no jogo e vencer na vida pelo seu próprio esforço. Do positivismo, absorveu, com muita propriedade, sua concepção de homem como ser puramente biológico e orgânico, ser que é determinado por caracteres genéticos e hereditários, que precisa ser 'adestrado', 'disciplinado'... .

Neste estudo, a disciplina referida não é aquela adquirida de forma adestrada para o cumprimento de tarefas nas quais o sujeito não tem conhecimento de sua finalidade, mas desenvolvida pela reflexão, reconhecida como necessária para a convivência em grupo em busca de seus ideais.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1996) ressaltam a importância de desenvolver nos alunos *valores e atitudes* que contribuam para a formação da cidadania, compreendendo que as *atitudes* são orientadas por padrões de condutas sociais, derivadas tanto da cognição quanto dos afetos, traçadas por normas e regras compartilhadas pelos membros de um grupo. E os *valores* orientam as ações e possibilitam fazer juízo crítico sobre o que se toma como objeto de análise.

Zabala (1998, p.46) esclarece que *solidariedade, respeito aos outros, responsabilidade e liberdade* são *valores*, princípios ou idéias éticas "...que permitem às pessoas emitir um juízo sobre as condutas e seu sentido". E que *cooperar com o grupo, ajudar os colegas, participar das tarefas* escolares e outras mais, são *atitudes*, "...tendências ou predisposições relativamente estáveis das pessoas para atuar de certa maneira", de acordo com os valores determinados.

Por outro lado, esses *valores* não são aceitos por todos os alunos. Apesar de muitos participantes dos treinamentos concordarem com essa *disciplina* desenvolvida por

meio das práticas esportivas, alguns deles desistem dos treinamentos justamente pelo fato de terem de mudar seus hábitos. Um aluno de 14 anos, atleta de atletismo, dá seu depoimento:

Eu treino duas vezes na semana, e olhe lá. Eu comecei através de um amigo que saltava, com o Pimenta. Eu já estudava aqui. Aí, vi ele treinando depois da aula. Ele falou: 'Vem treinar uma vez para ver!' Aí, treinei, treinei, chegou, foi uma semana, foi dois dias só, peguei, parei. Eu, tipo assim, começo a treinar paro, aí depois volto de novo. Paro porque tenho preguiça mesmo (riu). Ó preguiça na hora de embora... Se não fosse isso... Na hora do treino não. Na hora eu treino numa boa, mas o 'foda' é na hora de ir embora. É muito tarde. Chego em casa cansado, no outro dia tenho que levantar cedo, às vezes.

Uma aluna de 18 anos que cursava a 7ª série, ex-atleta de atletismo e de handebol, assídua espectadora nas Olimpíadas, acrescenta:

Tem que ter muita disposição. Eu parei porque sempre tem de estar disponível para viajar, horário para treinar, fazer o que mandar, aceitar tudo. E agora o pessoal que treina é de 11, 12 anos, eu não animo. No handebol é mais puxado que no atletismo. Eu era goleira, e sai porque machucava muito. O handebol é um jogo gostoso, mas também violento. O esporte é bom quando você é pequeno. Agora não, os professores sempre ficam sentados nas aulas de Educação Física e se necessitam ensinam, mas sempre sentados. Nas Olimpíadas é diferente disto: é gostoso de ver, zoar, brincar, todo mundo fica conhecendo todo mundo. Você sai da sala para assistir aos jogos. A escola oferece banheiro com chuveiro; lanche para os alunos ficarem na escola o dia todo.

Com esses depoimentos, vemos que há diferenças quanto à disposição dos alunos de se submeterem à disciplina necessária à prática esportiva. Enquanto uns consideram as normas positivas, outros as rejeitam, não conseguindo se manter na atividade, apesar de dizerem gostar de praticá-la.

Segundo Ana Guimarães (2001, p.22),

o indivíduo pode expressar seus valores mais relevantes através de atitudes que se diferenciam de acordo com a personalidade de cada um e também variam de acordo com aspectos afetivos, cognitivos e de conduta. No ambiente escolar, o processo de formação e transmissão de valores e atitudes considerados desejáveis é enfatizado, porque a escola procura desenvolver nas crianças uma moral cidadã. Para que isto se concretize é necessário que o professor assuma seu papel, colaborando com diretividade o que não o impede de ser flexível - no processo de formação de valores e atitudes.

Além da *disciplina* é ressaltada pelos/as alunos/as a formação de *hábitos de vida* relacionados à preservação da *saúde* e da *estética corporal*. Sobre um desses hábitos, o alimentar, algumas alunas, no grupo focal, comentaram:

Tem também aquele negócio, um velho ditado, de que 'saco vazio não pára em pé'. Você tem que, antes de ir fazer qualquer jogo, fazer qualquer esporte, se alimentar, porque senão você não tem força para jogar. Jogar uma bola, você manda pro o gol, assim, você não é tão, você manda mais fraco, você não manda tão forte, igual você está acostumada a jogar, quando você come bem.

Ele falou que a gente tem que ter uma hora para almoçar, senão passa mal.

A Vânia fala com a gente pra poder não comer uma comida tão pesada, e sim uma comida mais leve.

Porque agora está tendo muita coisa sobre saúde. Tem muitos médicos agora, qualquer coisa falando sobre doença, passando na televisão, doença de coração, doença de circulação. Agora também eles estão fazendo o combate ao cigarro. E isso também incentiva as pessoas a fazer esporte.

Alguns alunos também se referem às atividades esportivas praticadas com o poder curativo, para diminuir problemas de bronquite e de asma, por exemplo:

Tenho bronquite asmática, aí muitas vezes agora eu vou lá (no clube) para nadar.

Os alunos/as ressaltam que reconhecem a importância do esporte para a prevenção da saúde. Sobre isso, no grupo focal, uma aluna/atleta do handebol comenta:

Está havendo um campeonato e depois do campeonato eu pretendo tentar procurar ficar em um time, porque eu acho também que fazer esporte é uma boa opção. Ainda mais que, como ela falou, que a gente está em fase de crescimento, eu acho que também é muito importante.

A prática de esportes significa, para alunos e alunas, possibilidades de alcance de padrão estético almejado. Muitos revelam que querem criar musculatura para se apresentarem fortes, engordar e outros/as emagrecer:

Eu faço o esporte mais só para manter o físico... desenvolver. Eu que sou magro, eu tenho que engordar, jogo futebol, para pegar mais corpo e tal.

Para ficar forte, tem que jogar, fazer exercício, para mim ficar forte para poder entrar na equipe (risos). Ainda mais que eu sou zagueiro, eu tenho que ser mais forte assim. Tem que ter mais 'caixa'... porque senão numa trombada, se você cair assim, a bola pode ir para outro e ele fazer o gol. Você tem que chegar mais com o corpo duro.

Um aluno comenta que sua mãe preocupava-se com o fato de a filha ter parado de praticar esporte e estar engordando:

Minha mãe fica sempre assim: 'Ah, vai no médico, porque você tem que praticar esporte... Você está engordando...' Toda mulher pensa que é mais gorda e tal...

Outro aluno, atleta do futsal, comenta que pratica exercícios físicos para melhorar o condicionamento físico, por isso ele também nada e faz ginástica como complemento para "pegar mais corpo", disse ele.

Yara Carvalho (1995, p.127) explica que a população também sempre é lembrada do seu compromisso com a estética, que é "encarada como sinônimo de boa forma que, por sua vez, passa a ser sinônimo de saúde".

A autora também ressalta sobre os benefícios alcançados com a estética corporal:

Beleza, vida social 'agitada', redução de riscos de ocorrência de doenças causadas por estresse, o bem-estar e o sucesso. O indivíduo que não 'se afina' com esta lógica é considerado preguiçoso, 'negativo', sem força de vontade, fraco, sem ânimo, sem autoridade, poder, importância, influência e expressão.

Sobre esses significados atribuídos ao esporte, relacionados a idéia de manutenção da *saúde* e a *estética*, Carvalho (1995, p.119), discutindo *O 'mito' da atividade física e saúde*, explica que o conceito de corpo, saúde e doença, mais especificamente, à relação atividade física como saúde, "reflete as mudanças que ocorrem, ao longo do tempo, nas formas de se pensar e lidar com o corpo e vice-versa".

Segundo a autora,

As mudanças tecnológicas, a indústria cultural e a da beleza, a idéia de consumo e a política de mercado deram conta de jogar para o indivíduo a responsabilidade pela qualidade de vida, pelo bem-estar, mediante a 'manutenção' desse 'objeto' [corpo]. (p.119) (grifo meu)

A autora apresenta duas categorias básicas sobre a "manutenção" e a aparência do corpo na cultura de consumo: o corpo interno e o externo:

O corpo interno refere-se ao contexto da saúde e ótimo funcionamento do corpo que, por sua vez, exige manutenção e reparo diante da doença, do abuso e da deterioração que acompanha o processo de envelhecimento. O corpo externo é referente à aparência, bem como ao movimento e ao controle do corpo dentro do espaço social (p.119-120).

Segundo ela, essas categorias estão acopladas:

...o principal propósito da manutenção do corpo interno se torna a valorização da aparência do corpo externo (p.120).

Embora alunos atribuam significados ao esporte relacionados à idéia de manutenção da saúde e à estética, os professores destacam que o objetivo final da prática esportiva é a formação humana. Sobre isso, o professor Eduardo comenta:

Nossa preocupação maior é com a formação do ser humano, não é como atleta. E o objetivo nosso é dele sair daqui, que ele seja um homem, que quando ele sair, que largar o atletismo, ele estará preparado para enfrentar a vida aí fora. Hoje está difícil. Então, é assim, o atletismo para a gente é, realmente, é em segundo plano, o principal é a parte escolar e a formação humana que é mais importante para a gente. E o atletismo é como complemento. Que eles cheguem ao máximo da vida deles com integridade, né?

O professor Paulo também afirma:

Eu tenho toda a consciência do valor da Educação Física na formação dos princípios, dos hábitos, porque o esporte dá muito isso para a vida toda, sabe. Quem dera que todas as pessoas passassem pelo esporte com mais vontade, com mais tempo para pegar todos os valores que o esporte pode passar. Eu acho que uma grande parte dos nossos problemas iriam estar todos resolvidos. E a Educação Física, até pelo que o próprio mundo está vivendo hoje, por essa coisa superestressante que a gente está vivendo, ela está se fazendo mais necessária ainda para já inculcar nos meninos os hábitos de uma prática desportiva para o bem-estar geral, depois como pessoas, como cidadão.

E o professor Eduardo acrescenta:

Eu quero que ele participe, porque eu tenho certeza absoluta de que é uma coisa boa para a pessoa.

Assim, praticar esporte significa possibilidade de *adquirir valores e atitudes* necessários à *formação humana e do cidadão*.

Bracht (1992, p.40-41) destaca a importância de se discutir os valores desenvolvidos por meio do esporte e lamenta o fato de as produções da Educação Física não terem ainda alcançado as discussões sobre eles:

... a (pouca) teoria da Educação Física desenvolvida até então, preocupou-se fundamentalmente com as questões técnicas, instrumentais, não enfrentando a questão dos valores. [...] Enquanto teoria de uma prática pedagógica, ela precisa enfrentar a questão dos valores (penetrar no âmbito da ética). Ou seja, ela vai refletir (e fazer opções conscientes) em torno de uma visão (projeto) de mundo, de homem e de Sociedade.

Entretanto, ele ressalta que, inevitavelmente, o professor na sua prática veicula valores:

“O educador na sua prática, quer queira quer não, é um veiculador de valores. É neste sentido que reside a vinculação da forma de ensino com o seu conteúdo. A socialização do indivíduo ou da criança se dá exatamente através da internalização de valores e de normas de conduta da sociedade a que pertence. A escola é uma das instituições que promove tal socialização. Portanto, o fenômeno da socialização ou a aprendizagem do social também ocorre nas aulas de Educação Física, sendo inclusive enfatizada como importante função pela pedagogia desportiva ou da Educação Física (p.74).

Guimarães (2001, p.22) lembra que a escola, além de reforçar valores correntes na sociedade convencional, pode e deve ser também espaço de "problematização de valores".

Dessa maneira, os valores e as atitudes internalizadas nas práticas esportivas podem contribuir para a formação de condutas consideradas positivas em nossa sociedade, caso esses elementos sejam discutidos, refletidos e avaliados, em torno de uma concepção de mundo, de homem e de sociedade.

4.2 CONSTRUINDO REDES: AS RELAÇÕES SOCIAIS NAS PRÁTICAS ESPORTIVAS

Como vimos no capítulo anterior, apesar de o potencial esportivo ser um dos aspectos determinantes na seleção dos/as alunos/as para os treinamentos, praticar esporte na Escola significa também se *relacionar com o outro*. Isso é o que pude verificar mediante diferentes depoimentos de alunos e professores, e observando as práticas esportivas desenvolvidas na Escola.

Nas Olimpíadas organizadas pelos/as professores/as e pelo Grêmio, e nos Torneios do Sábado Esportivo, as equipes são organizadas tendo como referência as turmas em que os/as alunos/as estão matriculados. Segundo alguns professores, esta norma evita as "panelinhas", pois busca equilibrar o potencial esportivo dos/as alunos/as, pelo menos no que se refere à idade, uma vez que as turmas são constituídas por alunos/as da mesma faixa etária. Alguns alunos explicam:

Cada um joga com pessoa da sua sala (risos). É bom. O time é formado por conta própria.

O time é montado pelos jogadores, os professores ficam à parte.

Não tem técnico não, quando é para substituir um fala: 'Ah, você sai deixa eu entrar aí!' Fica só assim... é meio desorganizado né?

Alguns alunos tentam descumprir a norma, formando equipes compostas por jogadores de várias turmas, orientando-se pelos *critérios da amizade* e da *habilidade*. Nesse caso, quando detectada a irregularidade, a equipe é desclassificada do evento, como ocorreu com uma equipe masculina de futsal, durante as Olimpíadas.

No Torneio de Futebol da Recreação, no Treinamento de Basquete e no Campeonato de Basquete, sendo estas duas últimas práticas organizadas por alunos/as, não existe o critério de turma. Eles permitem que as equipes sejam constituídas até com pessoas de fora da Escola, conforme comentei no capítulo anterior.

Portanto, observamos que os alunos rompem com essa norma ampliando as possibilidades de constituição das equipes esportivas, permitindo a participação, inclusive, de colegas de fora da Escola. Isso é indício de que as práticas esportivas constituem espaço de relações sociais que não se estabelecem necessariamente no encontro dos alunos nas turmas

em que foram matriculados na Escola. No esporte, eles buscam novas relações ou intensificam relações já existentes.

As relações de amizade não interferem apenas na constituição de equipes para os eventos; em alguns casos elas são fundamentais para o acesso e permanência de um/a aluno/a em diversas práticas esportivas. Elas influenciam, inclusive, na divulgação das diferentes atividades.

Segundo os três professores responsáveis pelos treinamentos, a divulgação dessa atividade acontece no início do ano letivo, quando os alunos começam a perguntar sobre as modalidades que tradicionalmente a Escola oferece e a comentá-las. Embora esses professores afirmem colocar avisos, cartazes ou faixas que permitem uma ampla divulgação sobre as atividades, durante a minha presença na Escola não encontrei nenhum desses mecanismos de divulgação que possibilitassem a informação aos alunos.

Sobre a inserção no treinamento de handebol, as alunas contam que isso só foi possível por causa dos relacionamentos já existentes:

A gente ficou sabendo – Só algumas pessoas – que ela convida.

É, a gente já conhecia ela a Vânia.

Aí ela falou para chamar a gente que ela já conhecia.

Nessas falas, observa-se que a divulgação dos treinamentos se dava entre amigas que pertenciam ao círculo de relacionamentos da professora, constituindo, assim, uma rede informal de comunicação. A fala de algumas delas mostra como se deu a constituição dessa rede:

A Mariana deve saber porque a irmã dela já faz. As minhas colegas, a Manuela, a Cintia, a Rosana e a Carol, faziam no ano passado. Então, eu fiquei sabendo e entrei. A Babi é minha amiga entrou também.

Aí eu entrei pela Laura, que ela falou assim que a irmã dela já fazia. Entrou eu, ela e a Kfoury.

Eu entrei porque Sâmara falou comigo... Eu entrei e gostei.

Nas Olimpíadas, a Vânia falou que eu jogava bem, pra eu entrar no handebol.... Falou pra minha mãe. Aí eu deixei. Aí, nesse ano, uma colega virou pra mim e falou que estava fazendo handebol, aí eu peguei e fui, me inscrevi, também, para fazer.

Observando o encadeamento dessas falas, percebe-se que o acesso às informações sobre os treinamentos acontece por comunicação verbal entre os grupos já constituídos.

Assim, os alunos que não conhecem pessoas relacionadas ao handebol, ou não se relacionam com a professora da modalidade, acabam ficando excluídos do processo.

Nessa perspectiva, o esporte significa possibilidade de *relacionar e fortalecer laços de amizade*.

As atitudes de incentivo dos colegas nas práticas esportivas também são ressaltadas pelos alunos como importantes para a permanência deles nessas atividades. Sobre isso eles disseram:

Porque a gente também começou, a gente também foi apoiado. Você não vai fazer diferente com as pessoas que estão chegando, né? (Atleta do atletismo.)

Ó, você está treinando bem, está catando bem. Mesmo ele não estando bom, mas a gente fala: 'Você está bom!'. (Atleta do futsal.)

Grita daqui, grita de lá, só que não é grito assim para ofender não, é para ajudar. Joga a bola aí. Tipo assim: 'A Laura está com a bola. Ô Laura, a Mariana está sozinha, joga a bola para mim!' (risos) (Atleta do handebol.)

Mesmo quando o time está ... aí um fica, ô está lá sozinha, só para ajudar mesmo. (Atleta do handebol.)

Quando eu defendi uma bola, sete metros, de uma menina que é muito boa, a outra goleira que é titular olhou assim para mim, sabe, bateu palma, aí eu falei: 'Ahhh'. (Atleta do handebol.)

Sobre essas relações com o outro, José Ângelo Gariglio (1999, p.153), ao estudar a Educação Física no contexto de uma escola técnica, afirma:

Dentre outras especificidades, a aula de Educação Física apresenta uma disposição de espaço que a diferencia de outras disciplinas da escola, ou seja, sua ação pedagógica acontece em lugares amplos e abertos (quadras, campos, espaços verdes), desenvolvendo diferentes e amplas possibilidades de relação, de comunicação, de encontro e contato entre os alunos/as. É simples identificarmos essa especificidade quando assistimos a uma aula de Educação Física, onde, se destacam a riqueza e a diversidade comunicativa e relacional vivenciadas. Torna-se de fácil percepção gritos, risos, conversas, sinais, gestos, contatos.

Essas atitudes de incentivo aos colegas são comuns durante as práticas desenvolvidas na Escola, tais como correr, no atletismo; defender uma bola, no futsal; despertar para uma possível jogada, no handebol; e outras.

Além desses incentivos durante os treinos, alguns colegas mais experientes, em outros horários, sem a presença do/a professor/a, ensinam o esporte aos colegas iniciantes. Sobre isso um aluno do atletismo disse:

A gente se orienta muito com os outros, né? Vê se está fazendo certo... Aqueles que já estão ali há mais tempo, né? Eles sempre te orientam... No salto em altura, fazer o arco... sempre é nesse movimento que eu me atrapalho.

A aluna/atleta de handebol também testemunha esse fato:

Tem vários amigos meus, que assim, pessoas que eu já conheço de handebol, que (ensinam)...algumas coisas assim, como mandar da lateral, pro gol, é a pular dentro da área do goleiro. Esse negócio, tudo, eu aprendi com pessoas sabe, que me ensinaram: não foi a Vânia.

Nas Olimpíadas, durante a competição de atletismo, também pude observar que os alunos ensinavam aos colegas os gestos técnicos do arremesso e do salto em distância. Pude também observar uma aluna do handebol ensinando os movimentos de defesa a seus colegas de turma.

As relações estabelecidas nas práticas esportivas da Escola mostram a atitudes de cooperação e solidariedade.

Hugo Lovisolo (1996, p. 60-61) lembra que a solidariedade não se confunde com a cooperação:

[...] significa agir para solucionar as necessidades, os interesses ou as dificuldades de outros [que estão em situação de inferioridade]. (grifo meu)

[...] . Os que cooperam talvez devessem ser solidários e ter sentimentos de estar vinculados a um todo.

Cenas registradas no meu caderno de campo falam dessas atitudes durante as Olimpíadas da Escola:

O time que está jogando, tem apenas três jogadores e o outro, seis. Quando o time desfalcado fez os dois gols a torcida aplaudiu. Ao contrário, quando o outro time fazia gol, ela não comemorava, como se respeitasse o adversário desfalcado. Ao final os adversários fizeram questão de cumprimentar os três jogadores.

Essas atitudes de respeito aos colegas foram também observadas num outro jogo, durante a mesma Olimpíada:

Um jogador de linha defendeu a bola no gol e o goleiro do seu time o abraçou como que agradecendo pela cooperação.

Atletas de uma equipe de voleibol que venceu, ao final do jogo, se abraçaram fazendo um círculo no centro da quadra.

Lovisoló (1996, p.60) comenta sobre os "momentos de solidariedade" que acontecem em Olimpíadas:

Podemos pensar nas Olimpíadas como momentos de solidariedade, quando nos vinculamos com o povo que organiza o evento e também com as nações participantes. Olhando os resultados das Olimpíadas, podemos pensar que a humanidade avança, quebra marcas. Sentindo-nos solidários com os atletas e as equipes. Sabemos, no entanto, que a base das olimpíadas é a competição.

Mas nas Olimpíadas da Escola nem sempre havia solidariedade. Foi o que pude perceber durante esse mesmo jogo:

Quando vazava um gol no time desfalcado, uma das torcidas gritava bem alto: 'Frangueiro!'

Percebe-se que as relações não são desencadeadas uniformemente. Muitas vezes, dentro de um grupo, existem os subgrupos que parece se aglutinarem por afinidades e/ou identificação.

No handebol, por exemplo, observei que não se trata de um grupo homogêneo. Os/As participantes vão construindo suas identidades a partir da idade e tempo de ingresso no grupo. Isto pôde ser observado, por exemplo, no momento em que eu convidei as alunas para a constituição dos grupos focais. Espontaneamente um grupo foi constituído só por iniciantes e o outro pelas mais velhas e com pelo menos um ano de treinamento.

Durante a dinâmica do grupo focal, nas falas desses dois grupos, pude perceber que cada um tem suas especificidades. No grupo mais jovem, cuja maioria é composta de alunas iniciantes no esporte, nota-se que a maioria delas tem dificuldades de se relacionarem com as que participavam há mais tempo da equipe. Isto pode ser observado nas suas falas, ao se referirem as suas colegas de treino:

Tem umas pessoas assim que são mais implicantes, mas as outras são mais legais.

É tem umas que ficam gritando com a gente. Esquece que a gente está começando.

Entretanto isso não parece ocorrer com o grupo que treina junto a mais tempo, pois, como disse uma delas,

quando eu estou sozinha assim, porque a maioria das vezes a professora me põe na ponta, aí vem aquelas meninas enormes, eu grito: 'Gente, pelo amor de Deus, eu estou sozinha, alguém me ajude'. E aquelas meninas todas subindo para cima de mim.

Assim, enquanto no grupo de iniciantes mostra sentimentos de inferioridade em relação às mais treinadas, no outro grupo essas situações são comentadas com risos, com liberdade para criticar a colega sobre as falhas dela.

Sobre essas relações de grupos nas práticas esportivas, Gonçalves (1999, p.95) comenta que:

As práticas esportivas produzem normas de convivência que, assimiladas pelos indivíduos, podem reforçar sentimentos de solidariedade e de coesão de grupo.

Acrescenta o autor:

Não há dúvida de que, dentre as práticas sociais, o esporte se destaca por ser aquela que, há muito, teve de enfrentar o desafio de aglutinar grupos de diferentes composições sociais e culturais. Se aceitarmos a idéia de que as práticas sociais são atividades por meio das quais os indivíduos interferem no mundo em que vivem e orientam sua conduta no cotidiano, vale interrogar-nos como isto tem sido efetuado pelas práticas esportivas.

Na Escola, o esporte constitui uma oportunidade para que eles/as se *relacionem*, constituam novas relações, seja em acordos e/ou em conflitos.

Os conflitos gerados nas práticas esportivas, muitas vezes, são provenientes da *hierarquia*, instituída nos grupos participantes.

No topo dessa hierarquia estão os que, sendo considerados “superiores”, adquirem certo *status* sobre os demais por apresentarem melhores condições físicas (habilidade, força, equilíbrio, coordenação), maior idade, sexo predominante na modalidade, prática por um período maior de tempo e pela obtenção de títulos esportivos. Além desses, também se colocam no “topo” da hierarquia aqueles que possuem certa liderança e amizade com os demais componentes do grupo.

Uma aluna mostra isso ao afirmar que, por ser considerada habilidosa, é muito requisitada pelas colegas na composição das equipes durante as aulas de Educação Física:

É, as meninas da minha sala ficam me xingando, ficam brigando na hora que vai escolher o time (risos): ' a Michele é minha, Michele é minha'. Aí eu digo 'calma, gente, tira par ou ímpar' (risos). Aí elas escolhem e a gente faz o time.

Essas relações constituídas nos grupos de práticas esportivas, além de proporcionarem *status*, também desencadeiam tensões, gerando situações de conflitos entre os estudantes.

Os/As considerados/as “inferiores” são, geralmente, os/as novatos/as, que repetidas vezes não conseguem executar as tarefas com êxito. Uma aluna/atleta de handebol comenta sobre uma dessas situações:

Tem muita amiga minha aqui na Educação Física que não joga porque fala que eu xingo, entendeu, mas não xingar!? A gente vai jogar volei. Aí a bola cai bem na frente das meninas e elas não pegam. Aí eu neuro, né?

Podemos observar que o enfoque na habilidade hierarquiza, valorizando aqueles considerados mais fortes, mais ágeis e talentosos.

Dessa forma, muitos alunos — sentindo-se inseguros na execução das atividades pelo receio de "errarem" e das cobranças dos colegas — acabam desistindo das práticas esportivas.

As alunas que formam o grupo de handebol recordam os motivos de algumas colegas terem desistido dos treinamentos:

Elas achavam que tinham pessoas melhores... As vezes, quando ela pegava uma bola errada e deixava passar, as meninas começavam a gritar com ela: 'Ai que você não pega bola nenhuma, que não sei quê'... Ai ela pegou e teve um dia que ela até chorou assim. Ela ficou com raiva e saiu.

Algumas delas reconhecem que as colegas iniciantes possuem um "sentimento de inferioridade" diante delas:

Ah... elas acham que a gente acha que elas são menores que a gente... Inferiores. ... Que a gente é melhor porque a gente treina. Isso não tem nada a ver, uma pessoa pode ser boa, mesmo que não treina, só que está dentro dela, ela tem que mostrar, ela tem que treinar para ela mostrar como ela é boa.

Não pegam, porque é frescura gente! Não pode cair no chão, porque não pode sujar a roupa, medo de machucar, medo de quebrar a unha.

Elas são mais criacinhas, menos cabeça.

Esse "sentimento de inferioridade" provoca, entre elas, um clima de tensão. Além disso, outra aluna revela que, além de deixar de participar da prática esportiva, permanece a lembrança de uma situação desagradável vivida no esporte:

É triste. É ruim, porque você não vai poder mais praticar uma coisa que você gosta. Então, você fica meio assim... Enquanto não esquecer, você não vai querer praticar outra... .

Sobre esta cobrança na competição, Gonçalves (1999, p.95) comenta que:

Muitos estudos têm indicado que o "prazer em jogar" em situações de convivência cotidiana é substituído por um "estado permanente de ansiedade", em situações de alta competitividade.

Esses conflitos são motivo de desistência de parte das alunas dos treinamentos de handebol e das aulas de Educação Física por gerarem sentimento de inferioridade diante de suas colegas.

Assim, observamos que as relações no esporte também são relações de poder e de discriminação. Segundo Gonçalves (1999, p.94) preconceitos e discriminações são próprios da prática social: "...as práticas esportivas, enquanto prática social, não estão isentas dos problemas suscitados pelas relações de poder."

Nesse sentido, Ilse Queirós (2001) esclarece que o conflito é a possibilidade de romper com a dominação, sendo considerado como um momento de contraste, de alteridade.

Embora as práticas esportivas como qualquer outra prática social, reproduzam as desigualdades inerentes à sociedade, pode-se encontrar nelas importantes momentos de integração social, especialmente, quando o jogo ganha o significado de *fair-play*.

Lovisolo (1996, p. 72-73), discutindo o valor educativo do esporte, ressalta o significado de jogar com *fair-play*:

Num sentido mais preciso e também mais correto, jogar com *fair-play* significa que a ambição pelo resultado não pode fazer esquecer as regras nem as atitudes de respeito, físico e psicológico, com os praticantes que são apenas adversários, jamais inimigos, e dos quais precisaremos para poder continuar excitando-nos e recreando-nos com os esportes que praticamos. A obtenção do resultado deve ser profundamente respeitosa das regras que organizam o esporte. O resultado não justifica os meios e para ganhar deveríamos apenas empregar os meios legítimos.

O autor acrescenta:

Neste sentido, [o esporte] pode ser entendido como formador da cidadania e, também, como regulador da violência que emerge quando os atores pretendem atingir seus objetivos sem respeitar as regras de sociabilidade, convivência e relacionamento entre os homens. Acredito, ainda, que esta seja uma das contribuições educativas mais importantes do esporte. (grifo meu)

Guimarães (2001, p.21-22) alerta que cabe ao professor de Educação Física intermediar as relações entre os alunos, podendo fortalecer aqueles pouco presentes, especialmente quando explicita a importância de cada um para o andamento da aula:

Na escola, cabe ao professor o papel de intervir tanto em situações em que as crianças não quiserem participar quanto nas situações em que participam, no sentido de integrá-las ao grupo, discutindo, se necessário, a postura deste último. Desta forma, aqueles alunos que ficam expostos à avaliação e comentários dos colegas podem se sentir mais fortalecidos e acolhidos.

E acrescenta:

as situações vividas nas aulas de educação física não apenas permitem, mas são propícias o trabalho com atitudes. Os conflitos provocados pelo contato físico, pelo aprendizado da competição e da colaboração presente nos jogos – pelo enfrentamento da derrota e do sucesso, pelo contato entre mais aptos e menos

aptos para atividade física – envolvem aspectos afetivos, cognitivos e morais, que implicam a busca de soluções.

Como já comentado no capítulo 3, as relações continuam também em encontros regulares de competições e eventos fora da Escola. No atletismo, eles se encontram de dois em dois meses, na sede do clube, que funciona na casa do professor. Lá, eles passam o dia reunidos, tomam decisões sobre a equipe, comemoram aniversários e, além disso, são incumbidos de levar um quilo de alimento não perecível, ou roupas, para doar às paróquias. O encontro se assemelha a uma "festa", comenta o professor de atletismo. Segundo ele, à noite, depois das competições, eles vão a uma missa onde todos se encontram, os mais velhos ficam conhecendo os mais novos e vice-versa. Durante os treinos diários, no aquecimento, onde eles correm fora da Escola, o professor aproveita para trocar idéias e conversar com seus alunos. Também costumam se reunir em alguns finais de semana, no interior do Estado, para programarem o calendário de atividades do ano seguinte.

Dessa forma, o grupo de atletismo cultiva a solidariedade, a cooperação e as relações de amizade. Especialmente nesse caso, percebemos que estimula também o trabalho coletivo, desenvolvendo a idéia de família, de formação de valores morais, sociais e éticos. Diz o professor:

A gente pode dedicar um pouco de tempo ao próximo. Todo mundo aqui tem essa mentalidade, de ajudar e com bastante humildade que a gente tem. É, os alunos todos têm ciência disso também e colaboram bastante. Então, é o sacrifício do aluno treinar. Em determinado lugar, fora, às vezes, sozinho. Então, é um pouquinho de sacrifício de todo mundo, né? Todo mundo está imbuído nessa mentalidade, é um ajudando o outro. Dedicar um pouco ao próximo traz muita satisfação né? É esse o convívio que a gente tem: os atletas trazerem os filhos ou os netos para a gente conhecer e o encontro que a gente faz é supergratificante isso aí.

Essas relações possibilitam também o convívio com pessoas de fora da Escola, formando uma mesma equipe. É o caso do grupo de atletismo, que é constituído por sujeitos de diferentes idades, de ambos os sexos, alunos de outras escolas. No atletismo, alguns participantes residem em cidades vizinhas, como Sabará e Nova Lima. Além disso, nesse grupo congregam-se também atletas de destaque no meio esportivo nacional e até internacional, comentam os alunos.

Os alunos do atletismo demonstram satisfação ao falar sobre as pessoas que treinam na equipe:

É uma farra muito grande. Tem muita gente de outros colégios, tem muita gente que hoje é de outra equipe, porque assim está em nível de mundo, aí vai para os Estados Unidos treinar, para outro país.

Esse intercâmbio entre alunos e alunas da Escola com outros ocorre também no handebol. As alunas do handebol mirim e infantil também demonstram entusiasmo ao contar que, durante os intervalos de um treino e outro, tornavam-se amigas das jogadoras das outras categorias, algumas delas consideradas as "melhores" do handebol de Minas Gerais.

Além dessa “filosofia de cooperação”, de maneira geral, os alunos dos treinamentos revelam que dentro das equipes as relações interpessoais se fortaleceram:

A gente ficou mais junto, ficou mais amigo. É diferente. Antes, por exemplo, eu não conhecia o Magal, lá no treino eu comecei a conhecer ele, conheci o Flávio.

Quase não conversava assim, agora a gente já 'torra' (brinca).

Esses momentos de integração social criam a possibilidade de interação, de socialização, que extrapolam a própria prática esportiva. É por meio do esporte que essas relações são intensificadas, formando uma rede de sociabilidade.

Juarez Dayrell (2001, p.236) em seu estudo com jovens e a música, cita Simmel (1983) para esclarecer que a sociabilidade é uma forma de jogo de sociação:

Quando se fala em jogo, está implícita a idéia de um ir-e-vir constante, o jogar das ondas, por exemplo, em que há um movimento contínuo que não está ligado a uma finalidade última. Sua finalidade é o próprio movimento, sendo assim auto-reflexivo. Ao mesmo tempo, o jogar exige sempre outro para jogar junto. Portanto, ao enfatizar o caráter de jogo da sociabilidade, parece que Simmel quer reforçar a sua dimensão como dinâmica de relações. (grifos meus)

Além de compreender a sociabilidade como uma forma de sociação, Dayrell (2001, p. 234-236) ressalta uma especificidade que a torna peculiar:

... apresenta-se emancipada dos conteúdos, apenas como forma de convivência com o outro e para o outro. Se uma sociação qualquer implica o agrupamento em torno da satisfação de interesses, uma finalidade qualquer, na sociabilidade encontramos uma relação na qual o fim é a própria relação, o que vale é a pura forma e é por meio dela que se constitui uma unidade. No campo da sociabilidade, os indivíduos se satisfazem em estabelecer laços, e esses laços têm em si mesmos a sua razão de ser", em que não existe nenhum compromisso a não ser o estar juntos. (grifos meus)

E acrescenta:

Na sociabilidade, o falar torna-se o próprio fim, o assunto é simplesmente o meio para a viva troca de palavras revelar seu encanto. É a arte de conversar, com suas leis artísticas, fazendo dos salões um espaço de exercício da razão comunicativa. É um jogo, e um "jogo com". (...)...como se trata de um "jogar junto", de uma interação em que o que vale é a relação, cada qual deve oferecer o máximo de si para também receber o máximo do outro. É a dimensão do compromisso e da confiança que cimentam tais relações. Como não existe outro interesse além da própria relação, para ela continuar a existir cada qual deve sentir que pode contar e confiar no outro, respondendo às expectativas mútuas.

Vemos que assim como os jovens e a música, referidos na pesquisa de Dayrell (2001), estes/as alunos/as também constroem e são construídos como sujeitos sociais por meio das experiências socializadoras e das formas de sociabilidade que eles vivenciam nas práticas esportivas.

4.3 ESPORTE: POSSIBILIDADE DE VIVÊNCIAS LÚDICAS

O esporte também significa a possibilidade de ter *prazer* de praticar, que, do ponto de vista dos alunos, manifesta-se com mais intensidade nas atividades livres, quando não há preocupação com a técnica, no ato de fazer gol e de ser escolhido pelo/a colega ou pelo/a professor/a.

Alguns alunos de futsal exemplificam uma dessas práticas livres:

Quando a gente monta o time... a gente fica brincando de 'futebol arte' lá, fica só fazendo jogada bonita, assim essas coisas. Na hora que você joga você esquece de tudo, você só sabe jogar, você não lembra mais de nada.

Tem umas jogadas ... dá debaixo das pernas, que são engraçadas, todo mundo começa a rir. Descansa a mente. (risos)

A *despreocupação com as técnicas* foi algo verificado nesta pesquisa como momento de grande ludicidade. O chamado “futebol arte” revela que os alunos fazem do treino um espaço de "brincadeiras". Eles variam as posições no jogo. E aqueles que jogam na linha, às vezes, “prendem” a bola, driblam, passando-a por entre as pernas dos outros. Nessas ocasiões, a porta do ginásio fica aberta, permitindo a entrada de pessoas que ficam por ali gritando, fazendo barulho.

Essa alegria parece também dominar os jogadores durante os treinos de handebol, conforme o relato de uma aluna:

Ah, o coletivo. Na hora que faz gol, entendeu? Ah, eu acho doido.

As alunas pareciam vivê-los intensamente:

Ah, a melhor coisa que tem no Colégio é o handebol que a gente faz depois. Na hora que a gente está no 2º horário, eu falo: 'Ah, escola, vamos rápido aí que eu quero, 2ª, 4ª e 6ª (dias de treino), vamos rápido aí que eu quero treinar (risos). Aí quanto mais que a gente quer que ...a aula acaba, aí fica demorando, demorando... ai...

A gente fica doida para acabar a aula para ir para o handebol que a aula fica assim: ahm, ahm, (ela fez o som como de um carro engasgado, lento) e a gente chega lá e diverte, joga.

Cenas que revelam a ansiedade das alunas/atletas de handebol para iniciarem os treinamentos foram registradas no meu caderno de campo:

A aula acabou mais cedo, por causa da reunião pedagógica da semana. As alunas ficaram perguntando à professora se o treino iria começar logo. Depois essas alunas, sorridentes e brincando, pediram uma bola para irem jogando enquanto aguardavam o horário do treino, pois a professora dizia não querer iniciá-lo antes da chegada das alunas do turno noturno, que também iriam treinar com elas. A professora deu-lhes a chave para irem buscar a bola e elas disputavam quem iria abrir a porta. Trouxeram a bola, e a professora deu-lhes a chave para, então, abrirem o portão do ginásio. Elas foram correndo e de onde estávamos víamos que o número de alunas no portão do ginásio crescia à medida que tentavam abri-lo. Apesar de a professora ter dito que não queria começar o treino mais cedo, ela acabou tendo de ir para o ginásio iniciá-lo.

Enquanto as alunas corriam do pátio para o ginásio, a professora, cumprindo sua função de vice-diretora de turno, aguardava a saída dos/as alunos/as da Escola, que jogavam futebol, basquete, conversavam, flertavam, namoravam, enfim, usufruíam aquele espaço. Sobre isto ela comenta:

Tá vendo não adianta a gente liberar mais cedo, esses meninos adoram essa escola! Ninguém vai embora.

Enquanto essas situações ocorriam no pátio, no ginásio vi uma participação intensa de meninas no esporte. Elas jogavam com autonomia, organização e alegria. Lá também havia dois meninos, cada um em um gol, e, com o passar do jogo, eles começaram a ampliar sua participação: da posição de goleiros eles passaram ao ataque. Logo apareceram mais dois meninos, um em cada gol, e eles revezavam com aqueles, a cada ataque. Depois vi que havia meninos jogando também na linha; eram 3 ou 4 e 2 meninas neste time e o outro time só de meninas com exceção do goleiro. (Anotações do caderno de campo.)

Essas cenas mostram que esses/as alunos/as usufruíam o momento de término das aulas daquele turno na busca de prazer, manifestado especialmente por intermédio das relações sociais estabelecidas nos espaços esportivos e/ou por meio das práticas esportivas.

Nas Olimpíadas realizadas na Escola, o acontecimento assemelhava-se a uma festa. Instalava-se ali um espaço de liberdade, que possibilitava aos/as alunos/as criar suas próprias formas de participação nas práticas esportivas. Eles/as se tornam sorridentes, brincam uns com os outros a todo momento. Assim, além da prática esportiva, eles/as cantam, dançam, tocam instrumentos, enfeitam os corpos com diferentes adornos, muitas fazendo maquiagens, outro imitando a mágico, ou seja, vivenciam aquele momento que permite o imaginário, a fantasia, o impulso lúdico.

Silvino Santin (1996, p.37-38), analisando sobre a educacionalidade do esporte, ressalta a sua potencialidade criadora:

A criatividade esportiva começa com o impulso lúdico. O impulso lúdico é um exercício da capacidade simbolizadora, que encontra na fecundidade do poder da imaginação os elementos necessários para organizar formas vivas.

O autor acrescenta:

É particularmente nas crianças que encontramos esse impulso lúdico, já que tudo o que elas fazem recebe o selo do brinquedo. [...] O poder da imaginação encontra no impulso lúdico o espaço para exercer sua liberdade criadora. Não há regras prefixadas. Tudo pode mudar por um passe de mágica.

Neutralizar ou até inverter papéis e posições sociais pelo encontro, pela comunhão que se estabelece na festa são aspectos ressaltados por Roberto Da Matta (1990), ao analisar o envolvimento dos participantes no carnaval.

Esse impulso lúdico também é identificado no vestuário incrementado, usado pelos/as participantes das Olimpíadas da Escola. Alguns trocam o rotineiro tênis por sapatos de salto; outros abandonam as camisetas de uniforme e se vestem com jaquetas, roupas coloridas, muitas vezes insinuantes. Há também os que acrescentam brincos e colares, enquanto outros mudam os penteados ou cobrem os cabelos com chapéus e bonés.

Sobre o significado do brincar na festa, Da Matta (1990) ressalta que, literalmente, significa colocar "brincos", isto é, suspender as fronteiras que individualizam grupos, categorias e pessoas.

Santin (1994) acrescenta que a ludicidade é fantasia fecundada, gestada e gerada pela criatividade simbolizadora da imaginação de cada um, que se inspira no seu universo real.

Além dos adornos, há ainda os que usam camisas de jogos de famosos clubes esportivos e os que confeccionam suas próprias camisetas com o nome de um esporte ou da turma da Escola. Eles apresentavam símbolos que permitiam mostrar os grupos de relevância social com os quais se identificavam.

Esse mecanismo é ressaltado por Carlos Brandão (1974) em seu estudo, ao mostrar que a festa é um "acontecimento social de efeito identificador", onde os diferentes grupos sociais e culturais rememoram acontecimentos e símbolos com os quais se identificam, posto que fazem parte de um todo mais amplo, o plano cultural da sociedade em que estão inseridos.

Queirós (2001, p.70), entendendo a festa como espaço que possibilita a vivência do lazer, atraindo as pessoas especialmente pela sua dimensão lúdica, ressalta que a festa é uma forma de celebração e o "...celebrar não consiste numa atividade produtiva, tem um fim em si mesma":

Dessa forma, não, exclusivamente, no domínio da festa, mas é nela que existe maior possibilidade de conceder à fantasia toda sua espontaneidade, dimensionando esperanças na visualização ou busca da possibilidade do "vir a ser" de situações de vida alternativa ou nova, principalmente, àqueles que se encontram restringidos ou excluídos dos benefícios de uma sociedade.

As cenas descritas a seguir revelam algumas atitudes de alunos/as durante as Olimpíadas da Escola:

Na arquibancada, um grupo de alunos/as, ao som de pandeiro e apito, dançavam de mãos dadas, se abraçavam, e em alguns momentos as

algumas alunas sentavam-se no colo de seus colegas. Outro grupo, folheava uma revista de nu feminino, fazendo comentários sobre as fotos.

Em um jogo de futsal, um aluno, reserva da equipe de futsal da Escola, ao fazer um gol, comemorou levantando a camisa, jogando beijos e depois fazendo gestos obscenos para a torcida. Em seguida, alguns reclamaram dessa atitude do jogador, o que o fez receber uma penalidade no jogo — o cartão amarelo. Em outro jogo, este mesmo aluno jogava e já havia feito dois gols e a torcida feminina, composta de mais ou menos 12 alunas, gritava o seu apelido 'MAGAL' e ele comemorava indo bem próximo a elas. (Anotações do caderno de campo.)

Nessas cenas vemos, como ressalta Queirós (2001), que o clima de festa proporciona maior liberdade e autonomia, diante das experiências sensuais e afetivas, ampliando-se também nos espaços externos.

Cenas de conflitos também foram registradas:

No vôlei, duas jogadoras do time da Fernanda discutem, uma pede à outra para parar de gritar e sai aborrecida. A outra vai embora. (Anotações do caderno de campo.)

Queirós (2001) ressalta que tensões e conflitos são gerados também em meio à diversidade e à variedade produzida na festa, que possui uma linguagem múltipla.

Assim, fica evidente que as Olimpíadas da Escola, apesar de terem como referência o esporte de alto rendimento, por causa do ritual que busca cumprir, são-lhe atribuídos diferentes significados que mostram o potencial lúdico que esse espaço possibilita diante do poder criativo dos seus participantes.

As possibilidades de vivências lúdicas nas práticas esportivas também são identificadas nos treinamentos. É o que revela o grupo focal de handebol, em que as alunas foram unânimes em afirmar que essa prática não está apenas voltada para o resultado, para a vitória e nem para a divulgação desses resultados, mas para a *participação*, ressaltando o prazer só de estar jogando:

Não interessa quem vai ganhar ou perder, o importante é competir, é ser escolhido, é ter a oportunidade de participar.

Assim, sentir-se aceito no grupo dá prazer. E uma das formas como o/a aluno/a obtém a aceitação ou não do grupo são os momentos das *escolhas das equipes*, seja para as competições ou durante os treinos. Estar convocado significa ser aceito, aprovado diante do

que consegue demonstrar no esporte. Para algumas alunas do handebol, isso tem um significado especial:

Eu acho importante, né, porque quer dizer que você está aprendendo cada vez mais, e por isso ela vai disputar.

Você foi escolhido.

A sensação de todos, de você poder jogar já é boa, né?

Estar selecionado para participar das competições indica o reconhecimento e a aceitação pelo/a professor/a. Poder participar é importante para eles. Assim, os treinos, são vividos com entusiasmo:

Tem gente que gosta de handebol, natação e futebol. Cada um pratica o que gosta.

Eu já fiz tudo quanto é tipo de esporte, eu já fiz judô, natação, de tudo, mas eu nunca gostei de nenhum e minha mãe não sabia em que que me punha. Aí um dia ela me colocou no futebol, e eu gostei, aí estou até hoje jogando futebol.

Por outro lado, o desprazer de não ser escolhido provoca desistências:

Porque elas achavam que tinham pessoas melhores. Elas falavam assim, inclusive a Kfourri falava assim: que as meninas, às vezes, quando pegavam uma bola errada e deixava passar ela ficava assim. As meninas começavam a gritar com ela, xingar ela. Aí ela pegou e teve um dia que ela até chorou assim, xingando ela: 'ai que você não pega bola nenhuma'. Ela pegou ficou com raiva e saiu.

Ana Mêrce desistiu mesmo, falou que não gostava. Ela só entrava porque a gente ia entrar. Aí elas entraram, mas não gostaram, foram para o atletismo.

Além dos alunos, os professores também revelam desenvolver esse trabalho por prazer. O professor de futsal, por exemplo, apesar de reclamar revela que

o retorno melhor, para isso aí, é exatamente essa procura enorme dos meninos e satisfação deles participarem numa atividade extra-classe, no caso né, e representar o nome do Colégio nessas competições fora também.

A professora Vânia se sente realizada com seu trabalho com as equipes de handebol:

é difícil você conciliar tudo, você, igual eu estou falando, por exemplo, deve ter uns trinta sábados e domingos que eu não tenho fim de semana. Então, quer dizer, você trabalha o dia inteiro, você precisa de ter um tempo né. Mas (riu) ... vai conciliando tudo, né.

Não, nós não temos problema nenhum com eles, inclusive a gente tem um trabalho que eles respeitam muito, né? E, é um trabalho em cima de eles estão vendo sempre o resultado, porque a gente está sempre colocando faixa, divulgando, ou sai em um artigo em um jornal, ou um troféu, uma coisa. Então, a gente está sempre mostrando o resultado do trabalho.

Olha, eu, para mim, eu não imagino muito mais não, porque eu faço. O que eu ando fazendo há muitos anos, eu já atingi vários objetivos que eu tinha, que é divulgar, difundir bem o handebol, entendeu? Através do meu trabalho no handebol, eu tenho muitas alunas, que já são professoras de EF e fazem o mesmo trabalho que eu faço. Hoje em dia foram atletas, e hoje fazem o mesmo trabalho, entendeu? Então, quer dizer, isso, a minha, meta é divulgar mesmo o esporte. Está certo que a gente nunca, eu pelo menos, eu não tenho assim 'Ah, essa menina vai ser campeã brasileira ou vai para uma seleção brasileira'. Mas a gente não está longe disso não, porque, inclusive, eu tenho uma atleta no Rio que já está na seleção brasileira de handebol no juvenil, foi atleta nossa aqui. Tem uma atleta, já tem atletas que já foram campeãs brasileira, daqui, do próprio Colégio. Então, não está longe disso não, entendeu? Mas, assim, tecnicamente, eu sinceramente, eu não tenho muito, não penso em ir muito longe não, porque eu gosto mesmo é do trabalho de base.

Ela demonstra prazer em ser reconhecida, em divulgar o esporte, e mesmo sem remuneração ela faz o seu trabalho.

Ah, porque, isso aí é o amor no esporte, minha filha. Todo mundo que gosta de esporte faz.

Segundo ela, formar uma equipe na Escola demanda disponibilidade, horário, divulgação e trabalho sério, pois à medida que os alunos percebem que vão crescendo na modalidade esportiva, eles procuram ter maior participação. Orientar esse treinamento na Escola tem como objetivo a divulgação desse esporte, haja vista que sua história de vida é marcada pela sua atuação nessa modalidade. Portanto, a vitória, o resultado, a divulgação dos bons resultados e (talvez) a expectativa de reconhecimento da Escola com relação ao seu trabalho voltado para o esporte representam o produto de um trabalho desenvolvido ao longo de sua trajetória de vida, o qual ela tem um imenso prazer em desenvolver.

O professor de atletismo esclarece que não espera recompensa financeira, pois, além de ser pouco remunerado pelo trabalho com a equipe da Escola, não é remunerado pelo Clube:

Não faço esperando recompensa nenhuma. Primeiro que eu faço porque eu gosto, né. Esse eh, eu tenho muito amor a profissão, gosto muito da minha profissão. Também acho que como professor, graças a Deus eu estou super satisfeito. Ainda acho que desenvolvo um trabalho mais ou menos. Então, acho que talvez uma missão que tenho de fazer isso aqui, eh, né, de ajudar ao próximo dessa maneira. Cada um ajuda do jeito que pode. Eu estou ajudando dentro do esporte ali, acho que estou né? Parte do complemento e principalmente as pessoas né. Eu não me sinto realizado ainda, assim, de, de falar '- ah cumpri minha missão!'. Não é isso. Mas não só aqui, mas também dentro desse grupo nosso, a gente faz assim.

Como vimos, vários são os significados atribuídos ao esporte na Escola. Os professores ensinam esporte por acreditar que ele seja capaz de contribuir na formação da cidadania desenvolvendo valores, atitudes, disciplina, mantendo a saúde, buscando afastá-los das drogas; já os alunos, apesar de também reconhecerem a prática esportiva como possibilidade de manutenção da saúde, ressaltam a estética, a ascensão social, a socialização, a integração e, sobretudo, o prazer e a diversão como os principais motivos de envolvimento deles nessas práticas. Assim, os/as alunos/as da Escola nos apontam caminhos para o ensino do esporte nas aulas Educação Física.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retornando ao problema que originou este trabalho, percebo a impossibilidade de apreender toda a complexidade que envolve as diferentes formas de participação dos alunos/as nas práticas esportivas, bem como a multiplicidade de significados que lhes são atribuídos.

Apesar disso, nesta pesquisa pude identificar alguns aspectos relevantes que contribuem para a elaboração de respostas às perguntas que nortearam este estudo. *Que práticas de esporte realizam professores/as e alunos/as na escola? Como participam dessas práticas? Quais os elementos que possibilitam e/ou limitam essa participação? Que significados atribuem a essas práticas esportivas?*

As informações obtidas mostram que o esporte ocupa diferentes tempos e espaços da Escola, tanto nas atividades regulares como nas esporádicas. Nas aulas de Educação Física, apesar de apresentarem características de esporte de alto rendimento, distanciam-se desse tipo de esporte à medida que também utilizam regras criadas pelos/as alunos/as. Sob a forma de projetos, a Escola encontra formas de continuar oferecendo as práticas esportivas para os/as alunos/as do noturno, que estariam discriminados conforme mostram Sousa e Vago (1997) ao analisarem as implicações da atual LDB no ensino noturno. Nos projetos destinados ao noturno, as práticas esportivas desenvolvidas possibilitam vivências lúdicas, que transcendem o esporte, uma vez que nesses espaços os/as alunos/as compartilham o ambiente, realizando atividades de interação social. Nos projetos destinados aos treinamentos de equipes esportivas para representar a Escola, verifica-se que esses espaços não são apenas de aprendizagens de técnicas esportivas e de regras, mas também de sociabilidade. As Olimpíadas da Escola, momento em que eram previstos fragmentos do ritual olímpico moderno na sua realização, e os esportes promovidos e organizados pelos/as alunos/as, que rompiam com esses rituais, mostram a pluralidade de práticas esportivas realizadas por professores/as e alunos/as da Escola.

A existência de diferentes práticas esportivas na Escola ocupam tanto os espaços e tempos institucionalizados como componentes curriculares quanto os criados pelos alunos/as, muitas vezes sem a presença do/a professor/a. Cada uma delas apresenta diferentes características, dependendo do momento e dos sujeitos envolvidos, num processo permanente de inclusão e exclusão.

Pude verificar, como nos alerta Vânia Rodrigues (2002, p.121), que o excluído das práticas esportivas participa, só que em outras dimensões. “A inclusão é dialética, pois todos os sujeitos estão incluídos, porém de modos diferentes, de formas desiguais e até perversa.” Os excluídos, de alguma forma, são participantes à medida que interagem com uma realidade, utilizando suas linguagens e códigos, sociabilizando-se, criando seu mundo, com suas relações e suas histórias. Portanto, ao invés de afirmar que estão excluídos, pode-se dizer que são sujeitos criadores de novas formas de participação, de acordo com suas condições. Assim, se não atuavam como jogadores, buscavam diversificadas formas de participação, como técnicos, torcedores, organizadores ou, ainda, participavam daquele momento criando formas de expressão corporal e de comunicação com o outro.

Assim, como sugere o Coletivo de Autores (1992, p.71), predomina um momento de criação e liberdade dos/as alunos/as, do coletivo sobre o individual, do compromisso, da solidariedade e do respeito humano, da compreensão de que jogo se faz *com* o outro, e não *contra* o outro.

No caso da Escola, as condições individuais dos alunos/as, bem como as de caráter econômico e sociocultural, constituem elementos limitadores ou facilitadores da participação nas práticas esportivas, orientadas por normas, princípios educativos e valores do esporte de alto rendimento, coerentes com os da sociedade de modo geral.

Nas práticas esportivas desenvolvidas na Escola, nem sempre se manifestaram as características do esporte de alto rendimento, destacadas por Bracht (1997) e Kunz (1994), quais sejam: a competição, o caráter seletivo, a exigência do máximo de rendimento físico e técnico, a busca do recorde, a adoção de normas padronizadas, a cientificação do treinamento e a busca da vitória.

Nas práticas que buscavam a preparação das equipes para as competições na Escola e fora dela, os professores se orientavam por alguns desses princípios e valores, uma vez que adotavam como meta principal a vitória. Dessa maneira, as equipes eram constituídas por meio de um processo de seleção da “elite” esportiva, considerando as características genéticas, habilidades, sexo e idade dos estudantes. A essa “elite” permitia-se maior possibilidade das vivências esportivas tendo como referência o esporte de alto rendimento. Entretanto, nem todos os membros dessas equipes tinham as mesmas possibilidades, pois havia uma hierarquização da própria “elite”. A adoção dessas e de outras normas limitava a um número reduzido os membros das equipes da Escola que participavam das competições, padronizadas pelo Sistema Esportivo Nacional.

Mas, nessas práticas, nem tudo ocorria sob normas e valores do esporte de alto rendimento, pois alunos e alunas faziam desse conjunto um espaço de cooperação, ajuda mútua e vivência lúdica, às vezes, com a permissão dos professores. Essas possibilidades se ampliavam nas práticas esportivas organizadas pelos professores, cujos objetivos não se relacionavam com a busca da vitória, como o que ocorria nas aulas de Educação Física.

As práticas esportivas da Escola se distanciavam ainda mais dos princípios, normas e valores do esporte de alto rendimento quando eram organizadas pelos alunos e alunas. Nelas, os estudantes, sem perder de vista o desejo da vitória na competição, criavam regras próprias, ampliando as possibilidades de acesso a um maior número de participantes, buscando o prazer em *jogar com o outro*, “reinventando o esporte”, como diz Assis (2001).

Assim, eles criam e recriam suas práticas esportivas, exaltando o direito à participação e fazem das regras apenas um parâmetro a ser modificado de acordo com suas necessidades.

Dessa maneira, as práticas esportivas desses adolescentes se assemelham às vivenciadas pelas crianças da escola estudada por Vago (1997, p.90), assim descritas:

As crianças realizavam as suas práticas corporais lúdicas. Elas parecem lançar sinais de chamamento na direção da Educação Física. sinais que se expressam, que se manifestam ludicamente num corpo que insiste em sua humanidade, jogando, brincando, fazendo estripulias, coisas de criança. Práticas corporais lúdicas de afirmação da humanidade dos humanos, no encontro consigo mesmos, com seus parceiros da vida, com a própria vida.

Mas isso também não é uma unanimidade entre os/as alunos/as. Alguns deles insistem em adotar as normas do esporte de alto rendimento, reconhecendo as práticas sistematizadas como legítimas.

Assim, vimos que essas práticas esportivas produziam um permanente movimento de apropriação, em que ora se assemelhava ao do esporte de rendimento, ora ao esporte da escola.

Também Faria (2001), em seu estudo sobre esse tema, mostra que o esporte na escola se orientava por rivalidades, disputas, competição, seleção, exclusões e inclusões e, ao mesmo tempo, por relações de solidariedade, respeito ao outro, amizade e cooperação.

As informações obtidas também mostram que essas práticas são desenvolvidas sob um emaranhado de princípios e significados atribuídos por professores/as e alunos/as, destacando as possibilidades de ascensão social, que é muitas vezes ilusória, por causa das diversas condições necessárias para conquistá-la; A aquisição de valores e atitudes

problematizados em torno de uma concepção de mundo, de homem e de sociedade podem contribuir para a formação de condutas consideradas positivas em nossa sociedade; a construção de redes de relações sociais, as quais não são desencadeadas uniforme e harmoniosamente, sendo identificados acordos e/ou conflitos nessas relações, que superados permitem aos alunos construir e serem construídos como sujeitos sociais, e a possibilidade de vivências lúdicas, identificadas especialmente nas atividades livres e/ou naquelas que eles atribuem significados de liberdade, como nas Olimpíadas, acontecimento em que pareciam festejar com muita criatividade, e nas brincadeiras intitulada por eles como Futebol **Arte**.

A possibilidade das práticas esportivas estabelecerem relações sociais e vivências lúdicas em parceria com o outro se aproximam das idealizadas por Novaes (1996, p.54), quando afirma:

O esporte é talvez a forma mais ampla de exercer a solidariedade, de socializar-se, através da participação. Essa socialização pode começar cedo, na escola, no convívio em grupo. Ao integrar-se numa torcida, integrar-se no imaginário de uma paixão clubística, a criança descobre uma outra forma de participação, de mergulho no coletivo. [...] O esporte pode ser ainda um ritual de participação, de integração, na amizade que une os adolescentes que jogam juntos.

Assim sendo, identifica-se uma rede de significados de esporte tecida por nossa sociedade, incorporada à nossa cultura e expressa pelos alunos e professores da Escola, os quais modificam a sua forma e cor, à medida que manifestam o seu impulso lúdico.

Faria (2001) constata a concretização desse ideal no cotidiano de uma escola. Mas ressalta que esses significados são ambíguos, estruturados em uma tecitura de dominação, alienação, prazer, ludicidade e emancipação. E afirma que, apesar dos princípios, regras, normas, valores do esporte oficial, estas, muitas vezes, são apenas norteadoras, pois o esporte na escola é (re)interpretado pelos seus atores que lhe atribuem diferentes significados. Assim, além da apropriação de regras, princípios e normas oficiais dos esportes, tem-se também normas e regras escolares, produzidas na tensão entre “regulamentos rígidos e a transgressão criadora.”

Esta pesquisa me faz ressaltar as idéias de Vago (1997), quando diz que precisamos repensar a nossa ação docente na escola no sentido de ressignificar o ensino do esporte na direção do que nos indicam os/as alunos/as. Acredito que no âmbito da pesquisa acadêmica seja extremamente relevante a realização de estudos que procurem dar centralidade às práticas esportivas que alunos/as constroem cotidianamente nas escola, pois essas práticas

contribuem, com certeza, para repensarmos o nosso ensino na Educação Física, no sentido de fazer dela tempo e lugar

de invenção de outras maneiras de fazer os esportes, as danças, a ginástica, os jogos, as lutas, os brinquedos, as brincadeiras; de questionamento dos padrões éticos e estéticos construídos culturalmente para a realização dessas e de outras práticas corporais; de realização do princípio de que os alunos e as alunas podem (e devem) se colocar à disposição de si mesmos quando partilham, fruem, usufruem, criam e recriam as práticas corporais da cultura; de garantia do direito de todos (as) participarem, sem exclusão por nenhum motivo; de respeito à corporeidade singular a cada um, construída em sua história de vida. (VAGO, 1999, p. 44)

Ao finalizar esta pesquisa, percebo que a trajetória percorrida me coloca diante de novos desafios, nesse universo ainda pouco explorado. Acredito que no âmbito da pesquisa acadêmica seja extremamente relevante a realização de estudos que procurem dar centralidade às práticas esportivas e aos saberes que alunos e alunas vêm construindo cotidianamente nas escolas, pois essas práticas e saberes podem contribuir para repensar o processo de ensino da Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA JÚNIOR, Admir S. *Saber docente e prática cotidiana: construindo uma nova proposta de ensino de educação física na escola*. 2002. 152p. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação da PUC — Belo Horizonte.

ALTMANN, Helena. *Rompendo fronteiras de gênero: Marias [e] homens na educação física*. 1998. 111p. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação da UFMG — Belo Horizonte.

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith e GEWANDSZNAJDER, Fernando. *O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa*. São Paulo: Pioneira, 1998.

ANDRÉ, Marli Eliza D. A. de. *Etnografia da prática escolar*. 4. ed. São Paulo: Papirus, 1995.

ASSIS DE OLIVEIRA, Sávio. *Reinventando o esporte: possibilidades da prática pedagógica*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001. 217p.

BERTI, Mário (obra póstuma); BERTI, Raffaello. *Projeto memória*. Belo Horizonte: Silma Mendes Berti/AP Cultural, 2000.

BETTI, Mauro. *A janela de vidro: esporte, televisão e educação física*. 1997. (Tese de Doutorado) — Faculdade de Educação da Unicamp. Campinas.

BILKLEN, Sari Knopp e BOGDAN, Robert C. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto, 1994. (Coleção ciências da educação)

BRANDÃO, Carlos. *Cavalcadas de Pirenópolis: um estudo sobre representações de cristãos e mouros em Goiás*. Goiânia: Oriente, 1974.

BRASIL. *Lei 9.394/96 de 20 de dez. 1996*. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BURGESS, Robert G. *In the field: an introduction to field research*. London UNWIN HYMAN, 1984. 245p.

BRACHT, Valter. *Educação física: a busca da legitimidade pedagógica*. jul., 1991. (Mimeo.)

_____, Valter. *Aprendizagem social e educação física*. Porto Alegre: Magister, 1992.

_____, Valter. *Sociologia crítica do esporte: uma introdução*. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997. 133p. (Coleção Gnosis; 8).

_____, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Corpo e Educação*. Cadernos Cedes, ano XIX, n.48, p. 69-88, ago. 1999.

CARVALHO, Yara. *O "mito" da atividade física e saúde*. São Paulo: Hucitec, 1995. 133p.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992. 119p.

DA MATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte*. 2001. (Tese de Doutorado) — Faculdade local

DEBUS, Mary; NOVELLI, Porter. *Manual para excelencia en la investigación mediante grupos focales*. Washington: Academy for Educacional Development, 1988. 97p.

FARIA, Eliene L. *O esporte na cultura escolar: usos e significados*. 2001. 163p. (Dissertação de mestrado). Faculdade de Educação da UFMG — Belo Horizonte.

FARIA, Eliene L. & ROSA, Maria C. Produzindo espaços, apropriando-se de lugares: o brincar da rua e da escola a partir das contribuições de Michel de Certeau. In: *Licere* — Revista do Centro de Estudos de Lazer e Recreação / EEF / UFMG, v.3, n.1, p.46-60, 2000.

FONSECA, Cláudia. *Quando cada caso não é um caso: pesquisa etnográfica*. Caxambu: XXI Reunião Anual da ANPED, n. 10, 1999.

GARÍGLIO, José Ângelo. A prática esportiva da Escola: uma abordagem multiculturalista. *Presença Pedagógica*, v.8, n.44. p. 45-53, mar./abr.2002.

GARÍGLIO, José Ângelo. *O ensino da educação física nas engrenagens de uma escola profissionalizante*. 1997. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação da UFMG — Belo Horizonte.

GARÍGLIO, José Ângelo. Proposta de inserção da educação física no currículo dos cursos de engenharia industrial do CEFET-MG. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.21, n.1. p. 151-158, set. 1999.

GAYA, Adroaldo (coord.). *Projeto esporte Brasil — PROESP - BR — indicadores de saúde e desempenho esportivo em crianças e jovens*. Rio Grande do Sul: Ministério do Esporte e Turismo. p. 2-16, 2000. (mimeo.)

GEERTZ, Clifford. *O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes. 1998.

GONÇALVES, Luiz Alberto O. Tempo/espaço dos sujeitos socioculturais na educação física/ciências do esporte: uma perspectiva sociológica. In: *Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte*. v. 21, n.1, p. 92-99, set. 1999.

GUIMARÃES, Ana Archangelo. Educação física escolar: Atitudes e valores. In: *Revista Motriz*, v.7, n.1. p.17-22, jun./jul. 2001.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Injuí: Unijuí, 1994. 152p.

LOVISOLO, Hugo. O princípio de cooperação. In: *Memórias: Conferência Brasileira de Esporte Educacional*. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996.108p. (53-74)

_____, Hugo. *Estética, esporte e educação física: ensaios*. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MORGAN, David L. *Focus groups as qualitative research*. Newbury Park, Calif.: Sage Publications, c 1988.

NOVAES, Washington. O princípio da participação. In: *Memórias: Conferência Brasileira de Esporte Educacional — Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama filho*, 1996.108p. (75-78)

QUEIRÓS, Ilse I. Festa e dança: vivências lúdicas de lazer. *Licere: Revista do centro de estudos de lazer e recreação/ EEF / UFMG*. v.4, n. 1, p. 61-79, 2001.

ROCKWELL, Elsie. Etnografia e teoria na pesquisa educacional. In: EZPELETA, Justa; ROCKWELL, Elsie. *Pesquisa participante*. São Paulo: Autores Associados, 1989. p.31-54.

RODRIGUES, Vânia R. Condições e Processo da Educação de crianças moradoras de rua. 2002. 145p. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação da UFMG — Belo Horizonte.

ROESE, Mauro. A metodologia do estudo de caso. *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre, v. 9, p.189 - 200, 1998.

SANTIN, Silvino. *Educação física: Da alegria do lúdico à opressão do rendimento*. Porto Alegre: EST/ESEF — UFRGS, 1994.

SANTIN, Silvino. Esporte co-educação: em busca de princípios que possibilitem pensar a co-educação do esporte. In: *Memórias: Conferência Brasileira de Esporte Educacional*. Rio de Janeiro: Editoria Central da Universidade Gama Filho, 1996.108p. (17-41)

SCHIMIDT, Richard A. & WRISBERG, Craig, A. *Aprendizagem e performance motora: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema*. 2ª ed. Porto Alegre: Artemed Editora, 2001. 352p.

SILVEIRA NETO. *História do Colégio Municipal*. Belo Horizonte: Gráfica do Colégio Municipal Marconi, 1973.

SOARES, Carmen Lúcia. *Corpo, prazer e movimento*. São Paulo: SESC.2002.

_____, Carmen Lúcia. *Educação física: raízes européias e Brasil*. Campinas: Autores Associados, 1994.167p.

SOARES, Cláudia Caldeira. *A construção da escola plural: um estudo sobre a apropriação da Escola Plural pelos professores do 3º ciclo de formação do Ensino Plural*. 2000. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Educação da UFMG — Belo Horizonte.

SOUSA, Eustáquia Salvadora de. *Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da educação física em Belo Horizonte — 1897/1994*, 1994. (Tese de Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação da Unicamp. Campinas.

SOUSA, Eustáquia S.; VAGO, Tarcísio M. O ensino de educação física em face da nova LDB. In: *Anais do XI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte* (Org.). Educação física escolar frente à LDB e aos PCNs: Profissionais analisam renovações, modismos e interesses. Ijuí: Sedigal, 1997.

SOUSA, Eustáquia S.; ALTMANN, Helena. *Meninos e meninas — Expectativas corporais e implicações na educação física escolar*. Cadernos Cedes, ano XIX, n. 48, p. 52-68, ago.1999.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado; história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385p.

VAGO, Tarcísio Mauro. "O esporte na escola e o esporte da escola: da negação radical para uma relação de tensão permanente - um diálogo com Valter Bracth". *Revista Movimento*, Porto Alegre: Escola Superior de Educação Física, UFRGS, Ano III, n.5, 1996.

VAGO, Tarcísio Mauro. Das escrituras à escola pública: a educação física nas séries iniciais do ensino fundamental. In: SOUSA, Eustáquia S.; VAGO, Tarcísio M. (Org.). *Trilhas e partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais*. Belo Horizonte: Gráfica e editora Cultura Ltda, 1997.(p.59-93)

ZABALA, Antoni. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 224p.